1000
PENSAMENTOS
DE
ADOLF HITLER

1000
PENSAMENTOS
DE
ADOLF HITLER

ESCOLHIDOS E ORDENADOS
POR EDUARDO FRIAS



EDIÇÕES ALMA - LISBOA
1941

EDIÇÕES ALMA
LISBOA - 1941

1000
PENSAMENTOS
DE
ADOLF HITLER

PREFÁCIO

Em 1914, quando definitivamente se encerrava o século XIX e os primeiros tiros de canhão da Grande Guerra inauguravam a Nova Idade, um austríaco desconhecido enviou directamente uma carta ao Rei Luís III, solicitando autorização e a honra de tomar parte num regimento bávaro.

O pedido obteve resposta favorável.

O desconhecido, nascido na pequena cidade de Braunau no Inn, situada na fronteira austro-alemã, fremente de entusiasmo, breve partia para a frente de batalha, onde, a cada tufão de aço que passava sôbre a sua cabeça e as dos seus companheiros, ao mesmo tempo que do solo se levantava a terra molhada da chuva, da neve, da lama e do sangue, elevava-se mais alto o som da canção: "Deutschland, Deutschland, über alles, über alles in der Welt!"

Dois anos depois, em Outubro de 1916, foi ferido. Transportado para a rectaguarda, daqui seguiu, em combóio para a Alemanha.

Em princípios de Março de 1917, volta a encontrar-se de novo no seu regimento, perdido, ainda anónimo, nos horrores da "frente".

Na noite de treze de Outubro, na frente sul do Ypres um violento bombardeio, a gás, dizimou grande parte dos seus companheiros. Êle próprio, no dia seguinte, fora obrigado a retirar, atingido pelos gases implacáveis. Quando o conduziram para o hospital, os seus olhos eram dois carvões incandescentes.

Seis anos mais tarde, êste soldado dava entrada, por motivos políticos, no presídio militar de Landsberg, sôbre o Lech, e aí escreveu a obra "Mein Kampf", que os alemães veneram como Livro do povo alemão e o evangelho do seu ressurgimento.

Nove anos depois, sentava-se na cadeira de Bismarck!

Era o Chanceler do Reich, Adolf Hitler!

O mundo, atónito, traíndo a gravíssima incapacidade de se elevar à compreensão das mais nobres possibilidades humanas, dissimulando a preguiça e a impotência na falsa actividade do escárneo, preguntava:

Como é possível?

E metòdicamente, com êsse ilusório método de submissão aos factos sem significação, que é um dos maiores pecados em que se aviltou a cultura, devassava-se a sua vida.

Adolf Hitler, aínda criança era já um rebelde. Na escola, só estudava o que muito bem queria, o que melhor se adaptava às suas obstinadas preferências. Seu pai quisera fazer dêle funcionário público ao que êle opôs sempre a mais viva resistência.

No exame de admissão à Academia de Belas Artes de Viena, onde se apresentara cheio de confiança e de sonhos de glória como pintor, conhecera o doloroso vexame da reprovação. O director da Academia aconselhou-o a seguir a arquitectura.

Aos treze anos, repentinamente, perdeu seu pai. Bem poucos anos depois sofria outro doloroso golpe: o falecimento de sua mãe.

Com uma pequena mala de roupa e uma imperturbável vontade de vencer, seguiu para Viena, a cidade das mais tristes recordações da sua vida. Aí passou fome e sofreu as variadas mortificações do abandono. Aí, como pintor e operário da construção civil, conheceu os mais obscuros fundamentos da questão social.

Pendurado nos andaimes, em discussões com os marxistas seus companheiros de trabalho, muitas vezes correu o risco de ser arremeçado à rua, vítima do terrorismo que arrebatara os trabalhadores à comunidade nacional.

O mundo alinhava estes e outros factos a que é comum chamar-se uma biografia e como daí não resultasse uma explicação sôbre a marcha ascen-

cional dêste filho do povo que veio a ser o "Führer" do seu povo, em vez de se elevar à espiritualidade, eterna fonte de todos os prodígios, baixou-se a pedir o socorro da grosseria.

Em vão, escritores tão insuspeitos como León Daudet, que nas mais líricas frases musicais de Wagner descortinava a sorrateira incursão de uma patrulha germânica, clamavam contra a perigosa insensatez de injuriar um homem que, pelo menos, o mais cuidadoso estudo merecia.

Só políticos desvairados e medíocres ousariam amesquinhar aquele a quem desdenhosamente chamavam "pintor de tabuletas" e "chefe de bando" que, como observava e advertia León Daudet, em 1933, em três anos, apenas, conseguira:

"limpar completamente a Alemanha, da social-democracia, do marxismo e de tôda a turba eleitoral e parlamentar que vivia à sombra da fábula, complicada e brutal, do falso profeta de Israel;

aniquilar o partido católico alemão, êsse famoso "Zentrum" que tanto dera que fazer a Bismarck, e que sem a menor resistência sucumbiu diante de Hitler;

aniquilar a potente infiltração judaica, cuja reacção se limitou a alguns clamores e protestos, atrás dos quais se sente uma forte admiração pelo perseguidor e o desejo, vão, de obter a todo custo as suas graças;

submeter à sua vontade os grandes proprietários fundiários da Prússia Oriental."

Como fôra possível?

Onde se esconde o mistério das origens e eficácia da acção de Hitler?

Como pôde êste homem, sem ter recebido uma educação superior, alcançar a posição de supremo educador do seu povo e retirá-lo do nada, da inação, do cativeiro, do flagelo do desemprêgo e de tôdas as conseqüências da derrota e conduzi-lo aos mais altos destinos dum povo superior que encontra

a sua via?

Dificilmente, os filhos duma época que deixou as potências da inspiração e a capacidade das mais necessárias intuições diminuirem-se perante as construções ideológicas dum cientismo negador e propício à mecanização, poderão compreender a origem e significação do problema do aparecimento e do triunfo de Hitler.

O maior flagelo dos nossos tempos, a peste do desemprêgo, só por si acusa uma falta, uma pavorosa incapacidade de iniciativa que não é mais, afinal, do que a falência espiritual e moral duma época que se deixou invadir e dominar pelo materialismo.

O triunfo de Hitler, no prodigioso combate ao desemprêgo, basta para o colocar no plano de regeneração espiritual e moral que, sendo objecto da religião e o verdadeiro fundamento duma cultura, se opõem, até à negação violenta, às fórmulas cristalizadas duma suposta civilização cristã e às expressões dum intelectualismo defensor dos direitos da razão orgulhosa e estéril.

Esta regeneração espiritual comunicou-se à sociedade Uma grande massa de homens, que, por desemprêgo, se tornara escrava das mais cruéis potências da necessidade, reintegrada no trabalho, volta a crer na eficácia do trabalho, como instrumento de redenção, retoma o caminho perdido da liberdade, afasta o perigo da profanação dos seus mais altos destinos.

Assim, em si mesmo, e particularmente no que mais pode interessar para uma introdução a uma colectânea de "Pensamentos" do autor de "Mein Kampf", o problema de Hitler é essencialmente um problema de cultura.

A sua ascenção ao poder como a sua prodigiosa transformação da Alemanha, não se limita, nem pode encontrar explicação num simples fenómeno político.

Só a perturbação da atenção pública alimentada pelo ódio das paixões sectárias e pelas competições mesquinhas de interêsses políticos e económicos, assim o poderiam supor.

A exacta posição de Hitler no mundo da cultura e da confusão que ela revelou, é idêntica à das grandes crises, na História da civilização, em que a impotência do intelectualismo já se não dá conta de que está em oposição à própria inteligência, a qual, eterna, livre e contìnuamente renovada, se não amolda às construções ideológicas que cristalizaram em sistemas, programas e teorias condenadas à inutilidade.

É o que acontece quando os instrumentos e instituições duma cultura ou duma civilização já não são suficientes para evitar a degradação do homem.

É o que não pode deixar de advir quando numa época de cultura mecanizada, a inspiração é tida como um termo mitológico, isto é, sem significação e, muito menos aínda, sem eficácia sôbre o que tão impròpriamente se chama a realidade.

O triunfo de Hitler é a vitória do ideal, como potência viva, contra as construções ideológicas mumificadas em programas ou esterilizadas pelo egoísmo particularista dos sistemas.

Essa potência viva do ideal renovado e renovador tem a sua origem num tipo de conhecimento mais profundo e numa vontade melhor orientada e mais pura que as do seu tempo.

É um conhecimento que não é feito do exclusivismo dos sistemas filosóficos, da ligeireza do intelectualismo, da estreiteza da técnica, do decadentismo da estética, do utilitarismo da economia, das sublimes ingenuidades do misticismo, das obscuridades, sem contacto com a realidade da metafísica ou da fatalidade das combinações da política. É um conhecimento que se não limita a qualquer dêstes particularismos em que a unidade do verdadeiro saber se dividiu, quando o homem, cansado da falsa cultura, desorientado com as crises da civilização, tomou como verdadeira luz a aurora trágica, o luar negro das grandes cisões espirituais.

É êsse conhecimento que Hitler possue, o qual, pelo alargamento das fronteiras da possibilidade, levou muitas criaturas de boa fé e com algum desenvolvimento intelectual, a afirmarem que as instituições de Hitler tinham a sua secreta origem nas mais ousadas práticas da magia!

É aquele conhecimento que só se obtém no contacto com os mistérios da morte na aceitação do supremo valôr da vida e que se traduz no sacrifício interior de si, e se revela na alegria imensa de servir, de se votar aos mais puros interesses duma comunidade.

É aquele conhecimento, cuja luz os mais penetrantes místicos de outras eras em que melhor se cuidava da técnica da sabedoria, diziam que se obtinha, entre outros meios, com o banho das lágrimas no momento sem igual em que a vida se revela em tôda a sua significação suprema.

Foi êsse momento que Hitler conheceu, quando, com os pés fincados na terra ensopada de sangue dos seus camaradas e com os olhos a arder, atacados pelos gases, deixou de ver os limites das coisas, dos seres ou dos seus fantasmas e viu, com os olhos de seu povo, no segrêdo da iluminação interior, as letras de fogo da eterna lei que, em todos os tempos, reergue os povos e os homens caídos na desgraça.

Mais tarde, no hospital de Pasewalk, na Pomerânia, a revelação do seu destino deveria visitá-lo de novo como numa confirmação.

Foi quando, cego, ouvira contar como a Alemanha fôra obrigada a pedir um armistício. Aí se deu o banho das lágrimas!

Tamanha foi a dôr, a dôr reveladora, da desgraça da sua Pátria, que bem se poderá dizer que, pelos olhos martirizados de Hitler, as lágrimas duma nação derrotada encontraram o seu mais forte poder de expressão e o seu mais veemente apêlo às mais recônditas energias dum povo que não quer morrer e é capaz de oferecer ao mundo uma mensagem de confiança num melhor destino do homem.

Assim se formou o gênio de Hitler, que não é um gênio individual, mas a expressão de um gênio nacional. Dêste modo devem constituír elementos de alto valôr todos os estudos sérios ou antológicos da sua obra escrita que se afastem das mesquinhas lutas políticas e se elevem às alturas serenas do pensamento verdadeiramente orientador e fecundo.

Março de 1941 – EDUARDO FRIAS

PREFÁCIO II:
As considerações de Jung sôbre Hitler

Em 21 de Junho de 1937, Jung[1], já a ocupar a presidência da Sociedade Médica Internacional para Psicopatia, responde a uma entrevista na chamada Rádio Berlim. Jung participou de uma conferência de mesmo nome, e posteriormente retomou parte de seu conteúdo aos ouvintes. Em dado momento, observa que o nacionalismo alemão emergente não poderia ser mais que fruto da juventude alemã:

> "Existe, de facto, uma enorme diferença entre a atitude psíquica dos alemães e a dos europeus ocidentais. O nacionalismo que os europeus ocidentais conhecem parecem-lhes uma espécie de chauvinismo, e êles não podem entender como é que, na Alemanha, se tornou uma força construtora da nação, pois o nacionalismo, para êles, ainda significa sua própria marca de chauvinismo. Essa peculiaridade dos alemães só pode ser explicada pela juventude da nação alemã".

Quando perguntado sôbre "como se explica a segurança da juventude alemã na busca da sua meta visionária", Jung afirmou que

> "A segurança da juventude alemã na busca de suas metas parece-me ser algo muito natural. Em tempos de tremendo movimento e mudança, só se pode esperar que a juventude se apodere do leme, pois só ela possue a audácia, o impulso e o senso de aventura para fixar um novo rumo. No fim das contas, é o futuro dos jovens que está em jogo. É a felicidade e a capacidade de experimentação neles".

Ao ser questionado sôbre o papel da Psicologia em prol da vida e da comunidade como um todo, e não em promover o individualismo, Jung,

---

1 CARL GUSTAV JUNG (1875-1961), médico psiquiatra suíço, foi discípulo de Freud, mas rompeu com o mestre e fundou a chamada "psicologia analítica". Considerou a existência de um "inconsciente coletivo" formado por sonhos, símbolos e mitos que transcenderiam o tempo e as culturas e seriam expressões da alma humana. Formulou o conceito de sincronicidade, isto é, um tipo de coincidência que ganha um significado especial para a pessoa a ponto de mudar suas escolhas conscientes.

ao falar da consciência de si, da necessidade do autoconhecimento, cita Hitler:

> "Como Hitler disse recentemente, o líder deve ser capaz de estar só e deve ter a coragem de seguir seu próprio caminho. Mas se êle não conhece a si mesmo, como poderá liderar os outros?"

Em uma entrevista para o texano H. R. Knickwebocker, em 1939, Jung descreve que Hitler seria uma figura genuinamente mística, sôbre a qual "nunca se viu coisa parecida neste mundo desde o tempo de Maomé".

> "Nos anos de pré-guerra, a Alemanha nacional-socialista ajudou a organizar um congresso mundial pan-islâmico em Berlim. A própria Berlim foi lar para florescentes comunidades muçulmanas e budistas, de muitos povos, e a Mesquita de Berlim sustentou orações até durante os anos de guerra, guardada por árabes, indianos, turcos, afegãos, entre outros (...). Foi lar para exilados de muitos povos, incluindo respeitados indivíduos como Subhas Chandra Bose, líder do Exército Nacional Indiano, e Mohammed Amin Al-Husseini, o Grande Mufti de Jerusalém".

Jung identificou em Hitler uma espécie de "megafone que amplia os murmúrios inaudíveis da alma alemã", tendo sido o primeiro homem a traduzir os sentimentos e pensamentos dos alemães. Seu poder era de ordem inconsciente, mágica, sendo um líder consagrado, que não agia de acordo com a própria vontade.

> "Assim, sendo o inconsciente o receptáculo da alma de 78 milhões de alemães, Hitler é poderoso e, com sua percepção inconsciente do verdadeiro equilíbrio das forças políticas no interior e no mundo, tem conseguido até agora ser infalível".

Quando fôra perguntado sôbre um possível casamento de Hitler, Jung foi claro: acreditava que Hitler não poderia casar, pois, se assim o fizesse, deixaria de ser o líder de toda uma nação, pois "a verdadeira paixão de Hitler é a Alemanha".

Três anos após o término da Segunda Guerra, Jung, em seu artigo

"Sôbre a situação actual da Psicoterapia", causou escândalos ao afirmar que o "inconsciente ariano tem um potencial mais elevado que o do judaico". Os judeus, ao seu ver, seriam "um povo de 3 mil anos", e que, "Como relativamente nômade, nunca produziu, e presumivelmente nunca produzirá uma cultura própria, uma vez que todos os seus instintos e talentos requerem um novo anfitrião mais ou menos civilizado para o seu desenvolvimento".

Com isso, Jung identificava o carácter internacionalista do judaísmo. Conhecida, neste sentido, é a colocação do escritor judeu Bernard Lazare, o qual afirmou que justamente por esse carácter internacionalista é que, por fim, o judeu viria a ser alvo de hostilidades no seio dos povos onde reside:

> "Se a hostilidade e aversão contra o judeu tivessem acontecido num único país e numa determinada época, seria fácil determinar as razões desta raiva. Mas ao contrário, eles são desde muito o alvo do ódio de todos os povos, no seio dos quais ela viveu. Como os inimigos dos judeus pertenceram às mais diversas etnias, as quais habitavam regiões distantes entre si, tinham diferentes leis, dominadas por valores antagônicos, nem tinham os mesmos costumes, nem os mesmos hábitos e possuídos de espíritos distintos, então a origem comum do Anti-semitismo deve recair mesmo sobre Israel, e não naqueles que o combateram."

A FORÇA impulsora que despertou, juntou e movimenta 80 milhões de almas e as subordina à direcção dum condutor, o seu Führer, é um fenómeno que bem merece e não pode deixar de ser estudado. o destino da Europa, e talvez do mundo, como todos os problemas espirituais e económicos do nosso tempo, andam à sua volta.

Êste necessário estudo não pode fazer-se na atmosfera de agitação, sujeita às desfigurações dos aplausos partidários ou à propaganda acintosa dos adversários do nazismo.

O fim dêste livro destina-se a fornecer os elementos necessários para a compreensão justa da figura de Hitler, dentro das melhores regras que podem conduzir a um julgamento sereno: apresentação do seu modo de julgar as idéias e os factos; classificação das suas idéias no quadro do mais perfeito espírito crítico, que é ainda aquele que tem a sua melhor expressão numa antologia bem intencionada.

O editor

O HOMEM, A VIDA E O DESTINO

CONSIDERO hoje (1924) como uma feliz determinação da sorte que Braunau no Inn tenha sido destinada para lugar do meu nascimento.

Esta pequena cidade está situada nos limites dos dois países alemães cuja volta à unidade antiga deve ser a tarefa essencial da nossa vida e que devemos prosseguir por todos os meios.

❖

Na escola aprendia com facilidade, mas era difícil ser dirigido. Tornara-me um pequeno chefe de motins.

❖

As correrias ao ar livre, a larga caminhada para a escola, as relações com rapazes extrêmamente robustos – que muitas vezes causava à minha mãe os maiores cuidados – eram hábitos que poderiam preparar-me para tudo menos do que uma vida sedentária.

❖

Campos e florestas eram outrora a sala de esgrima na qual as antíteses de sempre vinham à luz.

❖

Aos quinze anos já eu compreendia a diferença entre patriotismo dinástico e nacionalismo. Êste último era o da minha preferência.

❖

Quem nunca se deu ao cuidado de estudar a situação interna da monarquia dos Habsburgos compreenderá mal esta inclinação. Tal preferência só poderia nascer, para quem habitava naquele Estado, do estudo escolar da História Universal. Com efeito haverá verdadeiramente uma História particular da Áustria? O destino dêste Estado está de tal modo ligado à vida e ao

desenvolvimento das coisas alemãs que separar a História em História alemã e História austríaca é, pròpriamente, um absurdo.

❖

Aínda jovem, na fase em que tudo nos sorri, nada me fazia tão triste como a idéia de ter nascido numa época em que tôdas as honras e glórias eram reservadas a negociantes ou a funcionários do Govêrno.

❖

Ah! Se tivesse sido possível eu ter nascido cem anos antes! Mais ou menos no tempo das guerras da independência, quando o homem, mesmo sem negócios, aínda valia alguma coisa!

❖

Já nos primeiros anos da juventude chegara à opinião, que não mais me abandonou, antes cada vez mais se fortificava, de que a segurança do germanismo pressupunha a destruição da Áustria; que o sentimento nacional não era idêntico ao patriotismo dinástico e que, antes de tudo, a casa do Habsburgos estava destinada a fazer a infelicidade do povo alemão.

Dessa convicção eu já tinha outrora tirada estas conseqüências: amor ao meu berço austro-alemão, profundo ódio contra o Govêrno austríaco.

❖

Na idade de dezassete anos, a palavra marxismo era-me pouco conhecida, enquanto que socialismo e social-democracia pareciam-me concepções idênticas.

Foi preciso, também neste caso, que o punho forte do destino me abrisse os olhos para essa maldita maneira de ludibriar os povos.

❖

Revolvendo a biblioteca de meu pai, depararam-se-me diversos livros sôbre assuntos militares, entre êles uma edição popular da guerra franco-alemã de 1870. Eram dois volumes de uma revista ilustrada daquele tempo. Tornaram-se a minha leitura favorita. Não tardou muito que a grande luta de heróis se transformasse para mim em um acontecimento da mais alta significação. Daí em diante, entusiasmava-me cada vez mais por tudo o que, de qualquer modo, se relacionasse com a guerra ou com a vida militar.

❖

Eu não queria ser funcionário público.

Nem conselhos nem sérias admoestações (de seu pai) conseguiram demover-me dessa oposição.

❖

Era para mim abominável o pensamento de sentar-me um dia em um escritório, não ser senhor do meu tempo e limitar-me a ter esta finalidade na vida: encher papelada.

❖

Nunca, em tempo algum, eu seria funcionário público.

Tôdas as tentativas para despertar em mim o amor por essa profissão, inclusive a descrição da vida de meu pai, malogravam-se, produziam o efeito contrário.

❖

Embora mal pensasse aínda sèriamente sôbre a minha futura vocação, de nenhum modo as minhas simpatias se dirigiam para a linha de vida seguida por meu pai. Creio que já nessa época o meu talento verbal se adestrava nas discussões com os meus camaradas.

❖

Eu queria ser pintor e de nenhum modo funcionário público.

E, coisa singular, com o decorrer dos anos aumentava sempre o meu interêsse pela arquitectura.

❖

Dentro de pouco tempo transformara-me em fanático nacional-alemão, designação que nada tem de idêntica à concepção do actual partido com êsse nome.

❖

O problema da minha profissão decidiu-se mais ràpidamente do que eu supunha. Aos treze anos, repentinamente, perdi meu pai. Aínda muito vigoroso foi vítima dum ataque apoplético, que, sem lhe provocar qualquer sofrimento, encerrou a sua peregrinação na terra, mergulhando-nos na mais profunda dôr. O seu grande desejo de me facilitar a existência, poupando-me a vida de dificuldades que êle próprio experimentara não fôra realizado. No entanto, sem o saber, lançou as bases dum futuro que, nem êle, nem eu, havíamos previsto.

❖

Minha mãe, de acôrdo com os desejos de meu pai, sentia-se no dever de continuar a minha educação, orientando os meus estudos para a carreira de funcionário. Eu, porém, mais do que nunca, estava disposto a não ser burocrata. À proporção que na escola, as matérias a estudar ou a maneira de ensinar se afastavam do meu ideal, tornava-me indiferente do estudo.

❖

Inesperadamente uma enfermidade veio em meu auxílio, e em poucas semanas decidiu do meu futuro, pondo termo à constante controvérsia na casa paterna. Uma grave afecção pulmonar fêz que o médico aconselhasse

minha mãe a não permitir que, de futuro, eu me entregasse a trabalhos de escritório. A freqüência à escola profissional, pelo menos por um ano, deveria ser suspensa.

❖

Minha mãe receando pela minha saúde, consentiu, finalmente, em tirar-me da escola profissional e em deixar-me freqüentar a Academia. Aquilo que eu tanto desejava e por que tanto me batera, ia, por fôrça daquela circunstância, transformar-se em realidade. Foram os dias mais felizes da minha vida. Parecia quási um sonho. E, na realidade, de sonho não passaram...

❖

Dois anos mais tarde, o falecimento de minha mãe dava a estes belos projectos um inesperado desenlace. A sua morte sobreveio da longa e dolorosa enfermidade que, logo de comêço, pouca esperança de cura nos oferecia. Mas assim mesmo, o golpe atingiu-me profundamente. Eu respeitava muito meu pai, mas por minha mãe tinha verdadeiro amor.

❖

A pobreza, a dura realidade da vida forçaram-me a tomar uma rápida resolução. Os poucos recursos económicos deixados por meu pai foram quási esgotados durante a grave enfermidade de minha mãe. A pensão que me coube como órfão não era suficiente nem para as mais imperiosas necessidades. Estava escrito que eu, de uma maneira ou de outra, deveria ganhar o pão com o meu trabalho. Então, com uma pequena mala de roupa e com o coração cheio duma vontade imperturbável, parti para Viena.

Cincoenta anos antes meu pai conseguira forçar o seu destino. Seguiria o seu exemplo.

Eu viria a ser "alguém". Mas nunca um funcionário público.

❖

Quando minha mãe morreu, o meu futuro já tinha sido decidido. Nos seus últimos meses de sofrimento eu tinha ido a Viena para fazer exame de admissão à Academia. Armado com um grosso maço de desenhos, dirigi-me à capital austríaca, convencido de que fàcilmente seria aprovado no exame. Parti muito satisfeito comigo mesmo, cheio de esperança. Na "Realschule" eu era sem dúvida o primeiro aluno de desenho na minha classe, e a minha capacidade aumentara extraordinàriamente. Só uma coisa me afligia: a minha aptidão para a pintura parecia inferior às minhas qualidades para o desenho, particularmente para o desenho de arquitectura.

❖

Com impaciência, mas com orgulhosa confiança esperei o resultado do meu exame. Estava tão seguro do êxito que o anúncio da minha reprovação feriu-me como um raio que caísse de um céu sereno. Quando me apresentei ao director para lhe pedir que me explicasse o motivo da recusa da minha admissão na Academia, assegurou-me que os meus desenhos evidenciavam a inaptidão para a pintura e que a minha vocação era sem dúvida para a arquitectura. Dificilmente admitia como eu até então nunca tivesse freqüentado uma escola de arquitectura, nem recebido qualquer lição. Abatido, deixei o magnífico edifício da "Schillerplatz" sentindo-me pela primeira vez na vida em luta comigo mesmo.

❖

Em pouco tempo convenci-me de que um dia deveria ser arquitecto. O caminho era difícil. O que eu evitara outrora aprender, por teimosia, fazia-me agora falta.

❖

Depois da morte de minha mãe, quando pela terceira vez fui a Viena, e desta vez para demorar muitos anos, reencontrei a calma e a decisão. Voltara também a antiga teimosia e com ela a persistência no meu objectivo. Queria ser arquitecto. Os obstáculos não existem para que capitulemos, mas para que

os vençamos. Tendo sempre diante dos olhos a imagem de meu pai que de simples aprendiz de sapateiro da aldeia subira até ao funcionalismo público, estava disposto a arrostar com tôdas as dificuldades.

❖

Enquanto a necessidade me oprimia e ameaçava aniquilar-me, crescia a vontade de lutar. E finalmente foi vitoriosa a vontade.

❖

Agradeço àqueles tempos o ter-me tornado forte e poder sê-lo aínda. E aínda mais agradeço que me tivessem livrado da vida fácil e tirado do confôrto despreocupado do lar para dar-me o sofrimento somo substituto de minha mãe e lançar-me na luta de um mundo de misérias e de pobreza, que aprendi a conhecer e pelo qual mais tarde deveria lutar.

❖

Viena, cujo nome é para tanta gente sinónimo de alegria e de bem estar, lugar de prazer para os mortais favorecidos, para mim evoca apenas a viva lembrança do mais triste período da minha vida.

❖

Aínda hoje, o nome de Viena só desperta em mim a penosa lembrança de cinco anos de miséria e de sofrimentos. Cinco anos em que, primeiro como servente de pedreiros, depois como ajudante de pintor, me vi forçado a trabalhar pelo pão de cada dia, magro sustento que nunca bastava para saciar a fome.

❖

Em Viena a fome era a minha companheira fiel que nunca me deixava sòzinho e que de tudo igualmente participava.

❖

A fome participava em cada livro que eu comprava. Se assistia a uma representação na Opera (de Viena), no dia seguinte a fome fazia-me companhia o dia inteiro.

❖

Batia-me constantemente contra a minha impiedosa amiga (fome). E no entanto, nesse tempo aprendi mais do que nunca.

Além dos meus estudos de arquitectura e das raras visitas à Opera, alcançadas com os meus jejuns, a minha única alegria era a leitura, eram os livros.

❖

Li muito e profundamente. Depois do trabalho o tempo livre era consagrado à leitura. Em poucos anos lancei os alicerces dos conhecimentos de que aínda hoje utilizo. Naqueles tempos, (em Viena) adquiri as teorias gerais e uma noção do mundo que serviram de fundamento indestrutível ao modo de agir de então.

Pouco precisei mais tarde de acrescentar. Mudar, nada.

❖

A experiência da vida diária servia sempre de estímulo para novos estudos dos mais diversos problemas. Quando por fim cheguei à situação de poder fundamentar a realidade na teoria e tirar a prova da teoria na experiência, na prática, estava em condições de evitar excessivo apêgo à teoria ou descer demasiado à realidade.

❖

Pintava para ganhar o pão e estudava por prazer. Assim foi possível juntar às minhas observações sôbre a questão social o complemento teórico

indispensável. Estudava quási tudo o que sôbre êsse assunto se podia assimilar em livros. Dava assim às minhas próprias idéias base mais sólida.

❖

Quando a questão social me arrastou aos seus domínios, parecia não me convidar para aprender, mas sim para me pôr à prova.

❖

Eu não sei o que naqueles tempos (em que foi operário) mais me horrorizava, se a miséria económica dos meus camaradas, se a sua grosseria espiritual e o baixo nível da sua cultura.

❖

Nesse tempo abriram-se-me os olhos para dois perigos que mal conhecia pelos nomes e que, de nenhum modo, se me apresentavam nìtidamente na sua horrível significação para a existência do povo germânico: marxismo e judaísmo.

❖

Estou firmemente convencido de que, em conjunto, várias idéias criadoras que hoje possuo, já na mocidade apareciam fundadas em princípios.

❖

Aos vinte anos já estabelecia a diferença entre o sindicato como meio de defesa dos direitos sociais dos empregados e operários, e de luta pela melhoria das suas condições de vida – e o sindicato como instrumento de partido na luta política de classes.

❖

Tôda a minha vida foi talvez determinada pela felicidade de ter tido como professor de História um dos raros mestres que sabiam ensinar a pro-

curar na história as causas dos acontecimentos. O Dr. Leopold Pötsch, da escola profissional de Linz, realizou perfeitamente a personificação dêste ideal. Era um homem idoso, bom mas enérgico. A sua eloqüência não só prendia como nos arrebatava. Aínda hoje recordo com emoção êsse homem de cabelos grisalhos, que ao cabo das suas exposições nos fazia esquecer o presente, nos transportava, encantados, ao passado e da penumbra dos séculos tirava um sêco acontecimento histórico e comunicava-lhe uma palpitante realidade. Escutavamo-lo, animados pelo mais intenso entusiasmo e, muitas vezes, emudecidos até às lágrimas. Melhor aínda do que o esclarecimento do passado pelo presente, êsse professor sabia tirar do passado as lições para o nosso tempo. Assim, freqüentemente, êle dava a explicação dos problemas da actualidade que outrora nos precipitava na confusão. O nosso juvenil fanatismo nacional era utilizado para servir a nossa educação, e assim, apelando para o nosso sentimento patriótico, completava, melhor do que qualquer outro meio, a nossa preparação.

Êste professor fêz da História o meu estudo favorito: E fêz também de mim, embora involuntàriamente, um jovem revolucionário.

❖

A arte de pensar pela História, que me fora ensinada na escola, nunca mais me abandonou. A História Universal tornou-se para mim, cada vez mais, fonte inestimável de conhecimentos para agir no presente, isto é, para a política.

❖

Quando hoje os meus adversários políticos examinam com carinhosa atenção a minha vida até aos tempos da minha juventude para poderem apontar com satisfação os maus feitos que "êste Hitler" já na mocidade havia perpetrado, agradeço aos céus que, alguma coisa daqueles tempos felizes me acuda hoje à memória.

❖

Assisti a tudo isso (quadros de degradação no lar operário), em cen-

tenas de casos. No começo, sentia-me irritado ou enojado. Mais tarde compreendi tôda a tragédia dessa miséria e as suas causas profundas.

Infelizes vítimas de péssimas condições sociais!

❖

A minha maior mudança foi, porém, a que experimentei em relação ao movimento anti-semítico. Isso custou-me, durante meses, as maiores lutas íntimas entre os meus sentimentos e as minhas idéias. As idéias acabaram por triunfar.

❖

Examinei todos os panfletos dos sociais-democratas que pude conseguir. Invariàvelmente, chegava à mesma conclusão: todos os editores e proprietários da indústria do papel eram judeus.

❖

O judaísmo provocou em mim forte repulsa quando consegui conhecer as suas actividades na Imprensa, na arte, na literatura e no teatro.

❖

Uma coisa se me tornou clara: os dirigentes do Partido Social-Democrata, com os pequenos elementos do qual eu estivera em luta durante meses, pertenciam quási todos a um povo estrangeiro. Com satisfação íntima, convenci-me de que o judeu não era alemão. Só então compreendi quem eram os corruptores do povo.

❖

Quando pela primeira vez vi o judeu envolvido, como frio dirigente, inteligente e sem escrúpulos, na escandalosa exploração dos vícios do rebotalho da grande cidade (Viena), passou-me um calafrio pelo corpo, logo seguido dum sentimento de profunda revolta.

❖

Desde que me assegurara de que os judeus eram os chefes da social-democracia, comecei a ver tudo claro. A longa luta que mantive comigo mesmo chegara ao seu ponto final.

❖

Não sei qual seria hoje a minha atitude em face do judaísmo, da social-democracia e de tudo o que se entende por marxismo e questão social, se a fôrça do destino no primeiro período da minha vida não me tivesse dado como fundamento de opiniões a experiência pessoal.

❖

Viena era e permaneceu para mim a mais completa, embora a mais rude, escola da minha vida. Entrei nesta cidade aínda criança e abandonei-a já homem. Nela recebi, em alto grau, os fundamentos duma concepção do mundo e em pequena escala uma formação política.

❖

O meu coração sempre pulsara não por uma monarquia austríaca, mas sim por uma unidade alemã.

❖

Não queria combater pelo Estado dos Habsburgos, mas estava pronto a morrer, quando fôsse preciso, pelo meu povo e pela nação que o personificava. Em 3 de Agosto (1914) enviei directamente a Sua Majestade o Rei Luiz III um requerimento a pedir a minha admissão num regimento bávaro. Quando, com mão trémula, abri a carta e li que o meu requerimento fôra deferido, que me era dada a ordem de me apresentar num regimento bávaro, a mínha alegria e o meu reconhecimento não conhecerem limites.

❖

Alguns dias depois envergava o uniforme que só vim a deixar seis anos mais tarde. Assim começou para mim, como para todo o alemão, a época mais sublime e inesquecível de tôda a minha vida. Perante os acontecimentos de tôda esta luta gigantesca todo o passado não era mais de que o nada insípido.

❖

Na Flandres, numa noite húmida e fria durante a qual marchávamos silenciosos e quando o sol começava a despontar através das nuvens, de repente, rompeu sôbre as nossas cabeças uma saudação de aço e, entre as nossas fileiras, sibilavam balas, que caíam levantando a terra molhada. Antes de desaparecer a pequena nuvem, duzentas bocas gritavam ao mesmo tempo "Viva" á êsses primeiros mensageiros da morte. Começou em seguida o matraquear da metralha, a gritaria, o estrondo da artilharia e, febricitantes de entusiasmo, cada um de nós marchava para a frente, cada vez mais depressa até que, sôbre os campos de beterraba e através das charnecas, começou a luta corpo a corpo. De longe, porém, chegava aos nossos ouvidos o som duma canção que, cada vez mais se aproximava, passando de companhia em companhia. Enquanto a morte dizimava as nossas fileiras, a canção chegava até nós e nós passávamos adiante: "Deutschland, Deutschland, über alles, über alles in der Welt!"

Voltámos passados quatro dias. Até a maneira de andar dos nossos soldados se tinha modificado. Rapazes de 17 anos pareciam homens feitos. Os voluntários do regimento de List talvez não tivessem aprendido bem a lutar. O que é certo é que sabiam morrer como velhos soldados.

Assim foi o comêço.

❖

A 7 de Outubro de 1916, fui ferido.

Levaram-me para a rectaguarda e devia voltar para a Alemanha num combóio de feridos.

❖

No princípio de Março de 1917 encontrava-me de novo no meu regimento.

❖

Na noite de 13 de Outubro (1918) estávamos aínda numa colina ao sul de Werwick quando caímos sob um fogo de granadas que já durava horas e que se prolongou pela noite adiante, com violência. Por volta da meia noite, uma parte dos nossos companheiros fôra posta fora de combate. Alguns para sempre. Pela manhã, senti uma dôr que de 15 em 15 minutos se tornava mais aguda. Às 7 horas, trôpego e tonto, com os olhos a arder, retirava, levando comigo a minha última mensagem de guerra. Algumas horas mais tarde, os meus olhos tinham-se transformado em carvões incandescentes. Em tôrno de mim tudo estava escuro. Foi assim que vim para o hospital de Pasewalk, na Pomerânia. Ali tive de assistir à revolução.

❖

Ùltimamente, eu tinha melhorado um pouco. A dôr cruciante nos olhos diminuíra. Lentamente conseguia distinguir o que me rodeava. Podia alimentar a esperança de recuperar a vista, pelo menos ao ponto de alcançar, mais tarde, exercer qualquer profissão; - o que eu não poderia era pensar mais em desenhar.

❖

A 10 de Novembro, o velho pastor veio ao hospital para um pequena prédica. Foi então que soubemos tudo.

Estava presente e fiquei profundamente emocionado. O velho e digno pastor parecia tremer ao comunicar-nos que a casa dos Hohenzollern não mais poderia usar a corôa imperial, que a pátria se transformara numa República e que só restava pedir ao Todo-Poderoso que concedesse a sua benção a essa transformação e não abandonasse, de futuro, o nosso povo. Êle não podia deixar de, em poucas palavras, relembrar a casa imperial; queria prestar home-

nagem aos serviços dessa casa, à Prússia, à Pomerânia, enfim a tôda a pátria alemã, e nesse momento o bom velho começou a chorar.

❖

No pequeno salão do hospital havia profundo desalento em todos os corações. Creio que não havia quem pudesse conter as lágrimas. Quando o pastor procurou prosseguir e começou a dizer que teríamos que acabar essa longa guerra, que a nossa pátria, agora que tínhamos perdido a guerra e estávamos sujeitos à misericórdia do inimigo, iria sofrer grandes opressões e que seria aceito um armistício que nos tornava dependentes da magnanimidade do inimigo, não me pude conter. Foi-me impossível continuar ali. Comecei a ver negro à minha volta. Cambaleando, voltei ao dormitório. Atirei-me para cima da cama e cobri a cabeça, em fogo, com o cobertor e o travesseiro.

❖

Desde o dia em que estivera diante do túmulo de minha mãe, nunca mais tinha chorado. Quando na minha juventude o destino era duro para comigo, a minha pertinácia aumentava. Quando, durante os longos anos de guerra, a morte colhia um dos nossos queridos camaradas e amigos, parecia-me pecado queixar-me e lamentar a sua perda. Não morriam êles pela Alemanha? Quando, nos últimos dias da terrível luta, fui atingido pelo gás temível que começou a corroer os meus olhos, tive por momentos ímpetos de fraqueza diante da expectativa da cegueira eterna. Imediatamente ouvi dentro de mim a voz da consciência bradar: miserável poltrão, aínda queres chorar quando há milhares de criaturas que sofrem mais do que tu?! E assim me conformei, calado, com o destino. Agora, porém, não suportava mais.

Só então verifiquei como a dôr pessoal diante da desgraça da pátria.

❖

Quanto mais eu procurava esclarecer as idéias com relação ao terrível acontecimento (armistício de 1918)[1], tanto mais còrava de raiva e de vergonha. Que significavam tôdas as dôres dos meus olhos comparadas com essa miséria?

Seguiram-se dias terríveis e noites mais terríveis ainda. Eu sabia que tudo estava perdido. Contar com a misericórdia do inimigo era loucura. Nessas noites cresceu em mim o ódio contra os responsáveis por êsses acontecimentos.

Nos dias que se seguiram tive a consciência do meu destino.

❖

Um dia recebi ordem dos meus superiores para ir verificar o que se passava numa agremiação de aparência política denominada "Partido Trabalhista Alemão". Numa reunião que se devia realizar dentro de breves dias falaria Gottfried Feder. Nesse tempo, a curiosidade do exército em relação aos partidos políticos era bem compreensível. A revolução (de Novembro) dera aos soldados o direito de participação na política.

❖

Já conhecia a conferência de Feder dos tempos em que freqüentava o seu curso. Assim, pude alhear-me do conferente e dar mais atenção ao auditório. A impressão que colhi não foi má.

❖

Quando assisti à primeira conferência de Gottfried Feder sôbre a "abolição da escravidão do juro", percebi imediatamente que se tratava duma verdadeira teoria destinada a imensa repercussão no futuro do povo alemão.

❖

Estávamos numa época em que tôda a gente se julgava habilitada a fundar um novo partido. A ninguém agradava o rumo que as coisas iam tomando e os partidos existentes não mereciam confiança[2]. Por tôda a parte apareciam novas associações que logo desapareciam sem deixar o menor vestígio da sua acção. Geralmente os seus fundadores não tinham a menor idéia do que fôsse transformar uma associação num partido político ou mesmo iniciar um movimento. Quási sempre estas agremiações sossobravam devido à sua

estreiteza de idéias. Julguei do mesmo modo o "Partido Trabalhista Alemão", depois de assistir, durante duas horas, a uma das suas sessões.

❖

Quando naquela noite voltei ao quartel, tinha formado o meu juízo sôbre aquele agrupamento (Partido Trabalhista Alemão). Achava-me talvez diante da mais difícil interrogação da minha vida.

Deveria cooperar nesse sector ou recusar-me?

❖

Essa pequeníssima associação que tinha apenas meia dúzia de sócios, pareceu-me oferecer a vantagem de não ter aínda fossilizado em uma organização e a possibilidade de conferir a cada um dos seus membros uma verdadeira actividade pessoal. Aqui, aínda se poderia trabalhar. Quanto menor fôsse o movimento, mais fácil seria conduzí-lo pelo caminho certo. Poderia aínda determinar-se o carácter objectivo e os métodos da organização, o que não é possível quando se tratar de grandes partidos.

❖

Quanto mais reflectia sôbre o assunto (o Partido Trabalhista Alemão), mais crescia em mim a convicção de que justamente dum movimento tão pequeno é que algum dia se poderia preparar o ressurgimento da nação e nunca dos partidos políticos parlamentares, presos a velhos preconceitos ou dependentes dos interêsses criados no novo regime. O que se deveria anunciar era um novo princípio universal e não uma nova propaganda eleitoral.

❖

Após alguns dias de tormentosos pensamentos e profundas meditações convenci-me que deveria dar o passo. Esta decisão foi a de maiores conseqüências em tôda a minha vida. Não podia e não devia voltar atrás.

Aceitei a minha inclusão como sócio do Partido Trabalhista Alemão.

Recebi um cartão provisório de sócio, com o número sete.

❖

Éramos seis ou sete homens, seis ou sete desconhecidos, pobres diabos que se reüniam com a intenção de criar um movimento destinado a vencer o que até então fôra impossível aos grandes partidos e de reerguer a nação alemã ao seu mais alto poder e esplendor. Se naqueles tempos nos tivessem prendido ou troçado de nós, o nosso entusiasmo não teria esmorecido. O que mais nos entristecia era passarmos despercebidos. Era o que mais nos fazia sofrer.

❖

Tôdas as quartas-feiras nos reuníamos no "Café München", e uma vez por semana havia conferência à noite. Como todos os membros do "movimento" estavam representados apenas pela comissão, naturalmente os assistentes era sempre os mesmos.

❖

Era essencial alargar o pequeno círculo e conseguir novos adeptos e, primeiro de que tudo, tornar conhecido o nome do movimento. Operámos da seguinte maneira: tentamos realizar um comício todos os meses e mais tarde tôdas as quinzenas. Os convites eram, uns, dactilografados, outros, escritos à mão. Cada um de nós esforçava-se por conseguir, nos círculos das suas relações, atrair ouvintes para estas reuniões. O resultado era lamentável.

❖

Eu via claramente que para o nosso movimento, então na infância, a questão da responsabilidade da guerra (1914) deveria ser liquidada à luz da verdade histórica. Foi uma condição imprescindível do êxito da nossa causa o ter proporcionado às massas populares a compreensão do tratado de paz (de Versalhes).

❖

Lembro-me, aínda como, naqueles primeiros tempos, depois de ter distribuído oitenta convites, aguardava, à noite, a grande massa popular que deveria assistir à reünião. Depois de retardar a reünião uma hora, o presidente viu-se na necessidade de abrir a sessão.

Éramos aínda sete, sempre os mesmos sete.

❖

O dia 24 de Fevereiro de 1920, foi a data fixada para o primeiro grande comício do movimento, até então desconhecido. Encarreguei-me pessoalmente de dispor tudo. Os anúncios deviam ser feitos por "placards" e boletins orientados no sentido de produzir a mais forte impressão nas massas. A côr escolhida foi a vermelha. Não só chamava mais atenção como irritaria os nossos adversários levando-os ao contacto comnosco. Só me dominava uma preocupação: a sala ficaria cheia ou teríamos que falar em uma sala vazia? Tinha a certeza de que, se tivéssemos auditório, o êxito seria completo.

❖

O comício deveria começar às 7 e 30. Às 7 e 15 entrei na sala da Hofbräuhaus, de Munich. Senti uma alegria infinita. A enorme sala que me parecera grande de mais, estava repleta. A assistência era talvez de duas mil pessoas. Mias da metade era composta de comunistas e de independentes.

❖

Quando o primeiro orador acabou de falar, pedi a palavra. Passados poucos minutos começaram os àpartes. Rebentam violentos tumultos. Alguns dos meus fiéis camaradas da guerra caíram sôbre os perturbadores da ordem e restabeleceram a tranqüilidade. Pude então prosseguir. Meia hora depois, os aplausos abafavam as interrupções dos adversários.

❖

Comecei a expor o programa, ponto por ponto. Depois que expliquei as vinte e cinco teses do nosso movimento, senti que tinha diante de mim uma massa popular conquistada para as novas idéias, para uma nova crença e animada de uma nova fôrça de vontade.

❖

Ao fim de quási quatro horas de discussão, a sala começava a esvaziar-se. Como um rio de águas lentas, a multidão refluía para a porta. Senti que as bases do movimento estavam lançadas no coração do povo.

Estava ateado o fogo dum movimento. Nesse fogo seria forjada a espada que daria ao Siegfried germânico a liberdade, e a vida à nação alemã. Os meus olhos começavam a ver o ressurgimento. Ao mesmo tempo via a implacável deusa da vingança marchar contra os traidores da revolução de Novembro.

O movimento seguia o seu curso.

❖

Já naqueles tempos (comêço do nacional socialismo) eu tinha tomado a resolução de assumir uma atitude contrária sem preocupação de popularidade, nas importantes questões de princípios, nas quais a opinião pública aceitara um ponto de vista falso.

❖

Nunca considerei o exercício do poder como a possibilidade de substituír a confiança da nação.

❖

Se outrora um certo Adolf Hitler, em vez de ser simples soldado alemão tivesse sido o Chanceler do Reich, haverá alguém que acredite que os

ídolos capitalistas da democracia internacional teriam vencido?

❖

O que outrora me parecia aspereza da sorte, aprecio-o hoje como sabedoria da Providência.

CAUSAS DO DESASTRE ALEMÃO DE 1918

A DERROTA militar da Alemanha de 1918 foi, não uma imerecida catástrofe, mas um castigo bem merecido pelos nossos próprios êrros.

❖

A derrota militar da Alemanha (1918) foi mais do que merecida. Foi apenas a manifestação exterior duma longa série de sintomas internos que se conservaram invisíveis à maioria dos homens ou que ninguém quis observar.

❖

O estudo das condições religiosas da Alemanha de antes da guerra (1914) mostrará como tudo havia atingido o estado de desagregação. Grande parte do povo, mesmo no domínio religioso, perdera completamente tôda e qualquer convicção verdadeiramente sólida.

❖

Nos largos períodos de paz que precederam a Grande Guerra (1914) verificavam-se na Alemanha vários males sem que ninguém se preocupasse com descobrir os seus responsáveis, salvo em casos excepcionais. Essas excepções notavam-se principalmente no domínio económico, que mais impressionava que quaisquer outros males. Havia vários outros sintomas de decadência que a um observador conscienciosо deveriam impressionar.

❖

Nas irrisórias meias medidas empregadas pelo Estado já se poderiam ver os sinais ameaçadores da queda da nação. Uma instituição que não está resolvida a defender-se com tôdas as armas renuncia à sua própria existência.

Tôda a indecisão é um sinal evidente de ruína interna que deve ser seguida, mais cedo ou mais tarde, de crise externa.

❖

A nossa preparação política para a guerra (1914), assim como a preparação técnica, foram insuficientes, não porque os dirigentes da nação tivessem pouca instrução, mas porque eram super-instruídos, cheios de ciência e vazios de intuições sadias e, sobretudo, de energia e intrepidez.

❖

Foi uma fatalidade que a nação alemã tivesse de lutar pela sua existência sob o govêrno dum chanceler filósofo e fraco. Se naquela época (1918) tivéssemos por chefe, em vez de um Bethmann-Hollweg, um enérgico homem do povo, o sangue heróico dos nossos soldados não teria sido derramado em vão.

❖

As nações sòmente se arruínam pela perda duma guerra?

Uma derrota militar deve ter como conseqüência a ruína duma nação e do seu Govêrno? Desde quando é essa a conseqüência fatal duma guerra mal sucedida?

❖

Pela maneira como o povo alemão recebeu a catástrofe (1918) pode-se claramente descobrir que a verdadeira causa da nossa ruína deve procurar-se em outra parte e não na perda de posições militares ou na direcção da ofensiva.

❖

Se a derrota militar dum povo não é devida à negligência, à cobardia, à falta de carácter ou indignidade da nação, em vez de ser vista como o túmulo dum povo, deve servir de estímulo para que todos trabalhem por um futuro melhor.

❖

Se as tropas na "frente", entregues a si mesmas, tivessem realmente abandonado os seus postos; se o desastre nacional fosse devido a um fracasso militar, a nação alemã teria visto a derrocada de outra maneira. O povo ter-se-ia irritado com a grande desgraça ou teria caído em estado de prostração. Os alemães irritar-se-iam contra a sorte desfavorável ou contra o inimigo vitorioso. Então a nação agiria como o Senado romano, que foi ao encontro das divisões vencidas com o agradecimento da pátria pelo sacrifício feito e com o apêlo para que confiassem no Govêrno.

❖

Se o fracasso militar fôsse a causa do desastre nacional, a capitulação teria sido assinada com inteligência, e o coração do povo começaria a palpitar pela ressurreição futura. A derrota teria sido aceita como produto da fatalidade. Não se teria festejado a derrota, a covardia não teria proclamado com orgulho a má sorte do exército, as tropas combatentes não teriam sido objecto de mofa, e a bandeira nacional não teria sido arrastada pela lama.

❖

Não há dúvida. O fracasso militar alemão (1918) foi a conseqüência duma série de manifestações doentias duma parte da nação. Essas manifestações vinham já infeccionando o país antes da guerra. A derrota foi o primeiro resultado catastrófico visível, por parte do povo, dum envenenamento moral que consistia no enfraquecimento do instinto de conservação resultante da propaganda de doutrinas que de há muito vinham minando os fundamentos da nação.

❖

Quando já se pensava ouvir o rolar uniforme das divisões de ataque do exército alemão em marcha, e quando já se esperava a decisão final, eis que irrompe da Alemanha uma luz vermelha que projecta a sua sombra até ao último buraco das trincheiras inimigas.

No momento em que as divisões alemãs recebiam as últimas instruções para a grande ofensiva, declarava-se na Alemanha a greve geral!

❖

A greve de munições que pretendia aniquilar a "frente", pela falta de armamento, não teve o êxito esperado. A "frente" desmoronou antes que a falta de munições, conforme se planeara, pudesse ter condenado o exército à destruição. As conseqüências morais, porém, foram terríveis. Todos preguntavam: Para quê, afinal de contas, lutava o exército, se a própria pátria não desejava a vitória? Para quê, os enormes sacrifícios e privações? O soldado tem de lutar pela vitória, e a pátria faz greve!

❖

A Alemanha não devia vencer. À última hora, quando a vitória começava a pender para o exército alemão, lançou-se mão dum meio destinado a sufocar dum golpe, à nascença, a ofensiva alemã da primavera, tornando a vitória impossível.

Organizou-se a greve das munições.

❖

Em 1916, começavam a aparecer sintomas alarmantes. A "frente" vociferava, mostrava-se descontente com muitas coisas. Enquanto os soldados, pacientemente, passavam fome nas trincheiras, e os seus parentes, nos lares, sofriam grandes privações, noutros lugares havia abundância e dissipação.

❖

Justamente quando na "frente" se faziam os últimos preparativos para o termo final da guerra (1918), quando os transportes de homens e material rolavam para o decisivo ataque, rebentou na Alemanha a maior patifaria de tôda a guerra. (O comêço da revolução).

❖

A propaganda inimiga começara entre nós em 1915. Desde 1916, tornara-se cada vez mais intensa para se transformar, finalmente, no comêço de 1918, numa onda avassaladora. Podia-se então, a cada passo, reconhecer os efeitos desta conquista das almas. O exército alemão aprendia, pouco a pouco, a pensar conforme o inímigo desejava.

❖

A propaganda da guerra inimiga, restrita a poucos pontos, exclusivamente destinada à massa e conduzida com tenacidade incansável, foi modelar.

Durante tôda a guerra empregaram-se os princípios fundamentais reconhecidos como certos, assim como as formas de os executar sem que nunca se tentasse a menor modificação. No princípio, essa táctica parecia louca no atrevimento das suas afirmações. Mais tarde, tornou-se desagradável, e, por fim, acreditada. Ao fim de quatro anos e meio, estalou na Alemanha uma revolução. Fôra o resultado da propaganda de guerra inimiga.

❖

Foi um êrro fundamental (na guerra de 1914) querer tornar o inimigo ridículo, como fizeram os jornais humorísticos alemães e austríacos. Quando o soldado caía na realidade, fazia do inimigo uma idéia totalmente diferente, o que, como seria de esperar, acarretou conseqüências graves. Sob a impressão imediata da resistência do inimigo, o soldado alemão sentia-se ludibriado por aqueles que até então o orientaram. Em vez do aumento da combatividade ou mesmo de resistência, dava-se o oposto. Desanimava.

❖

A propaganda de guerra (1914) dos americanos e inglêses era, psicològicamente acertada. Apresentando ao povo os alemães como bárbaros e hunos, preparava o espírito dos seus soldados para os horrores da guerra e ajudava-os assim a preservá-los contra decepções.

❖

O soldado inglês (na guerra de 1914) nunca se sentiu mal informado pelos seus superiores, o que infelizmente se dava com o soldado alemão, o qual chegou a rejeitar as notícias oficiais como falsas, como verdadeiro embuste. Tudo isso foi a conseqüência de se entregar o serviço de propaganda ao primeiro asno que apareceu, em vez de se compreender que para êsse serviço é necessário um profundo conhecedor da alma humana.

❖

No que se refere à actividade da propaganda alemã, logo no começo da guerra (1914) cometeram-se êrros tão grandes, que se tinha o direito de duvidar, se tanta asneira podia atribuir-se só à pura ignorância.

❖

Na Inglaterra (1914) a propaganda valia como arma de primeira ordem. Entre nós era considerada como o último ganha-pão dos políticos desocupados e fornecia pequenas ocupações para heróis modestos.

❖

Haveria (1914) entre nós uma propaganda? Infelizmente só posso responder com a negativa. Na realidade, tudo o que se tentou nesse sentido era tão errado e inadaptável, que para nada servia. Por vezes até era prejudicial.

❖

Examinando atentamente o resultado da propaganda de guerra alemã (1914), chegava-se à conclusão de que ela era insuficiente na forma e psicològicamente errada na essência.

❖

Que espécie de alimento intelectual ofereceu ao povo a Imprensa alemã antes da guerra (1914)? Não foi o mais perigoso veneno que se podia ima-

ginar? **Não se inoculou no coração do povo um pacifismo da pior espécie, justamente quando o mundo se preparava para estrangular a Alemanha?**

❖

Já em plena paz a Imprensa alemã instilara no espírito do povo, gôta a gôta, a dúvida sôbre os direitos da própria nação com o fim de enfraquecê-la desde o primeiro dia da sua defesa.

❖

Foi a "Imprensa alemã" que fêz o nosso povo interessar-se pela "democracia ocidental", convencendo-o com frases bombásticas de que o seu futuro poderia ser confiado a uma confederação.

❖

Não foram a moral e os bons costumes ridicularizados pelos jornais, como retrógrados e peculiares aos provincianos, até que por fim o povo se tornou "moderno"? Os alicerces da autoridade do Estado não foram pelos jornais completamente minados até chegar ao ponto de, com um simples empurrão, poderem provocar a sua ruína? Não se opuseram êles por todos os meios a que se desse ao Estado o que ao Estado era devido? Não foram os jornais que desacreditaram o exército, que pregaram contra o serviço militar, contra a concessão de créditos para o exército, até tornar o êxito militar impossível?[3]

❖

Abram-se os túmulos das planícies da Flandres e dêles se elevarão como acusadores, centenas de milhar dos melhores elementos da mocidade alemã que, pela inconsciência dos políticos criminosos, foram impelidos a morte devido à insuficiente preparação militar.

❖

A perda da guerra pela liberdade e independência da Alemanha foi a

conseqüência da indecisão e fraqueza em coordenar tôdas as fôrças da nação para a sua defesa.

❖

Se em terra os recrutas não recebiam a devida preparação militar, no mar verificava-se a mesma política de tornar as armas de defesa da nação mais ou menos ineficazes. A própria direcção da marinha, infelizmente, deixou-se dominar pela política das meias medidas.

❖

A tendência para diminuir cada vez mais a tonelagem dos navios lançados ao mar, em comparação com os dos inglêses, foi desacertada. Uma frota que, de início, não era tão numerosa quanto a do seu provável adversário, deveria justamente compensar a inferioridade do número de unidades com o poder ofensivo. Tratava-se duma superior capacidade de destruição e não duma lendária superioridade de competência.

❖

A renúncia a planos duma maior eficiência de artilharia, assim como de uma maior velocidade, baseou-se na falsidade dos chamados planos gigantescos. Essa renúncia começou pela forma como a direcção da marinha atacou a construção da frota que, desde o comêço e por fôrça das circunstâncias, se desviou para as preocupações dum plano de defensiva. Com isso se renunciou também ao êxito, pois êste só pode estar no ataque.

❖

A Grande Guerra demonstrou como era falsa a orientação da nossa marinha nos tempos de paz. Na batalha de Skagerrak (conhecida também como batalha de Jutlandia)[4], se os navios alemães tivessem a mesma tonelagem, ou o mesmo poder ofensivo e a mesma velocidade dos navios inglêses, a segura e eficiente actuação das granadas de 36 teria afundado a frota britânica.

IV - ver Posfácio

❖

As glórias imortais que a marinha alemã conquistou devem ser levadas à conta das qualidades guerreiras dos alemães, à capacidade e ao incomparável heroísmo dos oficiais e das guarnições. Se a anterior direcção da marinha se tivesse elevado ao nível da capacidade dêstes oficiais e marinheiros, não teriam sido inúteis tantos sacrifícios. Talvez que, justamente a habilidade no parlamento dos "liders" da marinha, durante a paz, tenha sido uma desgraça para a própria marinha, pois que em vez do ponto de vista militar, mais influíram as exigências parlamentares. O regime de meias medidas, da fraqueza e da falta de lógica que caracterizam o parlamentarismo, mancharam a direcção da marinha.

❖

Justamente aqueles que hoje mais vociferam contra o desencadear da guerra (de 1914) foram os que mais funestamente ajudaram a atiçá-la. A social-democracia, há dezenas de anos, fomentava, da maneira mais torpe, a guerra contra a Rússia, enquanto o partido do Centro, baseado num ponto de vista religioso, fazia a política alemã girar em tôrno do Estado austríaco. Tinha-se de arcar com as conseqüências dêsses êrros. O que veio tinha de vir, e, em caso algum, poderia ser evitado.

❖

A decadência de Cartago é uma horrível imagem do lento suplício dum povo culpado.

❖

O judeu, acostumado à mentira, e o espírito combativo do seu marxismo, procuraram lançar a responsabilidade do desastre da nação (1918) sôbre um homem, justamente aquele que, com vontade e energia sobrehumanas, tentou evitar a catástrofe que havia previsto, e poupar à nação um período de sofrimentos e humilhações. Lançando sôbre Ludendorff a responsabilidade da derrota na guerra, os judeus desarmaram moralmente o único adversário bastante perigoso para enfrentar os traidores da pátria.

❖

Teria sido muito fácil suportar as derrotas de Agosto de 1918, nos campos de batalha. Não foram elas que nos aniquilaram, mas sim aquela potência (judaica) que, desde há muitos anos, preparou essas derrotas, roubando sistemàticamente ao nosso povo, os instintos e as fôrças morais que são os factores exclusivos para assegurar a capacidade e os direitos dos povos à existência.

❖

Passando em revista tôdas as causas da derrocada da Alemanha (1918) resta, como última e decisiva, o desconhecimento do problema alemão e, sobretudo, do perigo judaico.

CORRUPÇÃO DA BURGUESIA

A BURGUESIA actual é incapaz de realizar qualquer grande missão na humanidade. E é incapaz, não porque seja deliberadamente má, mas devido à sua incrível indolência e de tudo o mais que daqui provém.

❖

É possível, talvez, exercer sôbre a classe burgueza uma influência intelectual suficiente para lhe inculcar opiniões novas ou mesmo uma sã compreensão das coisas; mas não se pode esperar que desapareçam características ou, para melhor dizer, imperfeições, cuja origem e desenvolvimento contam já muitos séculos.

❖

Devido à sua situação económica, os burgueses são tímidos, não se arriscam a prejuízos, o que sempre os impede de agir.

❖

A burguesia vê como, no teatro e no cinema, no lixo da literatura e na torpeza da Imprensa, dia a dia, o veneno se derramar sôbre o povo, em grandes quantidades, e admira-se aínda do precário "valor moral" da "indiferença nacional" da massa dêsse povo, como se a imundície da Imprensa e do cinema e coisas semelhantes pudessem fornecer bases para o conhecimento das grandezas da pátria, abstraíndo-se mesmo da educação individual anterior.

❖

O tipo normal do político burguês de hoje sente-se melhor na lama da corrupção republicana que na austeridade do antigo regime que aínda não desapareceu da sua memória.

❖

A crítica mais cruel que se pode fazer à nossa burguesia é verificar-se que a Revolução (Novembro de 1918) não fêz aparecer uma única cabeça de valor e que, a-pesar-disso, a burguesia se submeteu.

❖

É característica dos "estadistas" burgueses não hesitarem no sacrifício da vida de milhares de soldados nos campos de batalha e verem em dez ou doze mil traidores, ladrões, usurários e mentirosos, preciosas relíquias da nação que proclamam como insubstituíveis.

❖

As maiores revoluções da humanidade não teriam sido possíveis se as suas fôrças impulsoras fôssem apenas virtudes burguesas inspiradas na paz e na tranqüilidade, em vez de fanáticas e frenéticas paixões pela causa defendida.

❖

Engana-se quem acredita que o nosso povo, continuando essa educação burguesa inspirada na "paz e na ordem", poderá conquistar a fôrça necessária para modificar a actual situação de ruína (1924) e jogar os nossos grilhões de escravos à face dos nossos adversários.

❖

A nossa burguesia política, nunca mais poderá reparar os seus êrros. Enquanto se opunha a tôdas as tentativas de remodelação dos males sociais, semeava o ódio e até justificava as afirmações dos inimigos da nacionalidade, segundo as quais só o partido social-democrata defendia os interêsses das classes produtoras.

❖

A burguesia, na sua teimosa oposição, imaginou poder parar uma evolução fatal. Na realidade, conseguiu apenas forçá-la a tomar um caminho ilógico.

❖

A cega impugnação da burguesia a todos os ensaios para a melhoria das condições de trabalho auxiliou a social-democracia a prender os trabalhadores nas suas rêdes.

❖

A burguesia, em vez de tomar a ofensiva contra as posições dos adversários (social-democracia e marxismo), deixa-se oprimir e consente que lhe cerceiem os meios de acção. Tardiamente recorre a soluções tão gerais, como absolutamente ineficazes. Tudo fica como dantes. Só o descontentamento aumentava.

❖

A oposição inepta e imoral da burguesia às mais justas aspirações, às mais humanas esperanças dos trabalhadores, quási sempre, sem que desta atitude retirasse ou pudesse recolher qualquer proveito, forçou até o mais ordeiro trabalhador a abandonar a organização sindical para tomar parte na actividade política.

❖

A burguesia indignava-se com a táctica da social-democracia, mas nada fazia para a contrariar. O próprio mêdo que a social-democracia mostrava de que se conseguisse vencer a profunda miséria da classe trabalhadora, poderia ter sido um incentivo para que a burguesia enveredasse resolutamente por êsse caminho, arrancando aos partidários da luta de classes a sua melhor arma. Mas não fêz nada.

❖

Alguns ministros começam já (1924) a discutir sôbre a necessidade de não tomar atitudes contra os operários. São patetas burgueses que quando se referem aos operários pensam sempre no marxismo.

❖

Quando os burgueses que ocupam as poltronas ministeriais identificam o operário alemão com o marxismo, não só cometem uma falsificação, tão covarde como mentirosa da verdade, como aínda tentam dissimular o seu próprio desmoronamento perante a idéia da organização marxista.

❖

Se o programa social do movimento nacional-socialista apenas consistisse em suprimir a personalidade trocando-a pela autoridade das massas, logo ao nascer estaria contaminado pelo veneno marxista. É o caso dos partidos burgueses.

❖

Com a fundação do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães apareceu pela primeira vez um movimento, cujo fim não era idêntico aos dos partidos burgueses, isto é, não se propunha a restauração mecânica do passado, mas sim substituir ao actual e absurdo mecanismo do Estado, um Estado orgânico e nacionalista.

❖

Actualmente (1924) não somos mais ridicularizados pelos idiotas da nossa política burguesa. Mesmo estes, desde que não sejam mentirosos conscientes, reconhecem que o capital internacional não só foi o maior instigador da guerra, como, depois do fim da luta, continua a transformar a paz num inferno.

❖

De propósito, os partidos políticos esqueceram que a própria burguesia já não considera o Estado como um corpo homogéneo e que, do mesmo, não dava e não pode dar uma definição precisa.

❖

Por mais miserável que seja a nossa "burguesia nacional", por mais fraca que seja a sua convicção nacional, dêsse lado não se pode esperar uma resistência séria contra uma política forte no interior e no exterior (1924).

❖

Mesmo que a burguesia alemã, de idéias e vistas curtas, permaneça em resistência passiva, como já aconteceu com Bismarck, nunca nos fará temer uma resistência activa devido à sua proverbial covardia (1924).

❖

Contar com a gratidão de revolucionários saqueadores do povo, incendiários e traidores da nação, é uma idéia que só poderia passar pela cabeça dos nossos patriotas burgueses...

❖

É preciso ser um burguês ingénuo para se supor que o perigo do bolchevismo esteja conjurado (1924).

❖

No mundo burguês não se sabe o que mais admirar, se a cretinice, a fraquesa e a covardia ou a sua absoluta malandragem.

❖

Quando uma geração sofre de certos males que ela conhece e se contenta, como no caso do actual mundo burguês, com declarar levianamente que nada se pode fazer, está fatalmente condenada à destruição.

❖

FALSIDADE E CONSEQÜÊNCIAS DO REGIME PARLAMENTAR

NÃO há princípio que, considerado objectivamente, seja tão errado como o princípio parlamentar...

❖

O parlamentarismo é uma estufa onde se cultiva a irresponsabilidade...

❖

Nem sempre o princípio da maioria de votos dos parlamentos democráticos, governou o mundo... Bem ao contrário... Só se encontra êsse princípio em pequenos períodos da História... Êsses períodos são sempre de decadência das nações ou dos Governos...

❖

Que pode fazer o estadista que só consegue pela lisonja conquistar o favor da aglomeração parlamentar para os seus planos?

❖

Negando a autoridade do indivíduo e substituíndo-a pela soma da massa presente em qualquer tempo, o princípio parlamentar do consentimento da maioria peca contra o princípio basilar da aristocracia na natureza.

❖

Considerando que a compreensão política da grande massa não está desenvolvida para adquirir por si própria opiniões políticas gerais e escolher as pessoas adequadas, fàcilmente se chegará à conclusão de que, nos parlamentos, só em proporção mínima, se trata da realização dum desejo geral ou mesmo duma necessidade pública.

❖

Um verdadeiro dirigente não deverá abster-se de se desagradar (no parlamento) a profitente político?

❖

Quanto mais os verdadeiros chefes forem afastados das actividades políticas que consistem principalmente, não em trabalho criador e produtivo, mas no regatear e comprar favores da maioria, tanto mais a actuação política descerá ao nível das mentalidades vulgares e tanto mais estas se sentirão atraídas para a vida pública.

❖

Podemos acreditar que o progresso neste mundo provenha da acção combinada de maiorias e não de inteligências individuais?

❖

Uma das características da decadência provocada pelas maiorias parlamentares é o facto de ela aumentar a quantidade de "grandes estadistas" na proporção em que se contrai a escala do valor individual.

❖

Pode ser critério de estadista que êle deva ser tão forte na arte de convencer como na habilidade política da escolha das grandes linhas da conduta ou decisão?

❖

A maioria nunca pode substituir o homem. Ela é sempre a advogada não só da estupidez como da covardia.

❖

Já aconteceu que as câmaras compreendessem uma idéia antes que o êxito proclamasse a grandeza dessa mesma idéia?

❖

O conceito do princípio parlamentar sôbre a nobreza nada tem que ver com a decadência da nossa alta sociedade.

❖

Deve o estadista comprar o apoio dos representantes do povo, ou em face da tolice na execução das tarefas consideradas vitais, retrair-se e permanecer inactivo?

❖

A instituição da fiscalização democrática pelo parlamento é a causa principal da incrível dominação de tôda a vida política justamente pelos elementos de menos valor.

❖

Está provada a incapacidade dum dirigente pelo facto de êle não conseguir ganhar, para determinada idéia, a maioria duma aglomeração reünida mais ou menos por simples acaso?

❖

Por ventura consistirá a tarefa do estadista dirigente, não tanto em produzir um pensamento criador, um programa, como na arte com que torna compreensível a natureza dos seus planos a um estúpido rebanho, com o fim de lhe implorar o final assentimento?

❖

Em regime parlamentar, só se pode ajuizar da capacidade política dum Govêrno pela arte com que êle consegue adaptar-se à vontade da maioria ou atraí-la para si. Dêste modo, cai da sua verdadeira posição para a de mendigo da maioria ocasional.

❖

Pode-se, na prática, responsabilizar o dirigente dum Govêrno pelos actos, cuja existência e execução devem ser levados à conta da vontade e do arbítrio dum grande grupo de homens?

❖

É mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha do que ser descoberto um grande homem por uma eleição.

❖

Poderá, por acaso, uma maioria hesitante de homens, ser alguma vez responsável?

❖

O único cuidado que fatalmente determina a organização do novo programa dum partido político, ou a modificação do anterior, é o receio das próximas eleições.

❖

Consola sempre a uma assembleia de simplórios conselheiros municipais, saber que tem à sua frente um chefe, cuja sabedoria corresponde ao nível dos presentes.

❖

Logo que a agitação pangermanista aceitou o parlamento, começou a dispor "parlamentares" em vez de guias e de verdadeiros lutadores.

❖

O partido pangermanista, aceitando a acção parlamentar, baixou ao nível de qualquer das facções do tempo e, por isso, perdeu a fôrça necessária para enfrentar o destino com a audácia dos mártires. Em vez de lutar, aprendeu também a falar e a negociar.

❖

Desde que as reüniões nas casas públicas foram difinitivamente substituídas pela tribuna do parlamento, para, dêste fôro, derramar discursos sôbre as cabeças dos chamados "eleitos", em lugar de o fazer sôbre as cabeças do povo, o movimento pangermanista deixou de ser um movimento popular e desceu, em pouco tempo, à categoria de club de dissertações académicas de carácter mais ou menos sério.

❖

No regime democrático o Govêrno não pode ser responsável por coisa alguma, pois que o julgamento final não está nas suas mãos, mas nas da maioria parlamentar.

❖

Não está ìntimamente ligado à personalidade todo o conceito de responsabilidade?

❖

Acima de tudo, o que com maior insistência me fazia reflectir no exame do parlamentarismo, era a falta evidente de qualquer responsabilidade individual dos seus membros.

❖

O parlamento toma qualquer decisão, mesmo as de mais funestas conseqüências, e ninguém por ela é responsável nem chamado a prestar contas.

❖

Pode-se falar de responsabilidades, quando um Govêrno, depois dum desastre sem precedentes, se retira, a maioria parlamentar muda ou o próprio parlamento se dissolve?

❖

O regime parlamentar teve, como principal mérito, enfraquecer nos últimos o velho Estado dos Habsburgos.

❖

O ano festivo que anunciou que os alemães, príncipes e povo, estavam resolvidos a fundar um Império e a alcançar de novo a corôa imperial como símbolo das suas glórias, não foi comemorado através do cacarejo duma harenga parlamentar, mas ao ribombar dos canhões (1870) no cêrco de Paris.

❖

Consciente ou inconscientemente, pouco importa, os alemães estavam todos possuídos do sentimento de que o Império não devia a sua existência às trapassadas dos parlamentos partidários, e que, pela maneira sublime como fôra fundado, se levantou muito acima da média dos outros Estados.

❖

A imposição feita pelo Reichstag de não permitir ao Kaiser fazer discursos, indignava-me de modo extraordinário. Essa proibição partia de uma fonte que, a meus olhos, nenhuma autoridade tinha. Em um só período de sessão, êsses gansos do parlamento grasnavam mais idiotices do que o poderia fazer, durante séculos, uma dinastia de imperadores, dado o número muito

menor.

❖

Estou convencido de que, a menos que se trate de indivíduos com dons excepcionais, o homem em geral não se deve ocupar pùblicamente, de política antes dos trinta anos de idade.

❖

Pelo mesmo motivo por que cem tolos reunidos não somam um sábio, não é provável que uma decisão heróica surja de um cento de covardes.

❖

Não se deve imaginar que, pelo facto de o parlamento ter deixado de poder intervir como outrora nas decisões, a nação já não precisa de tomar parte na modelação do nosso destino. (1933)

A SOCIAL-DEMOCRACIA

JÁ no começo dêste século o movimento sindical, de há muito, deixara de servir ao seu objectivo de outrora.

❖

A social-democracia compreendeu a enorme significação do movimento sindicalista, assegurou para si a colaboração dêsse instrumento e daí o seu êxito. A burguesia não a compreendeu. Isso lhe custou a sua posição política.

❖

O movimento sindical, em poucos anos, nas mãos da social-democracia, passou de instrumento de defesa dos direitos dos trabalhadores a instrumento de destruição da economia nacional.

❖

De ano para ano, o movimento sindical caía nas mãos dos políticos da social-democracia para, por fim, ser utilizado apenas como pára-choque na luta de classes.

Em conseqüência de permanentes conflitos, acabaria por levar à ruína tôda a organização económica, pacientemente construída, arrastando o edifício do Estado à mesma sorte, pela destruição das suas fundações económicas.

❖

A social-democracia nunca pensou solucionar os problemas reais do movimento sindical.

❖

O que a chamada Imprensa liberal fêz antes da guerra (1914) foi cavar um túmulo para a nação alemã e para o Reich.

❖

A actual democracia do Ocidente é a precursora do marxismo, o qual, sem ela, seria inconcebível. Ela oferece terreno propício ao desenvolvimento da epidemia.

❖

Bismarck declarou, em certa ocasião, que o liberalismo era o precursor da social-democracia. Não é preciso dizer aqui (1933) que a social-democracia é a precursora do comunismo.

❖

Ao contrário do que acontece com as doutrinas universais, os partidos políticos estão sempre prontos a assumir compromissos.

As doutrinas proclamam-se infalíveis; os partidos entram em acordos com os seus adversários.

❖

É uma felicidade para os dirigentes democráticos poderem esconder-se, em momentos de verdadeira decisão de alguma importância, atrás das chamadas maiorias!

❖

O que mais me afastava da social-democracia, era a sua posição de adversária, em relação ao movimento pela conservação do espírito germânico, e a deplorável inclinação em favor dos "camaradas" slavos que só aceitavam êsse "flirt", quando era acompanhado de concessões práticas, mas que o repeliam, arrogantes e orgulhosos, quando nenhum interêsse notavam nêles.

❖

Pude sentir os efeitos da doutrinação da social-democracia e da sua

maneira de considerar o mundo. O que só depois de dezasseis anos poderia acontecer, aprendi-o agora no decurso de poucos meses, isto é, a verdadeira significação de uma peste ambulante sob a máscara de virtude social e amor do próximo e da qual se deve depressa libertar a terra, pois, de contrário, muito fàcilmente a humanidade será por ela imolada.

❖

Ali (entre os sociais-democratas) tudo se negava. A nação era uma invenção das classes capitalistas (que número infinito de vezes ouvi estas palavras!); a pátria era um instrumento da burguesia para a exploração das massas trabalhadoras; a autoridade da lei era simples meio de opressão do proletariado; a escola era um instituto de cultura do material escravo e mantenedor da escravidão; a religião era vista como meio de atemorizar o povo para melhor exploração do mesmo; a moral não passava da estúpida paciência do povo feito carneiro. Não havia nada, por mais puro que fôsse, que se não arrastasse pela mais asquerosa lama.

❖

Milhões de proletários, na intimidade, eram, sem dúvida, inimigos do partido social-democrata. Foram, porém, derrotados na sua oposição, pela conduta idiota do partido burguês que combatia tôdas as reivindicações das massas trabalhadoras.

❖

A meditação sôbre a literatura e a Imprensa de propaganda da social-democracia, serviu-me para descobrir de novo a minha gente.

❖

Os sociais-democratas são gente digna de pertencer a um grande povo? Eis uma pregunta angustiosa. Se respondermos afirmativamente, a luta por uma nacionalidade merecerá os trabalhos e os sacrifícios que os melhores fazem por tal rebotalho? Se a resposta fôr negativa, então o nosso povo já está muito pobre em homens.

❖

Quanto melhor conhecia os métodos da violência material da social-democracia, tanto mais me inclinava a desculpar as centenas de milhar de proletários que cediam ante a fôrça bruta.

❖

Enquanto, na realidade das suas demonstrações, pesava tôdas as mentiras e desatinos teóricos da doutrina da social-democracia, pouco a pouco chegava à compreensão mais clara do seu objectivo. Nestas horas apoderavam-se de mim idéias tristes e maus preságios. Vi diante de mim uma doutrina constituída de egoísmo e de ódio, e que, por leis matemáticas, poderá ser levada à vitória, mas arrastará a humanidade à ruína. (1924)

❖

Tôda a luta da social-democracia contra a economia nacional tem em mira preparar o terreno para o domínio da verdadeira alta finança internacional.

❖

O terror da social-democracia nos lugares de trabalho, nas fábricas, nos locais de reünião e por ocasião das demonstrações colectivas, era sempre coroado de êxito, enquanto um terror maior se lhe não opunha.

❖

Que ia oferecer às multidões, na hipótese da queda da social-democracia?

Não havia um movimento ao qual fôsse lícito esperar atrair as massas trabalhadoras, nesse momento, mais ou menos sem guias. (1924)

❖

Se fôsse oposta à social-democracia uma doutrina que contivesse mais verdade e idêntica violência na propaganda, por mais áspera que fôsse a luta, do mesmo modo triunfaria.

O MARXISMO

NOS anos de 1913 e 1914, em vários círculos que em parte estão hoje filiados no movimento nacional-socialista, manifestei a opinião que o problema futuro da nação alemã devia ser o aniquilamento do marxismo.

❖

À proporção que aprofundava o conhecimento da doutrina marxista e me esforçava por obter uma idéia mais clara das actividades do marxismo, os próprios acontecimentos se encarregavam de dar resposta às minhas dúvidas.

❖

Comecei a entrar em contacto com os fundadores da doutrina marxista a-fim-de poder estudar os princípios em que se fundava o seu movimento. Consegui êsse objectivo mais depressa do que me seria lícito supor, devido aos conhecimentos que tinha, embora aínda não muito profundos, sôbre a questão semítica.

❖

Não precisamos dizer nada sôbre os mentirosos jornais marxistas. Para êles é tão necessário mentir como para os gatos miar. O seu único objectivo é quebrar as fôrças de resistência da nação e prepará-la para a escravidão do capitalismo internacional e dos seus senhores, os judeus.

❖

A doutrina judaica do marxismo nega o valor do indivíduo, combate a importância das nacionalidades e das etnias. Dêste modo anula na humanidade a razão da sua existência e da sua cultura.

❖

Na funesta política de alianças da Alemanha eu via apenas o fruto da acção destruidora do marxismo. O pior era que êsse veneno destruía quási insensìvelmente os fundamentos duma sádia concepção do Estado e da eco-

nomia, sem que os por êle atingidos dessem conta de que a sua maneira de agir, as manifestações da sua vontade, já eram uma conseqüência da acção destruidora daquela doutrina.

❖

A decadência do povo alemão começara há muito tempo sem que, como freqüentemente aconteceu, se pudessem ver claramente os responsáveis. Muitas vezes se tentou procurar remédio para essa enfermidade, mas confundiam-se os sintomas com as causas. Como ninguém conhecia ou não queria conhecer a verdadeira causa do mal estar da nação, a luta contra o marxismo não passou de charlatanismo sem eficiência.

❖

A guerra persistente contra as indústrias pesadas da Alemanha foi o ponto de partida, visível, da internacionalização que se operava com a ajuda do marxismo. O único meio de completar a obra era assegurar a vitória do marxismo por intermédio da revolução.

❖

Se, em 1914, o operariado alemão fôsse marxista, a guerra teria terminado ao fim de três semanas. A Alemanha teria sido derrotada antes que o seu primeiro soldado atravessasse as fronteiras.

❖

O Imperador Guilherme II foi o primeiro imperador da Alemanha que aceitara conciliação com os chefes do marxismo. Não se lembrou de que bandidos não têm honra.

❖

Assim como nunca a hiena despreza um cadáver, assim o marxista nunca deixará de ser traidor à pátria.

❖

Um Estado que, em 9 de Novembro de 1918, se submeteu incondicionalmente ao marxismo, nunca mais poderia ser o seu dominador.

❖

Pouco importa que o marxismo, com a sua teoria das massas, aparente capacidade para tomar sob a sua direcção e desenvolver a economia actual. A crítica sôbre a justiça ou injustiça dêsse princípio não é determinada pela prova da sua aptidão para preparar o futuro, mas pela prova da sua capacidade para criar uma civilização.

❖

O bolchevismo rejeita a obra cultural da humanidade e afirma que a verdadeira História da civilização e da humanidade começou com o aparecimento do marxismo.

❖

A doutrina judaica do marxismo repele o princípio aristocrático da natureza.

❖

O marxismo poderia mil vezes assumir a direcção da economia e fazê-la progredir. Êste êxito nada provaria contra o facto de não estar em condições de criar uma cultura, dada a sua dependência do princípio das maiorias.

❖

O marxismo não só nunca pôde criar uma cultura ou um sistema económico próprios, como aínda se mostrou incapaz de desenvolver um sistema já existente de acôrdo com os seus princípios. Bem ao contrário. Depois de curto espaço de tempo, viu-se forçado a retroceder e fazer concessões ao princípio da personalidade de que não pode prescindir nem mesmo nas suas

próprias organizações.

❖

O marxismo aparece como a tentativa dos judeus para enfraquecer, em tôdas as manifestações da vida humana, o princípio da personalidade e substituí-lo pelo prestígio das massas.

❖

De cem mil proletários alemães não se encontram, talvez, cem que conheçam a obra de Marx. Esta era estudada mil vezes mais pelos intelectuais, e especialmente judeus, do que por genuínos adeptos do marxismo nas classes inferiores.

❖

O livro de Karl Marx não foi escrito para o povo, mas sim exclusivamente para os chefes intelectuais da máquina que o judaísmo montou para conquista do mundo.

❖

O que fêz com que o marxismo conquistasse milhões de trabalhadores não foi tanto a maneira de escrever dos seus chefes, mas a infatigável e verdadeiramente prodigiosa propaganda de cem mil incansáveis agitadores que começavam nos apóstolos de primeira fila e acabavam nos modestos empregados das fábricas e nos improvisados oradores de oficinas.

❖

Para o marxismo, todo o sistema democrático é um meio de chegar aos seus fins: paralizar a actividade do adversário e preparar o seu campo de acção.

❖

O marxismo apoia a democracia durante todo o tempo que lhe seja necessário para ganhar a confiança do espírito nacional que quere destruir.

❖

Quando o marxismo suspeita que na caldeira de imbecís da democracia parlamentar ou apenas no corpo legislativo se possa cozinhar uma maioria capaz de o atacar sèriamente, o jôgo de prestidigitação parlamentar tem os seus dias contados. Os chefes da internacional vermelha, em lugar da invocação à consciência democrática, apelam com ardor para as massas trabalhadoras. Ràpidamente, o combate passa das salas do parlamento para a atmosfera carregada das fábricas e da rua. A democracia é imediatamente liquidada.

❖

Em política, o marxismo tem a sua forma de expressão no regime parlamentar, cujos efeitos são sensíveis desde as mais ínfimas camadas da comunidade até às mais eminentes posições do Reich.

❖

Enquanto os partidos burgueses, intelectualmente superficiais, nada mais representavam do que um bando incapaz e indisciplinado, o marxismo, manobrando massas humanas intelectualmente inferiores, formou um exército de partidários que obedeciam tão cegamente aos seus dirigentes judeus, como outrora aos seus oficiais alemães.

❖

Quando se anunciava uma reunião que não agradava aos marxistas, a Imprensa vermelha rugia de cólera. Quási sempre os vermelhos, êsses sistemáticos inimigos das leis, começavam por apelar para as autoridades pedindo-lhes com insistência e com ameaças a imediata proibição do que êles chamavam "uma provocação ao proletariado".

Êles sabiam empregar a linguagem que melhor se harmonizava com a estupidez das autoridades, e assim obtinham o êxito desejado.

❖

Foram as demonstrações gigantescas, os desfiles de centenas de milhar de homens, que à gente humilde e miserável deram a orgulhosa convicção de que, apesar da sua condição ínfima, passariam de vermes a membros dum enorme dragão, cujo hálito escaldante abrasaria um dia o tão execrado mundo burguês e que a ditadura do proletariado viria a festejar a sua vitória final.

❖

O sintoma de fraqueza que representam êsses 15 milhões de marxistas, democratas, pacifistas e centristas, não é sòmente perceptível a nós, mas muito mais ao estrangeiro que mede o valor duma aliança conosco por êsse pêso morto.

❖

Considero o aniquilamento do marxismo como sendo a minha missão perante a História alemã. Não se trata duma frase ôca, mas sim dum juramento sagrado que cumprirei até exalar o último suspiro.

Fiz dêste voto, do voto dum só homem, o voto duma formidável organização. (1933)

❖

Acredito agora que na luta contra a doutrina judaica do marxismo estou agindo de acôrdo com as prescrições do Criador Onipotente.

A REVOLUÇÃO DE NOVEMBRO

O FIM da guerra (1918) apresentava o seguinte quadro: A grande camada média da nação (alemã) cumprira o seu dever oferecendo à pátria o seu sangue. Os elementos superiores sacrificaram-se com heroísmo exemplar. Os covardes, apoiados por leis insensatas e pela não-aplicação dos artigos do código militar, para desgraça geral, foram integralmente conservados. Foi esta escória do nosso povo que fêz a revolução.

❖

Todos os sustentáculos da existência do povo foram minados para que tudo derruísse. E enquanto que milhões de seres humanos das classes média e agrária eram vítimas duma ruína conscientemente organizada, uma burguesia bonacheirona e louca prestava-se com determinado sadismo político a servir de alavanca para o derradeiro desmoronamento.

❖

Tudo tinha sido em vão. Em vão todos os sacrifícios e privações, em vão a fome e a sêde de meses sem fim. Em vão as horas em que transidos de pavor, assim mesmo cumpríamos o nosso dever, e em vão a morte de dois milhões de homens que então caíram. Não se iriam abrir os túmulos das centenas de milhar daqueles que outrora tinham partido com fé na pátria para nunca mais voltarem? Não se iriam abrir êsses túmulos, para enviar à nação, como espíritos vingativos, os heróis mudos, enlameados e ensangüentados pela traição ao maior sacrifício que um homem pode oferecer neste mundo? Foi para isso que se lhes juntaram os regimentos de voluntários do outono dêsse ano? Foi para isso que rapazes de 17 anos tombaram na Flandres? Era êsse o sentido do sacrifício oferecido à pátria pelas mães alemãs, quando, com o coração despedaçado, deixavam partir os seus filhos mais queridos para não mais voltarem a vê-los?

Tudo isso aconteceu para que agora (revolução) um punhado de miseráveis criminosos pudessem pôr a mão sôbre a pátria?

❖

A horrorosa guerra (1914) minou a consistência do poder e da auto-

ridade na Alemanha de então, e ao seu fracasso seguiu-se o desmoronamento, tanto interno como externo. O elemento activo e responsável desta derrocada foi o marxismo; o passivo e corresponsável foi a democracia burguesa.

❖

Quando depusemos as armas em Novembro de 1918, começou-se uma política que, segundo tôdas as probabilidades, era destinada a conduzir à ruína. Exemplos semelhantes, tirados da História, mostram como os povos que depõem as armas antes de tentarem um último esfôrço, mais fàcilmente preferem, no decorrer dos tempos, sofrer as maiores humilhações e opressões a tentarem uma mudança do seu destino por meio dum novo apêlo à violência.

❖

Uma nação, quando perde a honra e o carácter, não dá ouvidos à doutrina de que "a própria destruição da liberdade após uma luta sangrenta e horrorosa assegura o renascimento dum povo e é o núcleo vital, onde germinarão as raízes duma nova árvore", pois, de contrário, não se deixaria aviltar.

❖

A revolução (Novembro de 1918) conseguiu destruir o antigo edifício do Estado, porque a guerra havia destruído o equilíbrio normal da organização do nosso povo.

❖

O poder da antiga nação (alemão) apoiava-se em três colunas: a constituição monárquica, o corpo administrativo e o exército. A revolução de 1918 revogou a constituição monárquica, dissolveu o exército e entregou o corpo administrativo à corrupção partidária. Assim foram destruídos os três principais sustentáculos da autoridade do Estado.

❖

O exagerado intelectualismo dos nossos guias foi o melhor aliado que podiam encontrar os tratantes da revolução de Novembro (1918). A maneira vergonhosa como êsses "intelectuais" sacrificaram o interêsse nacional que lhes fôra confiado, em vez de promoverem a sua defesa pelos meios mais enérgicos, ofereceu aos adversários a condição essencial para a vitória.

❖

O que assegurou o êxito da revolução (1918) não foi a intrepidez e a coragem dos seus organizadores, foi a covardia, a miserável irresolução dos que dirigiam o Estado e eram responsáveis pela sua conservação.

❖

Pondo de parte os defeitos reais do antigo regime, chegava-se à conclusão de que os motivos por que a revolução triunfou, foram os seguintes: entorpecimento das nossas idéias sôbre cumprimento do dever e obediência; passividade covarde dos nossos chamados partidos conservadores.

❖

Pela justa razão de que os que detinham o poder se afastavam persistentemente do bom senso e das regras da arte de conduzir os povos, fazendo causa comum com a loucura marxista, a comunidade tinha de sofrer uma progressiva e constante desagregação.

As fôrças positivas conservadoras começaram a ceder e a apagar-se e sòmente as fôrças negativas se fundiram numa horrível solidariedade para o ataque decisivo contra o que aínda se conservava de pé.

❖

A atomização da vida política e cultural, a decadência cada vez mais rápida da estrutura orgânica da nação, a paralisia do seu funcionamento enfraqueceram a confiança nas vocações e, por conseqüência, na autoridade dos

que quiseram dirigir o povo. Dêste derruimento geral de todos os fundamentos essenciais do nosso pacto comum nacional e social, resultou uma crise de confiança na possibilidade dum futuro melhor. Nestas circunstâncias, a catástrofe económica devia suceder, fatalmente, à decadência política e cultural.

❖

Quem reflectir sôbre o número de vítimas que ocasionou a criminosa leviandade dos elementos mais irresponsáveis da nação, quem pensar nos mortos e nos mutilados, sacrificados sem necessidade, assim como na fraqueza, na vergonha e na miséria sem limites em que aínda agora nos encontramos, e souber que tudo isso aconteceu só para que o caminho dos ministérios se abrisse a uma multidão de ambiciosos e caçadores de empregos; quem compreender tudo isso, compreenderá também que essas criaturas só devem ser designadas com qualificativos como os de patifes, infames, pulhas e criminosos. (1924)

❖

Saltando por cima do Centro, a democracia burguesa, mais ou menos ataviada de nacionalismo, une-se (depois da revolta de 1918) com o internacionalismo marxista e gera aquela série de Governos parlamentares que se sucediam constantemente em prazos cada vez mais curtos, e que desperdiçaram em esbanjamentos e delapidações o capital económico e político que a nação tinha entesourado.

❖

A inconseqüência do ideal político e económico da democracia burguesa fêz surgir a conseqüente teoria marxista. Assim, aconteceu que, enquanto os povos consumiam aínda os frutos materiais do individualismo burguês e liberal, os apóstolos da nova doutrina prègavam a igualdade política de todos os elementos. A democracia parlamentar, com o decorrer do tempo, teria inevitàvelmente de romper hostilidades com o valor da personalidade, mesmo no campo meramente económico.

❖

Com uma audácia impudente, (depois da revolução de 1918) ataca-se, ridiculariza-se e aviltava-se a fé na nação e nos seus direitos. Ao amor de tudo o que é belo substitue-se o culto consciente do que é inferior e falho de atracção. O que é são deixa de ser o guia da aspiração humana, e o que é disforme, desajeitado e enfermiço aparece aureolado com o nome de nova cultura.

❖

Quem deixar de julgar a revolução pelo valor das pessoas com que ela presenteou a nação desde Novembro de 1918, terá de esconder o rosto, tomado de vergonha, ante o juízo da posteridade.

❖

A pátria perdeu o melhor da juventude alemã e milhões de mortos e estropiados para favorecer algumas centenas de embusteiros políticos, para os impor à fôrça ou tornar possível a história de certas teorias repetidas por verdadeiros realejos.

❖

A Alemanha sofreu durante 14 anos (depois da revolução de 1918) a mais formidável das derrocadas de que reza a História. Sobrevem uma reviravolta completa nos conceitos. O que era bom, passa a ser mau, e o que era péssimo, passa a ser excelente. Despreza-se o herói e louva-se o covarde. Castiga-se o honesto e premeia-se o patife. Para o decoro só existe o escárneo. A devassidão é louvada. O forte incorre na reprovação, e o débil é galardoado. O mérito nada vale. No seu lugar surge o número, isto é, a inferioridade e a negação do valor. Com a mesma desfaçatez com que se nega o futuro histórico, infamemente se profana o passado. (1934)

❖

TIME

THE WEEKLY NEWSMAGAZINE



HITLER

A QUESTÃO JUDAICA

É-ME difícil, hoje, se não impossível, dizer quando a palavra judeu foi pela primeira vez objecto das minhas reflexões. Na casa paterna, durante a vida de meu pai, não me lembro de a ter ouvido.

❖

No judeu via apenas o lado religioso. Por isso, por uma questão de tolerância, considerava injusta a sua condenação por motivos religiosos.

❖

Só o conhecimento dos judeus me ofereceu a chave para a compreensão dos propósitos íntimos e, por isso, reais, da social-democracia.

❖

Quem conhece o povo judaico vê cair-lhe dos olhos o veu que impede de descobrir as concepções falsas sôbre a finalidade e o sentido da social-democracia e vê aparecer do palavriado da sua propaganda e de dentes arreganhados, a caricatura do marxismo.

❖

Como era difícil, até para mim próprio, dominar a dialéctica de mentiras desse povo!

❖

Em todos os tempos os judeus foram os maiores conhecedores das possibilidades do emprêgo da mentira e da calúnia.

❖

Um dos maiores espíritos da humanidade perpetuou numa frase imorredoira o julgamento sôbre o povo judaico, quando os designou como os "maiores mestres da mentira". Quem não aceitar esta verdade ou não quiser reconhecê-la, nunca poderá concorrer para a vitória da verdade neste planeta.

❖

A mentira dos judeus começa por tentarem provar ao mundo que a questão judaica é uma questão religiosa, quando na realidade ela é uma questão de etnia, - e que etnia!

❖

O judaísmo nunca foi uma religião, mas sim e sempre, um povo com características étnicas bem definidas.

❖

O Estado judaico nunca teve fronteiras, nunca teve limites no espaço, mas foi sempre unido por características étnicas. Por isso aquele povo foi sempre um Estado dentro do Estado.

❖

A etnia não reside na língua, mas no sangue. Ninguém sabe isto melhor que o judeu, o qual justamente dá muito pouca importância à conservação da sua língua.

❖

Tudo o que muitos judeus façam, talvez sem o saber, acha-se claramente descrito no "Protocolo dos Sábios do Sião".

❖

A melhor crítica ao "Protocolo dos Sábios do Sião" é fornecida pela realidade. Quem examinar a evolução histórica do último século à luz dêsse livro, compreenderá o clamor da Imprensa judaica. No dia em que êsse livro fôr completamente divulgado, estará evitado o perigo judaico.

❖

O nómade poderá parecer estranho aos povos arianos, mas nunca lhe é antipático. Tal não acontece ao judeu. O judeu nunca foi nómade, mas sim parasita incorporado no organismo dos outros povos.

❖

O facto de o judeu contìnuamente se espalhar pelo mundo é um fenómeno próprio de todo o parasita. Êste anda sempre à procura de novos terrenos para fazer prosperar o seu povo.

❖

O judeu não possue qualquer fôrça susceptível de construir uma civilização. Falta-lhe, e nunca teve, idealismo, sem o qual o homem não pode evoluir num sentido superior.

❖

Apesar das suas aparentes aptidões intelectuais, o povo judaico permanece sem nenhuma cultura verdadeira e sobretudo sem cultura própria. O que êle hoje apresenta como pseudo-civilização é o património de outros povos, já corrompidos nas suas mãos.

❖

No povo judaico a vontade de se sacrificar não vai além do puro instinto de conservação do indivíduo. O sentimento de solidariedade, que parece entre êles tão profundo, não passa do instinto gregário, muito primitivo, que neste mundo se manifesta em muitos sêres.

❖

O judeu só conhece a união, quando se encontra ameaçado por um perigo comum ou atraído pela pilhagem geral.

❖

A presença do judeu produz as mesmas conseqüências que a existência das plantas parasitas. Onde o judeu se fixa, o povo que o recebe enfraquece mais ou menos ràpidamente.

❖

O princípio orgânico da humanidade ariana é substituído pelo princípio destruidor do judaísmo. Assim, o judaísmo torna-se um fermento de decomposição dos povos e, em sentido mais vasto, a ruína da cultura humana

❖

Não é só o velho mundo que se está enredando no trama judaico. A América está também ameaçada. Judeus são os reis da Bolsa da União Norte Americana, e cada vez mais êles "fiscalizam" as fôrças de trabalho dum povo de cento e vinte milhões. Muito poucas são as que se conservam independentes.

❖

O judeu é actualmente o grande instigador do absoluto aniquilamento da Alemanha. No mundo inteiro todos os ataques à Alemanha são da autoria dos judeus. Foram êles que na paz, como na guerra (de 1914) atearam na sua Imprensa, premeditadamente, o ódio contra a Alemanha, até que uns após outros, os Estados abandonaram a neutralidade e entraram na coligação mundial, renunciando aos verdadeiros interêsses dos seus povos.

❖

Através do operário que poderia ser uma benção para a nação, o judaísmo destroi as bases da economia nacional.

❖

Como desde o fim da guerra (1918) a direcção dos nossos destinos é sàbiamente orientada por judeus, não se deve supor que a causa da nossa desgraça fôsse devida a uma falha de inteligência. Bem ao contrário. Pode-se

ter a certeza de que uma intenção consciente conduz o nosso povo ao aniquilamento.

❖

O judeu, que outrora se utilizou da burguesia como arma contra o mundo feudal, excita agora o operário contra o burguês. Se a sombra da burguesia conseguiu por meios duvidosos conquistar direitos de cidadania, espera agora encontrar, na luta do trabalhador pela vida, o caminho para implantar o seu domínio político.

❖

Para realizar o ideal dum Estado nacionalista devem pôr-se de parte os elementos que "fiscalizam" a vida pública, e procurar uma nova fôrça capaz de chamar a si a luta por êsse ideal. Nesse combate, a primeira tarefa não é a da criação duma nova concepção do Estado, mas a da remoção das actuais concepções judaicas.

❖

É concebível que os representados dos reais interêsses das nações, com as quais se possam firmar alianças, consigam realizar as suas intenções contra a vontade do judeu, inimigo mortal de todos os Estados livres?

❖

Contra o privilégio eterno do poder e da fôrça do indivíduo, a doutrina judaica do marxismo levanta o poder das massas e o pêso morto do número.

❖

Vencendo a minha relutância, tentei ler essa espécie de imprensa marxista, mas a repulsa por ela crescia cada vez mais. Esforcei-me por conhecer mais de perto os autores dessa maroteira e verifiquei que, a começar pelos editores, todos eram judeus. Examinei todos os panfletos sociais-democráticos

que pude conseguir e, invariavelmente, cheguei à mesma conclusão: todos os editores eram judeus. Tomei nota dos nomes e quase todos os líderes e, na sua grande maioria, eram do "povo escolhido", quer se tratasse de membros do "Reichscrat", de secretários dos sindicatos, de presidentes de associações ou de agitadores de rua. em todos encontravam-se sempre a mesma figura sinistra do judeu. Os nomes de Austerlitz, David, Adles, Ellenbogen etc., ficarão eternamente na minha memória.

❖

Uma coisa tornou-se clara pra mim. Os líderes do partido Social Democrata, com os pequenos elementos do qual tinha estado em luta durante meses, eram quase todos pertencentes a um povo estrangeiro, pois para minha satisfação íntima, convenci-me de que o judeu não era alemão. Só então compreendi quais eram os corruptores do povo.

❖

Expulsámos da Alemanha, aos pares, estas hienas internacionais da finança, e não consentiríamos agora que de fora nos seja prescrita a lei da nossa maneira de viver.

❖

Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua corôa de vitórias será a corôa mortuária do ser humano.

❖

Lutando contra o judaísmo estou realizando a obra de Deus.

❖

Sobre o cérebro e a alma da gente de bem, vai descendo, aos poucos, como um pesadelo, o temor do judaísmo, a arma dos marxistas.

Todos começam a tremer diante do terrível inimigo, tornando-se as-

sim suas vítimas definitivas.

O domínio do judeu no Estado já parece tão firmado que, agora, não só ele tem direito de aparecer como judeu, como também de externar seus pensamentos mais íntimos a respeito da sociedade e de política, sem por nisso o menor escrúpulo.

Parte de seu povo já se confessa abertamente como povo estrangeiro, o que ainda é uma pequena mentira. Enquanto o Sionismo se esforça por fazer crer à Humanidade que a consciência, como povo, encontraria satisfação na criação de um Estado na Palestina, os judeus nada mais fazem que ludibriar os cristãos, da maneira mais miserável.

Não cogitam absolutamente de implantar na Palestina um Estado para ali viverem. O que eles desejam, é, únicamente, um centro de organização autônomo, ao abrigo da instrusão de outras potências. Querem apenas um refúgio seguro para a sua canalhice, isto é, uma academia para a educação de trapaceiros.

Há, porém, um indício, não só de sua confiança crescente, como também da consciência de sua segurança. que uma parte se proclame, aberta e cinicamente, como povo judaico, ao mesmo tempo que a outra, sem a mínima sinceridade, disfarça-se em alemães, franceses ou ingleses.

Povos que opõem ao ataque interno uma forte resistência são por ele envolvidos em uma teia de inimigos, graças às suas influências internacionais. Incita-os à guerra, implantando, se preciso for, nos campos de batalha, a bandeira revolucionária.

Economicamente, eles criam para os Estados tal situação que as empresas oficiais, deixando de dar rendas, são subtraídas à direção do Estado e submetidas à fiscalização financeira do judeu.

No terreno político, recusam ao Estado os meios para a sua subsistência, destroem as bases de toda e qualquer defesa nacional, aniquilam a crença em uma chefia, desprezam a história e o passado, e enlameiam tudo que é expoente de grande real.

A contaminação, em matéria de cultura, manifesta-se na arte, na literatura, no teatro. Cobrindo de ridículo o sentimento espontâneo, destroem todo conceito de beleza e elevação, de nobreza e de bondade, arrastando o homem aos seus sentimentos inferiores. A religião é ridicularizada. Bons costumes e moralidades são taxados de coisas do passado, até que os últimos esteios de uma nacionalidade tenham desaparecido.

O grande mestre na mentira sabe admiravelmente fazer-se passar por muito puro, a fim de melhor jogar a culpa nas costas alheias. Possuindo o desplante instituir-se em guia das massas, estas nem de leve suspeitam a existência, atrás disso tudo, do logro mais infame de todos os tempos, Entretanto, era assim que as coisas se passavam. Apenas surgiu a nova categoria social, saída da transformação econômica, que se estende a todas as classes, o judeu avista, com toda a nitidez e clareza, o novo itinerário a seguir para sua prosperidade sempre crescente. Outrora, serviu-se da burguesia como arma contra o mundo feudal, agora vai atiçar o operário contra o burguês. Se, à sombra da burguesia, espera agora encontrar, na luta do trabalhador pela vida, o caminho para implantar o seu domínio político.

Doravante, só resta ao operário a tarefa de pelejar pelo futuro do povo judeu. Sem se aperceber, entra a serviço da potência que ele tem a ilusão de combater. Com a aparência de deixá-la atacar o capital, é que se pode melhor fazê-la lutar pelo mesmo. Nisso tudo, grita-se constantemente contra o capital internacional, quando em verdade o que se visa é a economia nacional. É esta que importa demolir para que, no seu cemitério, se possa edificar triunfalmente a Bolsa Internacional.

O processo aí empregado pelo judeu é o seguinte: aproxima-se do trabalhador, finge compaixão pela sua sorte ou mesmo revolta contra seu destino de miséria e indigência, tudo isso unicamente para angariar confiança. Esforça-se por examinar cada privação real ou imaginária na vida dos operários, despertando o desejo ardente de modificar a sua situação. A aspiração à justiça social, latente em cada ariano, é por ele levada de um modo infinitamente hábil, ao ódio contra os privilégios da sorte; a essa campanha pela debelação de pragas sociais imprime um caráter de universalismo bem definido. Está fundada a doutrina marxista.

relativos ao povo judeu; em certa emergência pegou até no chicote para enxotar do templo de Deus este adversário de todo espírito de humanidade que, outrora, como sempre, na religião, só discernia um veículo para facilitar sua própria existência financeira. por isso mesmo, aliás, é que Cristo foi crucificado, enquanto nosso atual cristianismo partidário se rebaixa a mendigar votos judeus nas eleições, procurando ajeitar combinações políticas com partidos de judeus e tudo em detrimento do próprio caráter nacional.

❖

Em sequência lógica, amontoam-se sempre novas mentiras sobre a grande mentira inicial, a saber: que o judaísmo não é um povo, mas uma religião. A mentira estende-se igualmente à questão da língua dos judeus, esta não lhes serve de veículo para a expressão, mas sim de máscara para seus pensamentos. Falando francês, seu modo de pensar é judeu; torneando versos em alemão não faz senão transparecer o espírito da seu povo.

Assim cria-se um verdadeiro movimento trabalhista, sob a chefia de judeus. Aparentam visar à melhora das condições dos operários, tendo na mente, porém, em verdade, a escravidão e o aniquilamento de todos os povos que não são judeus.

A Maçonaria se encarrega, por meio da imprensa, hoje nas mãos dos judeus, de levar, à burguesia e às camadas populares, a idéia de que a defesa do país deve consistir no pacifismo. A essas duas armas demolidoras associam-se, em terceiro lugar, a organização da violência bruta que é mais temível. Como patrulha de ataque, o Marxismo tem que consumar a obra de destruição que outras duas armas preparam.

Na vida do judeu, incorporado como parasita no meio de outras nações e de outros Estados, existe um traço característico, no qual Schopenhauer se inspirou para declarar, como já mencionamos: "O judeu é o grande mestre da mentira". A vida impele o judeu para a mentira, para a mentira incessante, da mesma maneira que obriga o homem do norte a vestir roupa quente.

Sua vida no seio de povos estranhos, só pode perdurar, se ele conseguir despertar a crença de ser o representante, não de um povo, mas de uma "comunhão religiosa", muito embora singular.

A doutrina judaica é, em primeiro lugar, um guia para aconselhar a conservação da pureza do sangue, assim como o regulamento das relações dos judeus entre si, mas ainda como os não judeus, isto é, como o resto do mundo. Não se trata em absoluto, de problemas morais, e sim de questões econômicas, muito elementares. Existem hoje e já existiram em todos os tempos estudos bastante aprofundados sobre o valor étnico do ensino da doutrina judaica, espécie de religião, que, aos olhos arianos, parece, por assim dizer, escabrosa (tais estudos naturalmente não provém de iniciativa dos judeus, ao contrário, seriam habilmente adaptados ao fim visado). O produto dessa educação religiosa – o próprio judeu – é o seu melhor expoente. Sua vida só se limita a esta terra e seu espírito conservou-se tão estranho ao verdadeiro Cristianismo quanto a sua mentalidade o foi, há dois mil anos, ao grande fundador da nossa doutrina. Verdade é que este não ocultava seus sentimentos

O SANGUE E O SOLO

A QUESTÃO dos povos não só fornece a chave para a compreensão da História Universal, como aínda para a cultura humana em geral.

❖

A observação superficial é suficiente para mostrar como lei que prende as inúmeras manifestações expressivas da vontade viver, na natureza, o processo em si mesmo limitado, pelo qual esta se perpetua e multiplica.

❖

A natureza defende-se por todos os meios contra a alteração da lei da associação entre animais da mesma espécie. A sua reacção mais evidente consiste ou em privar os bastardos da capacidade de procriação ou em limitar a fecundidade dos futuros descendentes.

Na maioria dos casos, priva-os aínda da faculdade de resistência contra moléstias e ataques hostís.

❖

A natureza não impede a capacidade de procriação, mas sim a conservação dos rebentos expondo-os a tão duras provações, que o menos resistente é forçado a voltar ao seio do eterno desconhecido.

❖

A natureza costuma agir com um método tão sábio como inexorável, no sentido de limitar o aumento de população de determinadas terras ou povos, em épocas de grandes necessidades, más condições climatéricas ou aínda nos casos de pobreza de solo.

❖

A razão, pela qual tôdas as grandes civilizações do passado pereceram, foi a extinção, por envenenamento de sangue, do primitivo povo criador.

❖

Na História Universal todos os acontecimentos no bom ou no mau sentido não passam de manifestações externas do instinto de conservação das etnias.

❖

Quem negar que as etnias têm aptidões diferentes para engendrar civilizações, forçosamente se enganará quando julga os indivíduos.

❖

Desde que a nacionalidade não está na língua que se fala, mas no sangue, só se poderia falar em germanização, se, por tal processo, se pudesse modificar o sangue dos indivíduos. Isso é absolutamente impossível.

❖

É quási incrível que alguém pense ser possível transformar um negro ou um chinês num alemão sòmente por eles terem aprendido a língua alemã e por estarem dispostos a falá-la tôda a vida e a votar em qualquer dos partidos políticos alemães.

❖

Não é nunca demasiado insistir em que tôda a colonização alemã interna tem de servir, em primeiro lugar, para evitar males sociais, sobretudo livrar a terra da especulação geral. Entretanto nunca poderia ser suficiente para assegurar o futuro da nação sem a conquista de novos territórios. Se agirmos de outra maneira não só chegaremos a esgotar as nossas terras, como aínda as nossas fôrças.

❖

Ninguém contesta que hoje em dia aínda há neste mundo vasta extensão de solo, que só espera quem o queira cultivar. Êsse solo não foi reservado

pela própria natureza para determinada nação como superfície de reserva para o futuro. Trata-se de terra e solo destinados ao povo que possua a energia de o conquistar e a diligência em operar a sua cultura

❖

A natureza não conhece limites políticos. Ela coloca os sêres neste globo terrestre e fica apreciando o jôgo livre das fôrças. O mais forte em coragem e em inteligência recebe o prémio da existência, sempre atribuído ao mais resistente.

❖

A Alemanha tem um acréscimo de população, aproximadamente de 900 mil nascimentos por ano. A dificuldade da alimentação desta massa de novos cidadãos tem de aumentar de ano para ano e de acabar finalmente numa catástrofe, caso se não encontrem a tempo meios de dominar o perigo da miséria e da fome. (1924)

❖

Está provado que, quando a cultura dum povo na sua essência foi recebida, absorvida e assimilada de povos estrangeiros, uma vez retirada a influência externa, ela cai de novo no mesmo torpor.

❖

Por mais poderosa que possa ser a influência do solo sôbre os homens, os seus efeitos hão-de sempre variar segundo as etnias. A falta de fertilidade dum país pode estimular um povo a alcançar o máximo rendimento para a sua actividade, enquanto que outro povo apenas encontrará motivo para se abandonar a tôdas as conseqüências da maior miséria.

❖

Calma e simplesmente, temos de colocar-nos no ponto de vista de que certamente não deve ter sido intenção do céu dar cinqüenta vezes mais de

terra a um povo do que a outro.

❖

Quanto maior fôr o espaço de que um povo disponha, tanto maior é a sua protecção natural, pois sempre foram conseguidas vitórias militares mais rápidas e por isso mesmo mais fáceis e especialmente mais eficientes e completas, contra povos apertados em pequenas superfícies de terras, do que contra Estados de vasta extensão territorial.

❖

Povos, em cujas veias corre o mesmo sangue, devem pertencer ao mesmo Estado.

❖

Ao povo alemão não assistem razões morais para uma política activa de colonização, enquanto não conseguir reunir os seus próprios filhos numa pátria única.

❖

Se se classificasse a humanidade em três espécies: a que criou a civilização, a que a conservou e a que a destruíu, o ariano seria designado como o representante da primeira.

❖

Tudo o que vemos hoje de civilização humana, produtos da arte, da ciência e da técnica, é quási exclusivamente o fruto da actividade criadora dos arianos.

❖

Poderia haver no mundo centenas de Estados-modêlo. Isso não impediria que, com o desaparecimento dos arianos, formadores de cultura, desapa-

recesse a civilização no nível, em que se encontra as nações mais adiantadas.

❖

O ariano é o Prometheu da humanidade. A estrêla divina do gênio constantemente brotou da sua fronte luminosa. Foi êle quem acendeu sempre de novo, êsse fogo que, sob a forma do conhecimento, iluminou os mistérios inteiramente mudos e cobertos de sombra, mostrando assim ao homem o caminho, que êle deveria desbravar para ensinar os outros sêres vivos que habitavam a terra.

❖

A grandeza do ariano não está na riqueza das suas faculdades intelectuais, mas na facilidade em consagrar as suas aptidões ao serviço da comunidade.

❖

O judeu forma o mais vivo contraste com o ariano. Não há talvez no mundo povo que possua tão desenvolvido instinto de conservação como o chamado povo eleito.

❖

Não há nada mais falso do que ver no facto de os judeus se reunirem para combater ou, mais exactamente, para pilhar, a prova de que existe entre êles certo espírito idealista capaz de sacrifício. Aqui o móbil do judeu não é outro senão o egoísmo.

❖

A delimitação do território dum Estado supõe sempre uma mentalidade idealista entre o povo que o constitue e, em particular, uma concepção exacta do que significa o trabalho. Na medida em que esta concepção não se verifica, todo o esfôrço para constituir ou para fazer viver um Estado delimitado no espaço é mais ou menos vão.

❖

Sempre que o sangue estrangeiro foi introduzido no corpo da nação, os seus desastrosos efeitos fizeram-se sentir sôbre o caracter do povo, dando lugar ao super-individualismo, infelizmente aínda hoje muito apreciado.

❖

O fundamento do que designamos pela palavra super-individualismo, está na existência de elementos étnicos diferentes que se não fundiram.

❖

É um ultraje imaginar que os povos alemães de antes da era cristã eram bárbaros. Bárbaros nunca êles foram. O clima áspero dos países do Norte forçou-os a viver sob condições que não lhes permitiram desenvolver as suas qualidades criadoras.

❖

O germano do continente americano elevou-se até à dominação dêste, por se ter conservado mais puro e sem mistura. Ali continuará a imperar, enquanto não se deixar vitimar pelo pecado da mistura do sangue.

❖

Quando um povo deixa de dar aprêço às qualidades inerentes que foram conferidas pela natureza e se acham enraizadas no seu sangue, não tem o direito de chorar a perda da sua existência.

RESSURGIMENTO DA ALEMANHA

O FIM actual duma política externa alemã deve ser a preparação para a recuperação da liberdade. (1924)

❖

É, històricamente, difícil imaginar que o povo alemão chegue algum dia a ocupar a sua posição anterior, sem chamar à prestação de contas aqueles que motivaram e promoveram o inaudito desmoronamento de que foi vítima o nosso Estado. (1924)

❖

Qualquer idéia de resistência contra a França (por ocasião da ocupação do Ruhr, em 1923) para o restabelecimento do poder militar da Alemanha, teria primeiro que dar à nação armas espirituais, fortalecer o poder de vontade e anular os destruidores dessa inestimável fôrça, condição absoluta de qualquer resistência material. (1924)

❖

O organismo nacional ameaçado de putrefação deve receber dum novo contracto social o postulado para a constituição duma nova comunidade. Porém, as teses fundamentais dêste contracto apenas se podem encontrar naquelas leis eternas que cimentam a vida construtiva. (1934)

❖

Se a desgraça da pátria dá estímulo a muitos para pensar nas causas íntimas da derrocada, a profundidade e aguda intuição do seu conhecimento só se abre para aquele que depois de muitos anos de luta se tornou senhor do destino. (1924)

❖

Os povos subjugados não serão reconduzidos ao seio da pátria comum com protestos ardentes, mas mediante uma espada eficiente. Forjar essa espada é a missão dos dirigentes da política interna dum povo; assegurar o funcio-

namento da forja e preparar companheiros de combate é o dever da direcção da política externa.

❖

A possibilidade de recuperar a independência dum povo não depende absolutamente dos limites territoriais, mas sim da existência duma base, por pequena que seja, dêsse povo e dêsse Estado, capaz de dispor da necessária liberdade de ser a personificação não só da comunidade intelectual da nação inteira, como aínda de preparar para o combate militar a favor da independência.

❖

Não se faz uma aliança com um Estado, cuja parte activa da população se conserva passiva, pelo menos diante de qualquer política exterior resoluta.

❖

Quando um povo, em conseqüência da falta absoluta de instinto da própria conservação, perde a capacidade de se constituir em aliado eficiente de outro, degenera numa nação escrava e passa à categoria de colônia.

❖

Só uma tempestade de paixão escaldante consegue torcer o destino dos povos.

❖

Só pelo imenso desenvolvimento da nossa fôrça de vontade, por uma sêde de liberdade e por uma alta devoção à pátria, se poderá conquistar o que nos tem faltado. (1924)

❖

O objecto da nossa luta deve ser o da garantia da existência e da multiplicação do nosso povo, da subsistência de seus filhos e da pureza do sangue, da liberdade e da independência da pátria, a-fim-de que o povo germânico possa amadurecer para realizar a missão, que o Criador do Universo lhe destinou.

❖

A questão da reconquista do poder político do nosso povo é principalmente uma questão de purificação do sentimento da conservação nacional. A experiência ensina que tôda a política externa eficiente, assim como a valorização do Estado, se baseiam mais no reconhecimento ou suposta faculdade de resistência moral da nação do que nas armas que possue.

❖

A reconquista do poder alemão não deve consistir em saber como fabricaremos armas, mas como despertaremos no povo o espírito que o habilite a manejá-las. Quando êsse espírito domina um povo, êle encontrará mil caminhos, e todos êles terminarão junto duma espingarda.

❖

Durante os quinze anos da nossa luta pelo poder desmascarámos três adversários como os principais agentes da desagregação alemã, os quais, apoiando-se uns aos outros, devem ter tidos como igualmente responsáveis pela derrocada da Alemanha.

1º - O marxismo judaico e a sua parente – a democracia parlamentar;

2º - O "Centro" tão nocivo moral como polìticamente;

3º - Certos elementos duma burguesia tão estùpidamente reaccionária que nenhuma lição lhe aproveita. (1935)

❖

Em face da grande desgraça da pátria, não desejo hoje ofender e talvez afastar aqueles, que um dia aínda terão de formar a grande frente única dos alemães verdadeiramente leais do coração contra a frente geral dos inimigos do nosso povo. Sei que chegará o dia, em que mesmo aqueles que até então estavam em campo contrário ao nosso, se lembrarão com respeito dos que, pelo povo alemão, enveredaram pelo áspero caminho da morte. (1924)

❖

Temos de recomeçar com princípios racionais simplicíssimos, não só porque após 15 anos (depois da revolução de 1918) se deixaram de observar as mais elementares condições de vida, como aínda porque nesses anos se realizou um inaudito emaranhamento de interêsses, e mal se pode dar um passo sem se nos revelarem corrupções, de natureza espiritual e material, com os quais temos de nos haver. (1933)

❖

Têm de tornar a encontrar o caminho que una os milhões de homens que, repartidos em profissões, foram separados em classes artificiais, que, atacados de enfumada vaidade de casta e delírio de classe, deixaram de se poder compreender recìprocamente. (1933)

❖

Só quando atrás do trabalho se ergue em defesa e amparo o vigoroso pulso da nação, é que pode resultar a verdadeira prosperidade.

❖

Firmando-nos na personalidade étnica alemã e na manutenção do camponês alemão, podemos estar seguros das nossas decisões. Poder-se-á talvez errar nos meios, mas nunca nos fundamentos.

❖

Enquanto um povo se puder retirar para o seio duma forte população agrícola, sempre desta colherá incessantemente novas fôrças.

❖

Tôdas as grandes mudanças podem ser suportadas, todos os lances do destino são superados se houver uma sadia população agrícola.

❖

Não posso pugnar pelos interêsses dum povo, se não reconheço a fôrça mais importante (população camponesa) na corporação que realmente representa o futuro da nação.

❖

Era de desesperar o espectáculo que então oferecia o povo! (início do nacional-socialismo).

O povo não queria ouvir, não queria entender que o tratado de Versalhes era uma vergonha e o opróbio da nação, e que êsse tratado de paz, que nos fôra ditado, se traduzia por um verdadeiro saque. A obra de destruição do marxismo, a sua propaganda envenenadora tinha cegado o povo (1924).

❖

Queremos estabelecer a primazia da política à qual cumpre organizar e dirigir a luta da nação pela vida. (1933)

❖

Queremos, tanto na vida individual e social como também na economia, tomar em consideração os ensinamentos da experiência, que no decurso de milénios se revelaram úteis ao bem estar dos homens. (1933)

❖

Queremos substituir a eterna vacilação pela firmeza dum Govêrno que tornará a dar ao nosso povo uma autoridade inabalável. (1933)

❖

Queremos combinar a confiança nos princípios sãos, como naturais e verdadeiros, da conduta da vida, como uma continuidade da evolução política no interior e no exterior. (1933)

❖

Queremos de novo subordinar a organização e a direcção do nosso Estado aos princípios, que em todos os tempos constituíram as condições preliminares da grandeza dos povos e dos Impérios. (1933)

❖

O trabalho que o destino de nós exige, tem de erguer-se muito e muito acima do quadro e da essência dos mesquinhos recursos da politiquice.

❖

Dos troncos de etnia alemã, dos grupos sociais, das profissões e das classes até agora existentes, queremos constituir uma nova grei, apta e estabelecer o justo equilíbrio dos interêsses vitais, exigido pelo futuro de todo o povo. De camponeses, burgueses e operários tem de formar-se um "Povo Alemão". Êsse povo tomará então para todos os tempos, à sua fiel guarda, a nossa fé, a nossa cultura, a nossa honra e a nossa liberdade.

❖

Nada do que há de grande no mundo foi dado de presente ao homem. Tudo tem de ser adquirido em dura e porfiada luta. O ressurgimento dum povo tampouco se torna fàcilmente realidade se não fôr conquistado inteiramente.

❖

Para a reconvalescença do nosso povo reconhecemos como primeira condição os alemães têm de tornar a reconhecer-se mùtuamente. (1933)

❖

O que mãos humanas construíram, podem mãos humanas demolir; o que a loucura humana outrora engendrou, pode o bom senso outra vez vencer.

RECONQUISTA DAS MASSAS POPULARES

JÁ no ano de 1919, estávamos convencidos de que o novo movimento (nacional-socialista) deveria ter por escôpo principal a nacionalização das massas populares.

❖

É certo que as grandes massas populares são muitas vezes ronceiras; que sob muitos aspectos estão atrazadas e não são tão móveis, tão espirituais e espirituosas como os nossos intelectuais. Mas têm outro valor: têm lealdade, têm perseverança, têm estabilidade.

❖

Um poeta disse outrora: "A Alemanha alcançará o máximo de grandeza, quando os seus filhos mais pobres forem os seus mais leais cidadãos." Conheci êsses "seus filhos mais pobres" durante quatro anos e meio como soldado na Guerra Mundial. Conheci-os, a êles que não tinham talvez nada a ganhar para si próprios, e que simplesmente ouvindo a voz do sangue e obedecendo ao sentimento de pertencerem ao mesmo povo, se bateram como heróis.

❖

Conheço a grande massa do povo. Aos nossos intelectuais quero repetir ùnicamente e sempre: Todo o Estado que edificardes e que assente apenas nas camadas do intelectualismo, será de fraca duração.

❖

O operário alemão tem de fazer com que em milhões de compatriotas das direitas, desapareça a opinião de que êle está ìntimamente alheio ao povo alemão e ao ressurgimento nacional.

❖

O alvo do movimento que eu e os meus companheiros representamos será elevar a palavra "operário" à categoria de supremo título honorífico da

nação alemã.

Não foi sem fundamento que incluímos êste têrmo na designação do nosso movimento. Não foi tampouco porque essa palavra nos trouxesse naquele tempo grande proveito! Pelo contrário. Só colhemos ódios e inimizades dum lado e incompreensão do outro.

❖

O nacional-socialista não vai formar um Estado contra o operário; com êle é que o nosso Estado se há-de erigir.

❖

Não se pode fazer uma verdadeira e profunda revolução se o povo não clamar ìntimamente por essa revolução.

❖

Em caso algum a nacionalização das massas populares pode ser alcançada com meias medidas. É necessário concentrar todos os esforços e conduzí-los com fanatismo até ao fim que se decidiu atingir.

❖

A educação das massas não se pode realizar directamente; depende da elevação do nível social. Só assim é possível uma base económica que permita a cada um aproveitar as bases culturais da nação.

❖

Nunca atrairemos para o nosso movimento o gado eleitoral burguês.

Seria o mesmo que tomarmos conta duma barreira que nos separaria das mais vastas e úteis camadas sociais.

❖

Deverá evitar-se tudo o que possa diminuir ou enfraquecer a capacidade de acção sôbre a colectividade, não por motivos demagógicos, mas pelo simples reconhecimento de que sem a fôrça formidável dum povo não se pode realizar uma grande idéia, por mais elevada e sublime que ela pareça.

❖

Só se pode ter orgulho duma nação, quando nela não haja uma classe que a envergonhe.

❖

Uma nação em que metade da sua população vive na miséria, trabalhada pelas maiores preocupações, ou mesmo corrompida, dá de si uma impressão tão pouco edificante, que ninguém por ela pode sentir orgulho.

❖

Enquanto um país não aparecer como sadio de corpo e alma, o prazer de pertencer a êle não poderá nunca atingir êsse elevado sentimento que denominamos orgulho nacional. Só poderá ter êsse orgulho quem conhecer a grandeza da sua pátria.

❖

Só consegue provocar entusiasmo quem o sinta no seu íntimo. Só êsse entusiasmo inspira aos seus eleitos as palavras que conseguem abrir as portas do coração dum povo.

❖

Deve-se ter como honra maior ser varredor na sua pátria do que rei num país estrangeiro.

❖

Um movimento que tenha por fim arrancar o operário alemão à utopia internacionalista, deve primeiro atacar com energia certos conceitos que têm curso nos meios patronais.

❖

É preciso arrancar as massas populares à utopia internacionalista, à miséria social, e fazê-las sair da pobreza intelectual em que vegetam, para que possam fazer parte integrante da nossa comunidade nacional, como parte decidida e corajosa, animada de sentimentos nacionais.

❖

Um movimento que visa a reincorporar o operário alemão na nação alemã, deve reconhecer que, neste caso, não podem ser tomados em consideração os sacrifícios económicos enquanto não ameaçarem a conservação e a independência da economia nacional.

❖

Um novo movimento que almeje o ressurgimento de um Estado alemão com soberania própria, terá que dirigir a sua campanha ùnicamente no sentido da conquista das grandes massas.

❖

A reconquista da autonomia alemã, perante o exterior, está ligada em primeira linha à reconquista da união consciente do nosso povo.

❖

Tècnicamente considerada, a idéia da libertação alemã, perante o estrangeiro, parecerá loucura, enquanto as grandes massas não aderirem a êsse ideal de liberdade.

❖

Para conquistar as massas para o levantamento nacional nenhum sacrifício é pesado demais.

❖

Quaisquer que sejam as concessões económicas feitas ao operário, nunca estarão em relação com o que lucra a nação em geral, quando elas contribuem para restituir ao seu povo grandes camadas que dêle se afastaram.

❖

A massa popular, nos seus profundos sentimentos, não é consciente e deliberadamente má. Devido à simplicidade do seu carácter e por menos corrompida, é mais freqüentemente vítima das grandes do que das pequenas mentiras. Em pequeninas coisas elas também mentem, mas das grandes têm vergonha.

❖

O problema da nacionalização dum povo deve começar pela criação de condições sociais sadias como fundamento de uma possibilidade de educação do indivíduo.

❖

Tem de vir a acontecer que, quando passados quatro anos, apelarmos de novo para a nação, não nos dirijamos a homens até aí adormecidos, mas a um povo que nesses anos tenha finalmente despertado da hipnose parlamentar e possua o discernimento necessário para compreender as eternas condições primordiais da vida (1933).

❖

Alguns dos nossos adversários julgam amesquinhar o mérito do nosso trabalho, salientando que o povo inteiro nos ajudou. Mas o termos conseguí-

do reunir todo o povo para o pôr ao serviço da sua própria regeneração, não é, porventura, o nosso melhor título de glória?

❖

Não terei maior orgulho na minha vida do que poder dizer ao terminar os meus dias: Conquistei para o Estado alemão o operário alemão!

PSICOLOGIA DA PROPAGANDA

APLICAÇÃO adequada da propaganda é uma verdadeira arte quási inteiramente desconhecida dos partidos burgueses.

❖

Aprendi muitíssimo com a propaganda de guerra (1914) feita pelo inimigo.

❖

Um agitador capaz de comunicar uma idéia à grande massa, precisa de conhecer a psicologia do povo, mesmo que êle não seja senão um demagogo.

❖

Não se deve medir a importância dos doutrinadores pela realização dos seus fins, mas sim pela verdade dos mesmos e pela influência que êles tiveram no desenvolvimento do género humano. Se assim não fôsse, os fundadores de religiões não poderiam ser considerados entre os maiores homens dêste mundo, porquanto a realização das suas intenções morais nunca será, nem aproximadamente, integral.

❖

Como é possível inspirar a fé cega na excelência duma doutrina, se constantes modificações no programa da propaganda alimentam a incerteza e a dúvida?

❖

Tôda a propaganda, feita quer no terreno dos negócios quer no da política, tem o seu êxito assegurado na constância e continuidade da sua aplicação.

❖

A propaganda terá sempre de se dirigir à massa.

❖

A doutrina pura corresponde melhor à psicologia da maioria dos homens, comodistas e covardes.

❖

A pena sempre se limitou a traçar as bases teóricas das revoluções.

O poder que pôs em movimento, desde tempos imemoráveis, as grandes avalanches históricas de carácter religioso e político, foi a fôrça mágica da palavra falada.

❖

A grandeza dum doutrinário reside na verdade absoluta e abstracta da sua idéia, a do político no ponto de vista certo, em que se coloca relativamente aos factos, e seu aproveitamento útil, servindo-lhe de guia o objectivo da doutrina.

❖

Na Inglaterra compreendeu-se que a arma espiritual da propaganda só tem o seu êxito garantido quando aplicado às massas. E êsse êxito cobre règiamente tôdas as despesas.

❖

A propaganda tem de se contentar com pouco, mas êsse pouco terá de ser repetido constantemente.

❖

O doutrinário orienta o seu modo de pensar pelo da eterna verdade; o político é dirigido na sua acção pela realidade prática.

❖

Muito se poderia ter aprendido do inimigo, sobretudo quem, de olhos abertos e espírito alerta, observasse os efeitos da sua onda de propaganda durante os quatro anos e meio de guerra (de 1914).

❖

A propaganda deve restringir-se a poucos pontos. O poder de compreensão do povo é muito limitado, e a sua capacidade de esquecimento é muito grande.

❖

O doutrinário estabelece a finalidade dum movimento; o político deve procurar realizá-la.

❖

A arte da propaganda reside justamente na compreensão da mentalidade e dos sentimentos da grande massa. Ela encontra, psicològicamente certa, o caminho para a atenção e para o coração do povo.

Há quem não compreenda isto, devido à preguiça mental ou ao orgulho.

❖

Tôda propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acôrdo com a capacidade de compreensão do mais ignorante de entre aqueles a que pretende dirigir-se.

❖

O fim da propaganda não é a educação científica da massa, mas sim chamar a sua atenção para determinados factos, necessidades, etc., cuja importância só assim cai no seu círculo visual.

❖

Em princípio, nos objectivos a atingir por uma doutrina o que decide é a veracidade duma idéia, e não a dificuldade da sua execução.

❖

O cartaz duma exposição de arte só tem em vista chamar a atenção sôbre a arte da exposição. Quanto mais êle consegue êste objectivo, tanto maior é a sua arte.

❖

Um doutrinário deve preocupar-se mais com o fim a atingir do que com o caminho a percorrer.

❖

A propaganda por si mesma, é tão pouco ciência, quanto um cartaz, considerado na sua apresentação, é arte.

❖

Para os intelectuais, ou para aqueles que, hoje, infelizmente assim se consideram, não se deve tratar de propaganda, mas sim de instrução científica.

❖

É mil vezes mais difícil transpor a barreira duma repulsa instintiva de ódios ou de preconceitos negativos do que corrigir uma noção errada ou incorrecta.

❖

A ignorância e as falsas concepções podem ser removidas com argumentos; a obstrução oriunda do sentimento, nunca.

❖

A missão dum doutrinário não é a de estabelecer os vários graus da exeqüibilidade de determinada causa, mas a de esclarecer o facto em si.

❖

Quando se verifica na propaganda duma causa o mais leve indício de reconhecimento dum direito à parte oposta, cria-se imediatamente a dúvida no que respeita ao direito próprio.

❖

A opinião pública, uma vez preparada por meio da propaganda para determinado fim político, sòmente aos poucos toma novos rumos.

❖

Se a propaganda renuncia a uma certa simplicidade de expressão, nunca chegará a tocar a sensibilidade das massas.

❖

A propaganda deve preceder a organização.

O MAL NECESSÁRIO DA ORGANIZAÇÃO

A ORGANIZAÇÃO interna dum movimento é uma questão, não de princípio, mas de adaptação eficaz ao fim em vista.

❖

A fôrça dum partido político não repousa na intelectualidade elevada e independente dos seus adeptos, mas, e, sobretudo, na obediência disciplinada, com que a direcção intelectual assegura a vitória. Quem decide é a própria direcção.

❖

Tôda a tentativa para modificar o programa dum movimento é fatal. Equivale a entregar à discussão o que se deveria conservar inabalàvelmente firme.

❖

A mais alta missão da organização é tomar precauções, para que não surjam divergências internas entre os adeptos do movimento, as quais se reflectem no enfraquecimento da causa, e para que se conserve sempre o espírito de ataque e resolução.

❖

No momento, em que o êxito se inclina para uma causa, é indispensável, pelo menos por instinto de conservação, dificultar a entrada de adeptos e usar da máxima cautela e proceder a exame rigoroso, no alargamento da organização. Só assim o movimento se conservará invariàvelmente sádio na sua essência.

❖

Quantos mais postos tiver um movimento a distribuir, maior será a concorrência de medíocres.

❖

A organização deve recrutar do primitivo núcleo do movimento não sòmente os homens que devem ocupar tôdas as posições no terreno conquistado, como aínda os da direcção geral, e assim proceder até que os princípios e doutrinas do movimento se transformem em base do novo Estado.

❖

Quando um partido vitorioso é sufocado pelo número de políticos oportunistas, o lutador honesto não mais reconhece o antigo movimento e é tido como intruso incómodo pelos novos adesivos.

❖

Não deve haver maiorias que tomem decisões, mas sim um corpo de pessoas responsáveis. A palavra "Conselho" reverterá assim à sua antiga significação. Cada um poderá ter conselheiros a seu lado. A decisão caberá sempre a uma pessoa.

❖

Muitos movimentos vitoriosos fracassam antes de atingir a sua finalidade, suspendem a luta e finalmente desaparecem. É a conseqüência de, na vitória inicial, entrarem na sua organização elementos maus, indignos e sobretudo covardes. Estes caracteres inferiores acabam por conseguir a preponderância sôbre os elementos mais enérgicos, a torsão do movimento a favor dos seus interêsses, a sua degradação e a renúncia de completarem a vitória da primitiva idéia.

❖

O maior perigo que pode ameaçar um movimento é o exagêro no número de adeptos adquiridos em conseqüência do êxito fácil.

❖

Não é necessário que aumente infinitamente o número de combatentes. Pelo contrário. Como só uma pequena parte da humanidade possue carácter enérgico e resoluto, o movimento que aumentasse desproporcionadamente a sua organização central, ficaria forçosamente enfraquecido.

❖

Para além de certo número de membros, as organizações perdem pouco a pouco o seu poder de combate e a sua capacidade de apoiar, de maneira resoluta, a propaganda duma idéia.

❖

Quando a propaganda já conquistou uma nação inteira para uma idéia, surge o momento de, com um punhado de homens, a organização poder tirar as conseqüências práticas.

❖

Nunca é exagerado o número de aderentes. No que diz respeito a combatentes, não se deve cuidar do número, mas da qualidade.

❖

A vitória duma idéia será tanto mais fácil, quanto mais intensa fôr a propaganda e quanto mais exclusiva, rígida e sólida fôr a organização, a qual chama a si a responsabilidade do combate.

❖

A propaganda estimula a colectividade no sentido duma idéia, preparando-a para a vitória; a organização tem de ganhar a vitória mediante a concentração dos adeptos corajosos, capazes de combater pelo triunfo comum.

❖

É um grande êrro pensar que um movimento se torna mais forte, quando se liga a outro, mesmo que possam ter fins semelhantes. Todo o aumento de extensão realizado dêste modo, traz, com efeito, um maior desenvolvimento externo, o que dá a ilusão de que se trata dum aumento de fôrças. Na realidade, porém, o movimento apenas recebe o germe da fraqueza, que mais tarde se fará sentir.

❖

A propaganda trata de fazer aceitar uma doutrina a tôda a gente; a organização aceita nos seus quadros ùnicamente quem não ameace transformar-se em obstáculo a uma maior divulgação da idéia.

❖

A qualidade dos aderentes baseia-se na compreensão da doutrina, a do combatente na coragem de defender e divulgar as noções adquiridas.

❖

Num movimento, o aderente é alistado por meio da propaganda, o combatente é levado, pela organização, a cooperar pessoal e activamente para o alistamento de novos aderentes, de entre os quais se poderão recrutar novos elementos de combate.

❖

O dever da propaganda é alistar aderentes, o da organização é conquistar combatentes.

❖

A capacidade intelectual nada tem que ver com a capacidade de comando.

❖

Para ser chefe é preciso ter capacidade para movimentar massas.

❖

Quanto menor fôr individualmente a responsabilidade de cada chefe, mais crescerá o número daqueles que se sentirão predestinados a colocar as suas fôrças ao dispor da nação.

❖

Um grande teórico é raras vezes um grande organizador. O valor do teórico consiste na definição das leis abstractamente exactas, enquanto que o organizador deve ser um conhecedor da psicologia popular.

❖

A existência de grande número de intermediários entre o chefe dum movimento e os seus partidários, não quer dizer que haja uma boa organização; a melhor organização é aquela que melhor se puder dispensar.

❖

Organizar é transmitir a grande número de indivíduos uma idéia definida nascida, sempre, no cérebro de um só homem, e em seguida assegurar a sua transformação em realidades.

❖

Transmitir directamente e pessoalmente as suas idéias aos seus semelhantes é, para o homem, o processo ideal e o mais natural.

❖

À medida que cresce a colectividade e a acção directa se torna impossível, surge a necessidade duma organização. Termina a ideal situação do início

e começa a organização como um mal necessário.

❖

Um grande organizador deve ver os homens como êles são na realidade. Não lhes deve dar demasiada importância, nem depreciá-los no meio da massa.

❖

Como o mundo é composto mais de naturezas mecanizadas do que de idealistas, a forma da organização é mais fàcilmente aprendida do que a idéia.



O INDIVÍDUO E AS MULTIDÕES

NO princípio de tudo está sempre a actividade individual.

❖

As massas nunca inventam, nunca organizam ou pensam por si.

❖

A acção genial não é um protesto do gênio contra a inércia da massa?

❖

A massa não está em condições de distinguir, onde começa a sua justiça e onde acaba a injustiça do adversário.

❖

A medida de valor dum homem depende da maneira, como êle cumpre a missão que lhe confiou a colectividade.

❖

As massas gostam mais dos que mandam do que dos que pedem, e sentem-se mais satisfeitas com uma doutrina que não tolera nenhuma outra do que com a largueza do liberalismo. Elas não sabem o que fazer da liberdade e, por isso, fàcilmente se sentem abandonadas.

❖

O povo é, em grande maioria, de índole feminina tão acentuada que, no seu modo de pensar e agir, deixa-se guiar mais pelo sentimento do que pela reflexão.

❖

A luta áspera pela vida, mais do que qualquer outra coisa, concorre para o aparecimento dos indivíduos superiores.

❖

As massas, de nenhum modo compreendem os êrros intrínsecos das doutrinas; vêem apenas a fôrça incontestável e a brutalidade das suas resolutas manifestações externas, ante a quais sempre se curvam.

❖

A impudência do terrorismo espiritual assim como os crescentes atentados contra a sua liberdade passam despercebidos às massas; se assim não fôsse, elas desencadeariam a revolta.

❖

Não há substituto para a personalidade, sobretudo quando essa personalidade não é mecanizada, mas a corporização dum elemento criador de cultura.

❖

A grande massa dum povo não se compõe de diplomatas, professores de direito ou mesmo de pessoas capazes de ajuizar com acêrto, mas sim de criaturas propensas à dúvida e às incertezas.

❖

Os sentimentos nas massas não são complicados. São simples e consistentes. Não há nêles grandes diferenciações. São positivos ou negativos: amor ou ódio, justiça ou injustiça, verdade ou mentira. Nunca, porém, o meio termo.

❖

As opiniões dos estadistas transformaram-se, no espírito do povo, em valores sentimentais que não só são mais eficientes na sua actuação, como aínda resistem melhor à acção do tempo.

❖

É prejudicialíssimo êrro julgar que a grande massa é tôla: - é-o menos do que parece.

❖

Um movimento de grandes objectivos deve diligenciar nunca perder o contacto com as massas populares.

❖

Uma colectividade humana só é bem organizada quando facilita, por todos os meios possíveis, o trabalho dos elementos criadores e os utiliza em benefício da comunidade.

❖

Se dois povos, em igualdade de circunstâncias, entrarem em concorrência, vencerá aquele que melhor souber aproveitar os maiores talentos, e será vencido o que cuidar da defesa das suas posições ou duma classe, sem nenhuma consideração pela capacidade e valor dos indivíduos.

❖

O estadista, depois de ter alcançado o seu objectivo, fàcilmente muda de idéias; a massa popular, porém, só depois de lenta e continuada propaganda, poderá servir de instrumento de nova orientação dos chefes.

❖

A melhor forma de Govêrno e de Constituição é aquela, que com maior firmeza eleva aos postos de comando e de influência os melhores valores duma colectividade.

❖

O Estado nacional-socialista tem que cuidar do bem estar dos seus cidadãos em tudo em que reconhecer o valor da personalidade, e assim introduzir, em todos os campos de actividade, aquela produtiva capacidade de direcção, que só ao indivíduo é concedida.

❖

O movimento nacional-socialista não deve perder de vista que todos os valores humanos residem no indivíduo; que tôdas as idéias, tôdas as realizações são o resultado do poder criador do homem, e que a admiração pela grandeza não é simplesmente uma homenagem prestada, como aínda um pacto de união entre os que lhe são gratos.

❖

Em vários aspectos da vida do povo, a acção destruidora do judaísmo, nas nações que os acolhem, deve ser vista como um esfôrço constante para minar a importância da personalidade e substituí-la pela vontade das massas.

❖

Cultivar a personalidade, investí-la nos seus direitos, é a condição essencial para a reconquista das grandezas e do poder de nosso povo.

O EXÉRCITO

OS interêsses materiais dos homens sempre conseguiram melhor prosperidade à sombra de virtudes heróicas.

❖

Devemos evitar dar tão pouco valor à fôrça dum ideal. Quem neste assunto se sentir desalentado, deve lembrar-se, se já foi soldado, do tempo em que o heroísmo era representado pela certeza da fôrça do ideal. O que então fêz com que os homens se deixassem morrer, não foi a preocupação de ganhar o pão de cada dia, mas o amor da pátria, a fé na sua grandeza, o sentimento geral da honra da nação.

❖

A razão por que o exército prussiano se pôde transformar num admirável instrumento de grandeza do povo alemão, reside no facto de êle representar estes alicerces da nossa organização nacional: autoridade e responsabilidade.

❖

O que levou outrora o exército alemão à vitória foi a confiança extraordinária que cada um tinha em si mesmo e todos sentiam pelos seus chefes.

❖

Quando dois corpos de exército lutam um contra o outro, não vence aquele que recebeu uma perfeita educação estratégica, mas sim o que dispõe da melhor direcção e, ao mesmo tempo, das tropas mais disciplinadas, mais cegas na obediência e mais treinadas.

❖

Na vida da nação, tudo o que tenda a provocar desuniões, deve ser convertido pelo exército numa fôrça em sentido contrário.

❖

O facto de o combate entre os povos alemão e francês, o mais formidável que jamais existiu, (1914) se ter desenrolado fora dos limites da nossa pátria, não foi só o merecimento imortal do incomparável antigo exército alemão, como aínda a maior felicidade possível para o futuro da Alemanha.

❖

No meio do relaxamento e da afeminação surgiam todos os anos 350.000 jovens sádios que depois de dois anos de exercícios, perdiam a delicadeza da juventude e tornavam-se fortes como aço. Pela maneira de andar reconhecia-se o soldado treinado.

Essa foi a grande escola da nação alemã. Por isso, sôbre o exército convergia o ódio inveterado daqueles, cuja inveja e cobiça exigiam que o Govêrno ficasse sem fôrça e os cidadãos sem armas.

❖

Nos quatro anos e meio de combates na "frente", (1914-1918) o soldado alemão esquecera as hienas dos partidos políticos e ficara estranho às suas lutas.

❖

Pensariam os nossos políticos que a transformação da mentalidade do exército poderia operar-se noutro sentido que não fôsse nacional?

Essa é a miserável mentalidade dêsses senhores, e isso provém do facto de terem preferido ao combate na "frente", como soldados, as posições cómodas como palradores parlamentares.

❖

Sem um forte nacionalismo o exército não é mais do que um polícia e nunca uma fôrça capaz de se bater com o inimigo.

❖

A finalidade do exército não é senão a duma escola que ensina todos os alemães a entenderem-se e a viverem entre si com harmonia.

❖

O exército deve tirar cada jovem do ambiente estreito da sua terra natal e colocá-lo no seio da nação alemã, ensinando-o a ver, não os limites da sua província, mas as fronteiras da sua pátria, pois são estas as que êle um dia terá de defender.

❖

É no exército que se pode avaliar, quanto a capacidade física estimula a coragem e desperta o espírito de ataque.

❖

Sem se assegurar a fôrça do comando incondicional não se poderá levar a cabo uma educação voluntária para o serviço militar, quando se trata de grandes massas. Só muito poucos estarão prontos a submeter-se voluntàriamente à obrigação da obediência, natural e imprescindível num exército.

❖

É impossível organizar, por meio da "disciplina voluntária", corpos de grande extensão com eficiência militar. Falta-lhe o mais importante apoio do poder de comando: o direito de castigar.

❖

Por tôdas as razões de ordem prática, a defesa militar dum povo não pode ser realizada por grémios particulares, salvo quando apoiados por tôdas as fôrças do Estado.

❖

Durante milhares de anos, ninguém poderá falar em heroísmo sem se lembrar do exército alemão na Guerra Mundial (1914-1918). Só então, da bruma do passado, a fronte de aço do capacete cinzento, firme e inabalável, aparecerá como monumento imortal. Enquanto houver alemães na face da terra, êles terão de se lembrar que aqueles homens (do exército) eram dignos filhos da pátria.

❖

Se a fúria dos profitentes[5] internacionais (em Versalhes) se dirigia contra o antigo exército alemão, é que êste era o último reduto das nossas liberdades na luta contra o capitalismo internacional.

❖

O maior serviço prestado pelo exército do antigo Império foi pôr a competência acima do número, numa época em que tudo se resolvia pela maioria.

❖

Contra a idéia democrática dos judeus que manda venerar as maiorias, o exército alemão manteve o princípio da confiança na personalidade, de que nos últimos tempos tanto se precisava.

❖

O exército foi a escola que deu aos alemães a convicção de que a salvação da pátria não se devia procurar nas frases mentirosas duma confraternização internacional, mas na fôrça e na decisão do seu próprio povo.

❖

O que o povo alemão deve ao seu exército, pode resumir-se nesta palavra: Tudo.

A GUERRA E A PAZ

SEI o que é guerra. Sei mais o que é a guerra do que muitos políticos internacionais, e melhor aínda do que os seus excitadores de profissão.

❖

Quem levantar na Europa o facho incendiário da guerra, não pode desejar senão o cáos. (1935)

❖

Consideramos a guerra de maneira completamente diferente da dos nossos contraditores. Vemos na guerra qualquer coisa de terrível, não porque sejamos medrosos, mas porque, de facto, a guerra é terrível. Quanto aos outros, êles vêem na guerra qualquer coisa de belo, porque lhes é permitido fazer grandes negócios.

❖

O efeito imediato de qualquer guerra é o de devorar os melhores de entre os melhores.

❖

A quantidade de sangue vertido, nos últimos trezentos anos, no continente europeu, de modo algum está em proporção com o resultado étnico dos acontecimentos. No fim de tudo, a França continuou a ser França; a Alemanha continuou a ser Alemanha; a Polónia, a Polónia; a Itália, a Itália.

❖

É curioso ver como na vida histórica dos povos se produzem verdadeiras inflações de idéias que só dificilmente podem resistir ao exercício rigoroso da razão. Desde há algum tempo que o mundo vive, por exemplo, numa verdadeira mania de colaboração colectiva, de segurança colectiva, de obrigações colectivas, etc., e tudo isto parece, à primeira vista, ter um conteúdo positivo; tudo isto, porém, observado mais atentamente, dá, pelo menos, a possibilida-

de de múltiplas interpelações. (1935)

❖

Que significa colaboração colectiva? Quem determinará o que é a colaboração colectiva e o que o não é?

Êste conceito de colaboração colectiva não tem sido interpretado de maneiras diferentes de há 17 anos para cá? (1935)

❖

A natureza da nossa constituição dá-nos a possibilidade de subjugar na Alemanha os instigadores à guerra. (1935)

❖

Ao ditar-se ao povo alemão, em 1919, a paz de Versailles, deu-se o golpe de misericórdia na colaboração colectiva dos povos.

❖

A idéia de poder dividir para sempre o mundo em Estados com direitos desiguais, será sempre aceita por uma das partes.

❖

Ou os armamentos são uma ameaça para a paz, e então são-no em todos os Estados, ou não constituem uma ameaça de guerra, e, nesse caso, não o são em nenhum Estado. O que não é admissível é que um grupo de Estados apresente os seus armamentos como um pacífico ramo de oliveira e os dos outros como a forquilha do diabo.

❖

A Alemanha há anos espera em vão pelo cumprimento da promessa, que outras nações lhe fizeram, de também elas desarmarem. (1933)

❖

Em todos os chamados Estados vencedores (guerra de 1914) os povos não receberam aquilo que então esperavam. Anunciaram a vinda duma época de justiça. Mas também no seio destas nações a prometida justiça social permaneceu ausente.

❖

Quando se poderia apresentar melhor ocasião, para organizar uma cooperação verdadeiramente colectiva, do que nessa época (depois da revolução de Novembro de 1918) em que na Alemanha existia exclusivamente uma ideologia política em tudo semelhante à dos outros países?

A época era a melhor adequada e a ocasião apresentou-se; o que não existia era a vontade necessária. (1935)

❖

A paz não deve ser uma paz de direito unilateral, mas sim uma paz de igualdade para todos e, por conseqüência, uma paz de direito geral. Deve ser uma paz de reconciliação, de desarmamento de todos e, conseqüentemente, de segurança para todos. (1935)

❖

A Alemanha necessita da paz e quer a paz.

Quando oiço que um homem de Estado inglês pretende que estas afirmações nada são e que a garantia da sinceridade reside apenas na assinatura feita sôbre tratados colectivos, eu peço ao sr. Eden para considerar que, em qualquer dos casos, se trata de afirmações. (1935)

❖

A Alemanha quer a paz em virtude das suas mais íntimas convicções filosóficas. Quere-a também devido ao conhecimento, simples e elementar, de

que nenhuma guerra poderia fazer desaparecer as causas essenciais da miséria que reina actualmente na Europa, mas sim agravar aínda mais essa miséria. (1935)

❖

O amor da paz é talvez mais forte na Alemanha do que entre os outros povos, pois fomos os que mais sofremos com a desgraça da guerra. (1914)

❖

Estamos convictos de que, neste mundo, tem de tornar a ser possível falar sôbre divergências na vida dos povos, sem que imediatamente se pense na violência. (1934)

❖

Por maiores que sejam as apreensões, considero incompatível com o meu sentimento de responsabilidade, como Führer da nação e Chanceler do Reich, exprimir a mais leve dúvida sôbre a possibilidade de se manter a paz. Os povos querem-na. Tem de ser possível aos Governos salvaguardá-la. (1935)

❖

Diz-se que, como nacionalista, eu deveria querer obter triunfos militares. Bem mais feliz me sinto, quando posso celebrar outros.

O ESTADO

QUANTO pior um Estado é constituído, tanto mais confusa e incompreensível é a explicação da sua finalidade.

❖

É tarefa difícil escrever a respeito do sentido e da finalidade do Estado se pensarmos que, em nossos dias, no ensino do direito público, há menos a preocupação em atender à verdade do que de alcançar determinado objectivo. Êsse objectivo consiste em conservar, a todo o preço, a monstruosidade que se designa pelo nome de Estado.

❖

O grande princípio que nunca devemos perder de vista é que o Estado é um meio e não um fim.

❖

O Estado é a base sôbre que deve repousar uma mais elevada cultura humana, mas não é a sua causa. Essa cultura depende da existência de um povo, de capacidade civilizadora.

❖

O Estado, em si, não cria um determinado padrão de cultura; pode apenas conservar o povo de que depende essa civilização.

❖

O Estado poderia durar centenas de anos, mas se não tiver evitado a influência de povos, a capacidade cultural e tôdas as manifestações de vida a ela condicionadas sofrerão profundas modificações.

❖

Pode-se apresentar como um Estado mal organizado aquele em que, qualquer que seja a elevação da sua cultura, consente na ruína sob o ponto de

vista étnico, dos portadores dessa doutrina.

❖

A missão do Estado não é criar capacidades, mas tornar possível a expansão das fôrças existentes.

❖

O Estado não é um conteúdo, mas uma forma.

❖

O valor de um Estado não pode ser apreciado pela sua elevação cultural ou pelo seu poder em comparação com outros povos, mas, em última análise, pela justiça da sua orientação em relação à posteridade.

❖

O julgamento da boa ou má organização de um Estado só poderá fazer-se pela relativa utilidade que oferece a determinado povo, mas nunca pela importância que atinge em face do mundo.

❖

O homem deve continuar a educar-se, a enobrecer-se, mas isso só será possível dentro do quadro duma cultura geral, cujo fundamento deve ser sempre o Estado. Para a conservação dêsse Estado o homem deve dar a sua contribuição. A forma dessa constituição é determinada pela natureza, cabendo ao homem, por sua diligência e honestidade, restituir à colectividade o que esta lhe deu.

❖

A vitoriosa marcha da técnica e da indústria alemãs fizeram que se esquecesse de que tudo isso só era possível dada a suposição da existência dum Estado forte.

❖

A condição essencial para formação e conservação dum Estado é a existência dum sentimento de solidariedade baseado na identidade de seu povo, bem como a bôa vontade de por êle se sacrificar.

❖

A condição essencial para a formação e conservação dum Estado, em povos senhores do seu próprio solo, conduz à formação de virtudes heróicas; em povos parasitas conduz à hipocrisia e à crueldade dissimulada.

❖

O Estado não é uma assembléia de negociantes que durante uma geração se reúna dentro de limites definidos para executar projectos económicos, mas a organização da comunidade, homegénea por natureza e sentimento, unida para a promoção e conservação da sua etnia e para a realização do destino que lhe traçou a Providência.

❖

O Estado nada tem a ver com qualquer definida concepção ou desenvolvimento económico.

❖

O instinto de conservação da espécie é sempre a causa da formação das sociedades humanas. Por isso o Estado é um organismo nacional e não uma organização económica.

❖

Os direitos humanos estão acima dos direitos do Estado.

❖

Dum modo geral, nunca se deve esquecer que a conservação dum Estado ou dum Govêrno não é o mais elevado fim da existência humana, mas sim o de conservar o seu carácter nacional.

❖

Se preguntarmos a nós mesmos, quais são as fôrças que fazem e conservam os Estados, veremos que elas aparecem sôbre uma denominação: habilidade e abnegação para o sacrifício individual por amor da comunidade.

❖

O primeiro fundamento da autoridade do Estado é, sempre, a popularidade. No entanto, a autoridade que só se apoia na popularidade, é aínda extrêmamente precária, porque a sua segurança e estabilidade são incertas.

❖

Quando a autoridade do Estado se apoia apenas na popularidade, convém organizar fortemente o poder. Assim, o poder é o segundo fundamento de tôda a autoridade. Êste é muito mais seguro e estável do que o primeiro, mas aínda não é, seguramente, o mais robusto.

❖

Se a popularidade e a fôrça se unem e conseguem manter, por muito tempo, essa união, acabam por formar, em bases mais sólidas, um novo fundamento da autoridade do Estado: a tradição.

Finalmente, se a popularidade, a fôrça e a tradição se unem, a autoridade que elas suportam, pode considerar-se como inquebrantável.

❖

O Estado nacional não tolera que outros homens, cuja educação ou

ocupação não lhes tenha proporcionado conhecimentos especiais, sejam convidados a dar conselhos ou a julgar.

❖

O Estado nacional em nenhum sector terá um corpo de representantes que possa resolver por meio da maioria de votos, mas apenas conselhos consultivos que auxiliem o chefe responsável nos trabalhos que êle distribuir. (1924)

❖

O corpo representativo do Estado será dividido em comissões políticas e comissões profissionais permanentes. Afim de obter entre êles uma cooperação vantajosa, haverá um Senado permanente. Mas nem o Senado nem a Câmara terão poderes para tomar resoluções; são designados para trabalhar e não para decidir. Individualmente, os seus membros podem aconselhar, mas nunca resolver. Esta prerrogativa é da competência exclusiva do presidente responsável. (1924)

❖

O Estado e os seus dirigentes não existem para tornar possível a vida cómoda às diferentes classes, mas para que estas possam cumprir a missão que lhes está reservada. A realização dêste objectivo só é possível se para as funções de direcção se instituírem os mais aptos e os de melhor fôrça de vontade.

❖

A tarefa do Estado nacional-socialista será a de preservar o povo e prepará-la para as grandes decisões finais, por meio da educação apropriada da mocidade.

❖

É dever do Estado assegurar a cada um a actividade que corresponda à sua capacidade. Por outras palavras: aperfeiçoar os indivíduos capazes para os

trabalhos que lhes estão reservados.

❖

Desde os lugares mais modestos até aos postos mais elevados, o Estado deve basear a sua organização no princípio da personalidade.

❖

A autoridade do Estado não se apoia no palavrório dos parlamentares e dietas, nas leis de protecção ou nas sentenças judiciais destinadas a amedrontar os covardes e mentirosos, mas na confiança geral que a direcção política e administrativa dum país deve inspirar.

❖

Quem acreditar que o Estado nacional-socialista pode diferenciar-se dos outros Estados pela aplicação de meios simplesmente mecânicos, pela melhoria da vida económica, isto é, pela melhor distribuição da riqueza, maior fiscalização no processo económico, salários mais compensadores e combate às suas grandes desproporções, provará não ter a mais leve idéia do que entendemos por uma verdadeira concepção do mundo. Por êsses processos nunca se chegará a uma situação duradoira e aínda menos a um futuro prometedor.

DEFESA E PROTECÇÃO DA NAÇÃO

ESTÁ provado que não são as guerras perdidas que exterminam os homens, mas sim a perda daquela resistência que só o sangue oferece.

❖

Tudo neste mundo é susceptível de melhorar. A derrota pode engendrar a futura vitória; uma guerra perdida pode originar a ressurreição vindoura; a miséria pode fecundar energias, e de cada opressão podem as fôrças erguer-se até à renascença espiritual.

❖

Actualmente tôda a nossa vida em publico é uma espécie de estufa para o cultivo de idéias e atracções sexuais.

❖

Os programas de cinema, dos teatros de variedades e casas de divertimento constituem uma vasta coligação para atrair a atenção pública pelos mais baixos expedientes. Quem quer que não tenha perdido a capacidade de penetrar na alma dos jovens, logo compreenderá que desta educação só podem resultar graves prejuízos para a mocidade.

❖

Se não livrarmos a mocidade do charco que actualmente a ameaça, ela nêle se afundará. Quem não quiser dar-se conta desta situação, concorrerá para apoiá-la, transformando-se em co-autor da lenta prostituição das gerações futuras.

❖

O valor excessivo dado à cultura intelectual pura e a negligência em relação à formação física dão origem, antes de tempo, às solicitações sexuais. O jovem que se fortalece nos desportos e nos exercícios de ginástica está menos sujeito a capitular ante a satisfação dos seus instintos do que aquele que

vive uma vida sedentária. Uma educação nacional terá que tomar em consideração êste aspecto do problema.

❖

A luta contra o envenenamento da alma deve-se desenvolver ao lado da cultura física.

❖

Devemos livrar-nos da noção de que a cultura física compete ao próprio indivíduo. Ninguém tem o direito de errar à custa da posteridade, isto é, da nação.

❖

A cultura física não é um problema que só interesse ao indivíduo ou que afecte sòmente aos pais; é um requisito indispensável para a conservação da nação, a que o Estado deve protecção.

❖

Nos casamentos tardios está uma das causas da conservação dum estado de coisas que, por mais que se queira torcer, é e será sempre uma vergonha para a humanidade e que deve ser visto como uma maldição para criaturas que modestamente se julgam feitas à imagem do Criador.

❖

O casamento não é uma finalidade; deve servir à multiplicação e conservação e da etnia. Êsse é o seu significado, esta é a sua finalidade.

❖

A prostituição, que é uma vergonha para a humanidade, não pode ser removida com prelecções morais e piedosos sentimentos. A sua diminuição e a sua extinção completa pressupõem a remoção dum número infinito de

condições preliminares, a primeira das quais é a criação dum ambiente de facilidades ao casamento dos jovens, o que aliás corresponde a uma exigência da natureza.

❖

Quem quiser combater a prostituição deve, em primeiro lugar, auxiliar a combater as razões espirituais em que ela se funda.

Primeiro que tudo deverá livrar-se do lixo da intelectualidade das grandes cidades, sem vacilar ante a gritaria que naturalmente despertará.

❖

A luta contra a sífilis e a sua inseparável companheira, a prostituição, é uma das mais importantes missões da humanidade, sobretudo porque não se trata da solução dum só problema, mas da remoção duma série de males que são a causa dessa pestilência. No caso em questão, a doença física é apenas a conseqüência da doença do instinto social, moral e cultural.

❖

Neste Estado de "paz e ordem", dos nossos dias, neste mundo de "bravos nacionalistas burgueses", o impedimento da procriação de portadores de sífilis, tuberculose e outras moléstias contagiosas, e de mutilados e cretinos, é vista como um crime. A esterilidade de milhares de indivíduos mais fortes do nosso povo não é tida como um mal ou ofensa à moral dessa hipócrita sociedade, porque aproveita ao seu comodismo.

❖

Aquele que quiser assegurar a existência ao povo alemão limitando a sua multiplicação, rouba-lhe o futuro.

❖

Os povos que se tornam bastardos ou se deixam contaminar, atentam

contra a vontade da Providência. O seu aniquilamento não é uma injustiça; é o restabelecimento do direito.

❖

Não agir sôbre êste assunto (doenças) seria não sòmente uma crueldade para com as vítimas inocentes, como aínda para com todo o povo. Se o desenvolvimento dêsse mal prosseguisse na mesma proporção do século transacto, o número daqueles que estariam a cargo da assistência pública, a breve trecho seria igual ao daqueles que se vêem obrigados a ajudar a comunidade. (1934)

❖

Se as Igrejas se declaram dispostas a tomar a seu cargo e sob a sua vigilância os enfermos hereditários, nós estamos decididos a renunciar à sua esterilização. Mas enquanto o Estado se vir obrigado a pedir aos seus concidadãos somas avultadas que vão em aumento de ano para ano e que, na Alemanha, já ultrapassa 350 milhões de marcos, para a manutenção dessas infelizes criaturas, êle será constrangido a evitar que imerecidos sofrimentos se possam propagar e que milhões de pessoas sadias, repetidamente, se vejam privadas do estritamente necessário para conservar artificialmente a vida a milhões de enfermos. (1934)

❖

Tornar impossível que indivíduos doentes procriem outros aínda mais doentes, é uma exigência que deve ser posta em prática duma maneira metódica, pois se trata da mais humana das medidas. Ela poupará a milhões de infelizes, desgraças que não mereceram, e terá como conseqüência a elevação do nível da saúde do povo.

❖

Se a luta contra a sífilis e a prostituição fôr dirigida por processos cómodos e covardes, dentro de quinhentos anos os povos desaparecerão. Não mais, sem grande ofensa, se poderá ver no homem a imagem de Deus.

❖

Um grande mérito do movimento nacional socialista consiste em ter tomado, desde o primeiro ano, uma série de medidas legislativas destinadas a constituir o primeiro ataque contra o perigo da lenta decadência que ameaçava o povo alemão. Nos círculos confessionais formularam-se objecções contra essas iniciativas, mas a nossa resposta é a seguinte:

"Teria sido preferível, mais sincero e principalmente mais cristão, não enfileirar no decorrer das décadas anteriores com aqueles que, conscientemente destruíram a vida sádia, em vez de se indignarem contra aqueles que hoje querem evitar o que é malsão." (1934)

❖

O Estado nacional deve suprimir esta preguiça indiferente, criminosa mesmo, que actualmente impede que se dê às famílias prolíferas as condições sociais que lhes permitam viver e tornar-se o protector supremo dêsse bem sem igual para um povo.

❖

O Estado nacional vigiará por que a fecundidade da mulher sã não seja limitada pela imunda política financeira que não leva os pais a tomarem como maldição êsse bem do céu, que é uma numerosa descendência.

❖

O teatro, a arte, a literatura, o cinema, a Imprensa, os anúncios, as montras dos estabelecimentos, devem ser empregados ao serviço da moral e da cultura oficiais, na luta da nação contra a podridão existente. (1924)

❖

A nova doutrina deve procurar, com o apoio do Estado, criar um ambiente mais puro e mais elevado em que os homens não mais dediquem todo o seu cuidado à selecção de cavalos, cães e gatos, mas procurem melhorar a sua

própria situação, pela renúncia consciente de uns – os que não devem procriar – e pelo sacrifício de outros, – os que têm aquela capacidade.

❖

Assim como já hoje o Estado, no que diz respeito à cultura intelectual, passa por cima da livre vontade dos indivíduos, e, sem consultar os pais, torna obrigatória a freqüência às escolas, de igual modo o Estado, de futuro, deve agir no problema da conservação da etnia, sem indagar, se as razões para essa atitude são ou não compreendidas pelas massas.

❖

Na América do Norte, recusa-se permitir a imigração de elementos perniciosos sob o ponto de vista de saúde e proíbe-se absolutamente a naturalização de determinados povos. Assim se começa, lentamente, a executar um programa dentro da concepção nacionalista do Estado.

ECONOMIA

OS homens não morrem por negócios, mas por idéias.

❖

Enquanto não estiverem todos convencidos de que o problema económico vem em segundo ou mesmo terceiro lugar, e que os factores morais e nacionais são os predominantes, não se poderá compreender as causas da infelicidade actual, e impossível será descobrir os meios e os métodos para remediar essa situação.

❖

As grandes invenções, as maiores descobertas, os trabalhos que mais revolucionaram a ciência, os esplêndidos monumentos da cultura humana não surgiram da caça ao dinheiro. Ao contrário. Só raras vezes que a sua origem não coincide com a renúncia aos bens terrestres.

❖

A nossa economia não pode prosperar se não se encontrar uma síntese entre a liberdade do espírito criador e a obrigação para a colectividade nacional.

❖

À medida que a economia se subtrai ao princípio da personalidade e se submete à influência das massas, perde a oportunidade de ter ao seu serviço tôdas as verdadeiras aptidões e entra em inevitável decadência.

❖

Devemos firmar-nos na convicção de que a indústria, a ciência técnica e o comércio só podem florescer numa sociedade que ofereça, pelos seus elevados ideais, as condições indispensáveis para aquele progresso. Êsses ideais não consistem em egoísmo material, mas na capacidade de sacrifício e prazer da renúncia.

❖

O facto das camadas mais cultas da comunidade (alemã) verem a crise do País apenas como uma catástrofe económica e pensarem que a salvação está em providências de carácter económico, é a razão, por que até agora não foi possível encontrar a aplicação duma terapêutica eficaz.

❖

Há quem pense que a organização económica pode constituir o Estado, quando na verdade o Estado nada mais é do que o resultado da actuação daquelas virtudes, que residem no instinto da conservação nacional. Estas são sempre virtudes heróicas e nunca egoísmo mercantil, pois que a conservação da existência duma espécie pressupõe o sacrifício voluntário de cada um.

❖

Sempre que aumentava o poder político da Alemanha, fazia-se sentir o seu progresso material. Os negócios começavam a melhorar. Quando os negócios monopolizavam a vida do nosso povo e enfraqueciam as virtudes do nosso espírito, o Estado desfalecia, arrastando na sua ruína os próprios negócios.

❖

O Estado afundava-se em mesquinhas preocupações, ou melhor, punha-se ao serviço do dinheiro. Por isso, não é de admirar que, sob a influência de tal ídolo, não haja estímulo para os actos de heroísmo. Nos dias que correm colhemos apenas o que o próximo passado semeou.

❖

O tratado de Versalhes é culpado de inaugurar uma época em que o cálculo financeiro ameaça matar o bom senso económico.

❖

Na medida em que a Alemanha, por causa das reparações, se considerava como emprêsa exportadora, sofriam as exportações dos Estados credores. Assim, o proveito económico dos pagamentos das reparações não podia comparar-se sequer ao prejuízo inflingido pelas reparações às economias nacionais dos diversos países.

❖

A opinião de que com o aniquilamento económico dum povo de 65 milhões de habitantes se possa prestar aos outros povos um serviço útil, é absurda. Pelas leis naturais de causa e efeito, os povos que assim quisessem proceder, sentiriam muito em breve que eram conduzidos à mesma catástrofe que êles queriam preparar ao outro povo.

❖

A idéia das reparações e a sua execução será um dia, na História Universal, o exemplo clássico que provará, quanto pode ser nocivo, para todos, não se atender ao bem-estar internacional.

❖

Não faz honra ao senso económico dos nossos adversários políticos de então (1918), o facto de não terem começado a reconhecer a impossibilidade em que a Alemanha se encontrava de continuar a satisfazer obrigações ilimitadas, por vezes literalmente incompreensíveis, senão depois dos seus métodos terem, não só arruinado a economia alemã, como também começado a fazer sentir os seus efeitos noutros países.

❖

O resultado desta loucura (reparações) foi, na Alemanha, uma indústria paralisada, uma agricultura aniquilada, uma classe média empobrecida, um comércio destruído, tôda a economia sobrecarregada de dívidas, as finanças públicas arruinadas, seis milhões e meio de desempregados, só os regis-

tados, porque, na realidade êste número elevava-se a mais de sete milhões e meio.

❖

Muitos dos nossos males actuais não são mais do que a conseqüência do desequilíbrio entre o povo do campo e o das cidades.

❖

Em todos os tempos, uma base firme constituída de pequenos e médios camponeses, foi a melhor defesa contra as enfermidades sociais do género daquelas que nos afligem hoje em dia. (1924)

❖

O que deve tôda a economia, incluíndo a indústria exportadora, ao sádio bom senso do camponês alemão, não pode de modo algum ser pago por sacrifícios de natureza mercantil, por maiores que sejam. Por isso temos de consagrar, de futuro, o nosso máximo cuidado e intensificar o povoamento do solo alemão.

❖

A posteridade não nos preguntará se, nesta época difícil e ameaçadora, mantivemos a liberdade democrática, o que significa desordem, mas sim se conseguirmos preservar um grande povo da derrocada económica e política.

❖

Entre os povos europeus, o alemão era o que mais se esforçava por manter o carácter nacional da sua economia. Tinha a coragem de resistir ao "contrôle" do capital internacional. Infelizmente esta perigosa superioridade haveria de ser, mais tarde, (1914) o maior motivo de instigação da guerra.

❖

O combate contra a alta finança internacional tornou-se um dos pontos capitais do programa na luta da nação alemã pela sua independência económica e pela sua liberdade.

❖

A separação acentuada entre o capital das bolsas e a economia nacional oferecia a possibilidade de se enfrentar a internacionalização da economia alemã, sem ameaçar o princípio da conservação da existência nacional independente, na luta contra o capital.

❖

A doutrina económica do nacional-socialismo afirma que é loucura querer aumentar os salários, diminuindo a duração do trabalho, isto é, reduzindo a sua produção.

❖

O rendimento global dos salários do povo reparte-se no conjunto da produção que pode ser consumida. Conseqüentemente, se o rendimento global dos salários aumenta 15% e se a produção baixa 15%, não só o aumento dos salários fica sem efeito no rendimento de cada indivíduo, como aínda se chegará a uma desvalorização da moeda causada pelo decréscimo da produção.

❖

Aumentar os salários sem aumentar a produção é iludir-se a si próprio. O povo alemão sofreu os efeitos desta ilusão.

❖

Outro princípio da política económica nacional-socialista consiste em que a questão decisiva não é o salário nem o nível dos salários, mas a produção

e por conseqüência a parte que volta a cada indivíduo que participa do processo económico.

❖

As organizações industriais que procuram influir na produção, em vez de atender aos interêsses dos seus empregados e operários, servem os objectivos destruidores da economia. Sendo nocivos à direcção da colectividade, conseqüentemente prejudicam os indivíduos considerados isoladamente.

❖

Às restrições feitas pelos chamados homens práticos, pode-se responder: todos os receios relativos às terríveis conseqüências económicas provenientes de se abolir a "escravidão do juro", são supérfluos. Antes de tudo, as receitas económicas até então usadas deram mau resultado ao povo alemão.

❖

Não é a liberdade ou os lucros de alguns industriais que estão em causa, mas a própria vida e a liberdade da nação alemã. Aquele que crê não poder existir no quadro formado pelos interêsses desta liberdade e desta existência, não tem o menor direito a viver na nossa comunidade.

❖

Um sintoma de ruína económica foi a lenta eliminação do direito de propriedade individual e a passagem gradual da economia do povo para a propriedade das sociedades por acções. Por êsse sistema, o trabalho desceu a objecto de especulação dos traficantes sem consciência. A alienação da propriedade aos capitalistas progrediu. A Bôlsa começou a triunfar e, lenta mas firmemente, preparou-se para colocar a vida da nação sob a sua protecção e "contrôle".

❖

Um povo que confia nas reformas superficiais da vida económica e

nos seus resultados aparentes, nunca se apoiará na garantia de vitória na luta geral das nações.

❖

A economia dirigida é um empreendimento perigoso. Fàcilmente provoca a burocratização e com ela o estrangulamento da iniciativa individual eternamente criadora. (1935)

❖

Tôda a economia dirigida tem uma grande tendência para abolir a dura lei da selecção económica dos melhores e do aniquilamento dos fracos, ou pelo menos para restringir os efeitos desta lei, a-fim-de assegurar a manutenção duma média inferior, à custa da maior aptidão, do maior zêlo e do maior valor, de que resulta uma diminuição do proveito colectivo. (1935)

❖

Se, apesar do conhecimento dos inconvenientes da economia dirigida, optámos por êsse caminho, devemo-lo à circunstância de sermos obrigados a aceitá-lo pela dura lei da necessidade (1935).

❖

A idéia, em si, de que num país se possam desperdiçar e dissipar biliões de horas de trabalho, é insuportável. Milhões de indivíduos precisam de roupas, tecto, recheio de casa e alimentos, enquanto que outros desejariam trabalhar e produzir. Uns não conseguem obter o que necessitam, e os outros não têm oportunidade de vir em auxílio dos primeiros, fabricando o que lhes daria satisfação. (1934)

❖

Começámos (no combate ao desemprêgo) por libertar a economia, por um lado, das teorias e, por outro, desembaraçá-lo do montão de disposições legislativas opressoras, de regulamentações asfixiantes, sôbre as quais não

cabe discutir, se assentavam em princípios verdadeiros. Fôsse como fôsse, o certo é que asfixiavam a economia (1934).

❖

Deixar inaproveitadas milhões de horas de trabalho humano é uma loucura e um crime que tem de conduzir ao empobrecimento de todos. Quaisquer que fôssem os valores que tivessem sido produzidos pela aplicação do excedente do nosso potencial de trabalho, êles poderiam constituir bens vitais indispensáveis para os milhões de pessoas que hoje estão lutando com a mais extrêma miséria. A capacidade organizadora do nosso povo tem de conseguir e conseguirá resolver êste problema. (1933)

❖

A crise da economia alemã não é apenas uma crise que se exprime nas nossas cifras económicas; é, em primeiro lugar, uma crise que se revela no decurso interno, na natureza da organização da nossa vida económica. Neste ponto bem podemos falar duma crise que atacou o nosso povo mais que a todos os outros. É a crise na relação entre capital, economia e povo. (1933)

❖

Por princípio, o Govêrno procederá à salvaguarda dos interêsses do povo alemão, não por via indirecta, mediante uma burocracia económica a organizar pelo Estado, mas fundamentando intensamente a iniciativa particular e reconhecendo a propriedade privada.

❖

No domínio da vida económica há uma lei que determinará todos os actos: O povo não vive para a economia e a economia não existe para o capital. O capital serve a economia e esta o povo.

❖

O povo e a economia não são escravos do capital. O papel do ca-

pital é o dum auxiliar da economia. Por conseqüência, o capital é que fica subordinado às necessidades superiores da manutenção da existência dum povo.

❖

A economia e o capital não são fenómenos autónomos que dependam apenas das leis que lhe são próprias; são fenómenos dominados pelo povo, único codificador das leis da vida.

❖

Vi com bastante clareza o desenvolvimento da Alemanha, para não deixar de compreender que a maior luta não será contra os povos inimigos, mas sim contra o capital internacional. (1924)

❖

Comparado com os outros povos, o povo alemão é actualmente mais pobre no que respeita à existência de "grandes fortunas". No entanto o seu nível de vida, em média, é mais elevado. (1936)

❖

Foi possível que o dinheiro se tornasse o poder dominante na vida de hoje, mas um dia virá em que os homens venerarão outros valores bem mais elevados (1924).

❖

TRABALHO E TRABALHADORES

O ESTUDO da questão social não pode ser feito de cima para baixo. Quem nunca se viu apertado nos anéis dessa víbora, nunca aprenderá a conhecer os seus dentes venenosos. Sem essa aprendizagem tudo resulta em palavreado superficial ou sentimentalidade hipócrita. Um e outro caso são de conseqüências nocivas. No primeiro, porque não se pode descer ao âmago da questão; no segundo, porque se lhe passa por cima.

❖

Não sei o que é mais desolador, se a indiferença pela miséria social que se nota diàriamente na maioria dos que foram favorecidos pela sorte ou que subiram pelos próprios méritos, se a afabilidade soberba, importuna sem tacto, embora sempre compassiva, de certas senhoras da moda que afectam sentir com o povo. Essa gente peca por falta de instinto mais de que se pode supor. Por isso, com surpresa sua, o resultado da sua actividade social é sempre nulo; freqüentemente provoca repulsa, – o que é interpretado como prova de ingratidão do povo.

❖

A falta de habitação para os ajudantes de operários, em Viena, era horrível. Aínda hoje (1924) sinto calafrios, quando penso naqueles horríveis covas, nas estalagens e nas habitações colectivas, sombrios quadros de imundície e de escândalos.

Que poderia resultar, quando dêsses antros de miséria a torrente de escravos abandonados se lançasse sôbre a outra parte da humanidade, livre de cuidados e despreocupada?

❖

A acção social nunca deverá ser vista como obra de protecção irrisória e sem finalidade, mas sim como a remoção de defeitos substanciais na organização da vida económica e cultural, que possam concorrer para a degeneração dos indivíduos ou pelo menos para eu desvio.

❖

A maior culpa na negação da pátria não deve recair sôbre os operários, mas sôbre todos aqueles que os desencaminham e corrompem e entendem não valer a pena compadecer-se da sua sorte e, com estrita justiça, dar aos filhos do povo o que lhes é devido.

❖

Quanto mais aprofundava o conhecimento dos judeus, mais me via na obrigação de perdoar aos trabalhadores.

❖

Todo o trabalho tem um duplo valor: material e espiritual.

❖

A actual valorização de trabalho não tem fundamento natural. Não existia outrora e é a resultante dum êrro da educação e da super-materialização dos nossos tempos.

❖

O valor material do trabalho reside na importância do trabalho realizado que se avalia pela sua significação em relação à colectividade (1924).

❖

Não deve ser considerado uma vergonha ser modesto trabalhador. Vergonha é ser um empregado incapaz que rouba o pão ao povo.

❖

A vergonha que se sente pelo trabalho material reside nisto: como conseqüência dos salários baixos, desce o nível de cultura do operário. Assim se explica o mesmo valor em que é tida a sua actividade. Justamente por êste

motivo é que de futuro se deve evitar uma grande disparidade de salários.

❖

O valor de cultura dum homem nada tem que ver com a característica do seu trabalho.

❖

Nos tempos de hoje (1924), em que todos os grupos humanos só se sabem apreciar pelos salários, não pode haver um entendimento a êsse respeito.

❖

Seria o mais deplorável sintoma de decadência duma época admitir-se que o estímulo para as mais altas realizações espirituais dependesse apenas de altos salários. Se assim fôsse, a humanidade nunca teria alcançado as suas grandes realizações no domínio da arte e da ciência.

❖

Uma das finalidades do nosso movimento (nacional-socialista) é anunciar que virá um tempo, em que se dará aos indivíduos o que êles precisam para viver, mantendo-se porém o princípio de que o homem não vive sòmente para a satisfação de prazeres materiais. Isso se realizará, de futuro, com uma sábia graduação de salários que permita a cada trabalhador honesto a certeza de poder viver uma vida ordenada e digna, como homem e como cidadão.

❖

Novas massas de homens, que se contam por milhões de indivíduos, abandonaram os campos para procurar nas grandes cidades, como operários das fábricas, em indústrias novas, o pão de cada dia. Esta nova classe viveu e trabalhou em condições miseráveis. A adaptação mais ou menos automática dos antigos métodos de trabalho do artífice e do cultivador, era impossível. A

actividade de ambos não estava à altura dos esforços impostos aos operários das oficinas.

❖

O rendimento do trabalho, noutros tempos, era fraco. Não se empregavam então os métodos actuais de labor intensivo. O dia de trabalho de catorze ou quinze horas era suportável, mas numa época, como a nossa, em que cada minuto de trabalho é utilizado ao máximo, ninguém poderia resistir.

❖

Nos antigos misteres o papel do tempo era secundário; nos modernos métodos de trabalho, o tempo passou para o primeiro plano. Assim, a transferência da antiga duração de trabalho para a grande indústria do nosso tempo, foi verdadeiramente desastrosa.

❖

A absurda utilização do antigo horário de trabalho na indústria moderna, foi de dois modos desastrosa: arruinava a saúde dos operários e destruía nêles a fé num direito superior. Junte-se a isto a lamentável insuficiência de salários e, em contraste, a prosperidade escandalosa dos patrões.

❖

De acôrdo com a idéia que hoje se faz (1924) do trabalho manual, o filho dum alto funcionário público não deve ser operário, porque tal trabalho significaria uma descida ao proletariado. O Estado nacional-socialista deve esforçar-se por modificar esta concepção do trabalho.

❖

Queremos exterminar na Alemanha o preconceito de que o trabalho manual é uma actividade inferior. Numa época em que, entre nós, há milhões de indivíduos que não compreendem a importância do trabalhador manual, pretendemos, mediante o serviço do trabalho obrigatório, educar o povo ale-

mão no conhecimento de que o trabalho manual não infama, não desonra, muito pelo contrário, como todo e qualquer outro ofício presta honra ao que o exerce fiel e honestamente. (1933)

❖

O Estado deve acabar com o desprezo pela actividade física e valorizar os homens não pela espécie de trabalho que desempenham, mas pela forma e vantagem com que o executam. Pode parecer extravagante esta concepção. A estranheza é filha duma época, em que se supõe valer mais um escrivinhador sem talento do que um bom profissional.

❖

Não é com cenas piegas de confraternização que o operário será elevado a figurar no quadro da comunidade nacional, mas sim por uma elevação consciente da sua posição cultural e social, até que se possam considerar vencidas as diferenças mais importantes que o separaram das outras classes.

❖

Quando pela primeira vez trouxemos a público a idéia do serviço de trabalho obrigatório, os representantes do cadavérico mundo marxistas desencadearam numa grande gritaria: "Isto é um novo ataque ao proletariado, um ataque ao trabalho, um ataque à vida do trabalhador!"

E porquê procederam assim? Êles sabiam perfeitamente que êsse serviço nunca será um ataque ao trabalho e muito menos aínda ao trabalhador, mas apenas um ataque ao horrendo preconceito que faz do trabalho manual uma actividade inferior. Êste preconceito queremos nós exterminá-lo na Alemanha.

❖

É nossa terminante decisão fazer com que todo o alemão, seja êle quem fôr, rico ou pobre, filho de sábio ou de operário fabril, uma vez na sua vida, faça tirocínio no trabalho manual para o ficar a conhecer e também para

poder depois, nesse sector, mais fàcilmente mandar, porque já antes aí aprendera a obedecer.

❖

Se há quem julgue poder tirar do género de trabalho de cada qual qualquer conclusão referente à dignidade da respectiva pessoa, comete um êrro amargo.

❖

É inútil explicar ao operário a sua importância, demonstrar ao camponês a necessidade da sua existência e ir ter com o intelectual, com o trabalhador espiritual, para lhes fazer ver o valor da sua actividade. O que é necessário é ensinar a cada profissional a importância das outras.

❖

Labutam entre nós milhões de indivíduos, dia a dia, anos e anos sem nunca poderem esperar adquirir riquezas, nem mesmo sequer alcançar um dia vida desafogada, Eis um facto que, com mais fôrça de razão, a todos deve obrigar a render-lhes homenagem. Ùnicamente o seu idealismo e a sua altruísta dedicação tornam possível a existência e a vida da colectividade.

❖

Não bastava para alimentar seis milhões e meio de desempregados, expor-lhes formosas teorias segundo o método marxista, mas sim dar-lhes que fazer.

❖

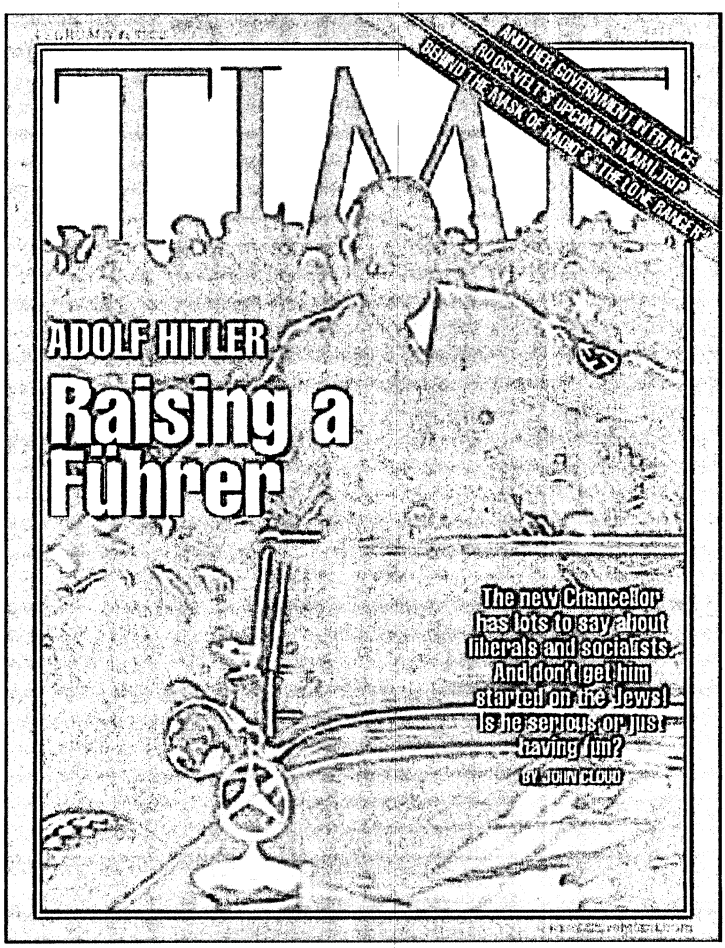
A necessidade de remeter ao trabalho seis milhões e meio de homens desocupados não permitia entregar-me a teorias, cuja máscara de beleza não oculta senão duma maneira imperfeita o carácter de doutrinas actualmente irrealizáveis e irracionais (1934).

❖

Depois da nossa chegada ao poder, reintegrámos, num ano, cêrca de cinco milhões de homens no circuito da produção nacional. Isto significa, por cada dia de trabalho, um acréscimo, em média, de 30 a 40 milhões de horas de trabalho, dado ao povo alemão, tiradas do nada para seu interêsse (1935).

❖

O Govêrno nacional-socialista reconhece como sua missão histórica apoiar e secundar os milhões de trabalhadores alemães na luta pelos seus direitos à existência (1933).


TIME
ANOTHER GOVERNMENT IN TROUBLE
ROOSEVELT'S UPCOMING MIAMI TRIP
BEHIND THE MASK OF RAIDY'S "THE LONE RANGER"
ADOLF HITLER
Raising a Führer
The new Chancellor has lots to say about liberals and socialists. And don't get him started on the Jews! Is he serious, or just having fun?
BY JOHN CLOUD

SINDICALISMO

É SUPÉRFLUO inquirir se a actividade sindical é indispensável.

É estùpidamente inexacto afirmar que o movimento sindical é, por natureza, inimigo da idéia de pátria.

❖

Se a actividade sindical tem por fim elevar o nível social duma classe que é um dos pilares da nação, longe de agir contra a pátria e contra o Estado, a sua acção é nacional, no melhor sentido da palavra.

❖

Se patrões indignos se sentem estranhos à comunidade nacional e ameaçam a saúde física e moral duma classe, a sua avidez e indiferença tem uma deplorável acção no futuro do país. Aqueles (os sindicatos) que salvam o país de tal perigo, bem merecem a nação.

❖

É ou não interêsse nacional destruir tudo o que quere entravar a vida social? Se assim é, precisamos combater com as armas que asseguram o êxito. Ora um operário isolado nunca será capaz de fazer frente à potência dum patrão poderoso.

❖

Enquanto houver patrões desprovidos de compreensão social ou do sentimento do direito e da justiça, os seus empregados, que fazem parte do nosso povo, terão o direito e o dever de defender os interêsses de todos contra a avidez de alguns.

❖

A organização sindical pode introduzir na vida corrente um acrésci-

mo de sentido social, com tôdas as suas consequências práticas, resolvendo as questões espinhosas que provocam sempre as mesmas queixas e descontentamentos. Se assim não é, deve atribuir-se em grande parte a responsabilidade àqueles que barram o caminho às leis de reforma social ou que as tornam ineficazes devido à sua influência política.

❖

O nacionalismo que só tem em consideração o espírito da classe, não merece êsse nome.

❖

No fim do século passado, o movimento sindical começou a deslocar-se dos seus primitivos fins. De ano para ano, êsse movimento cada vez mais se estranhava no círculo infernal da política social-democrática, para, no fim de contas, nada mais ser do que um meio de acção na luta de classes.

❖

Em algumas dezenas de anos, tôdas as fôrças criadas para a defesa dos direitos sociais foram aplicadas, depois de hàbilmente captadas pela social-democracia, para minar os fundamentos da economia nacional. Os interêsses dos operários não a embaraçavam...

❖

A social-democracia nunca procurou conservar o programa inicial do movimento cooperativo que ela absorveu. Pode mesmo afirmar-se que êsse foi sempre o menor dos seus cuidados.

❖

Quanto mais a burguesia política ignorava ou queria ignorar a importância da organização sindical, mais ela se obstinava na sua resistência e mais aínda a social-democracia se apoderava dos alicerces do movimento.

❖

Depois do movimento sindical, nas mãos da social-democracia, arruinar com os seus golpes repetidos todo o edifício económico tão penosamente construído, seria fácil dar o mesmo destino ao edifício do Estado, desde então privado dos seus fundamentos económicos.

❖

O partido social-democrata cuidava cada vez menos das verdadeiras necessidades da classe operária. A sua política não tinha o menor interêsse em aliviar as misérias da massa trabalhadora. Era muito possível, que depois das suas necessidades satisfeitas, essa massa deixasse de ser uma formação de combate eternamente cega e devotada.

❖

Os dirigentes da luta de classe tinham tamanho horror ao momento em que os operários, ao verem satisfeitas as suas reivindicações, deixavam de constituir um elemento de agitação, e de combate, que surrateiramente repeliam as reformas sociais verdadeiramente fecundas e até chegavam a tomar deliberadamente posição contra elas.

❖

O sindicato, só por si, não é um elemento da luta de classes. O marxismo é que fêz dêle o seu instrumento para êsse fim.

❖

A missão do sindicato nacional-socialista é a educação e preparação para êste objectivo: trabalho em comum de todos, para a manutenção e segurança do nosso povo e do nosso Estado, de acôrdo com as aptidões e fôrças inatas do indivíduo e as que êle venha a adquirir, pela educação, na comunidade nacional.

❖

O sindicato nacional-socialista, não é um orgão de luta de classes. É um orgão da representação profissional.

❖

O movimento sindical-nacional-socialista só pode ter real utilidade, para si e para o nosso povo, quando estiver tão fortemente impregnado das idéias nacionais-socialistas, que não possa correr o perigo de seguir as pisadas do marxismo. (1924)

❖

O Estado nacional-socialista não conhece classes.

❖

O operário nacional-socialista deve saber que a prosperidade da economia nacional significa a sua própria segurança nacional.

❖

O patrão nacional-socialista deve saber que a felicidade e a satisfação dos seus operários são a condição primordial da existência e do aumento da sua prosperidade económica.

❖

Os operários e patrões nacionais-socialistas são ambos delegados e mandatários da comunidade popular.

❖

O que actualmente (1924) leva milhões de homens ao combate, deve um dia encontrar solução nas câmaras profissionais e no parlamento económico central. Com o auxílio destas duas entidades, patrões e operários não

devem mais lutar uns contra os outros, no combate de salários e de preços, o que só causa prejuízos à existência económica de ambos, mas resolver êsse problema em comum para bem da comunidade popular e do Estado, cuja idéia deve pairar acima de tudo em letras fulgurantes.

❖

O espírito que anima o Estado nacional-socialista é inteiramente soberano e eleva-se tão alto, tão acima das relações económicas usuais que, para êle, os termos "patrão" e "operário" são designações sem importância.

❖

No que respeita aos interêsses superiores da nação, no Estado nacional-socialista não há lugar para distinguir entre os que distribuem trabalho e aqueles que o aceitam. Ambos, com justo título, são "operários" da nação.

❖

Um sindicato nacional-socialista, que tivesse por missão, ùnicamente fazer concorrência aos marxistas, mais valia não existir. O seu fim não é declarar a guerra ao sindicato marxista, como organização, mas combatê-lo, primeiro que tudo, como idéia.

❖

Só a paz social pode criar as condições necessárias para o cumprimento das grandes tarefas que a nossa situação económica comporta. Onde estaríamos hoje se, a exemplo de outros países, nos deixássemos arrastar pela loucura das "greves" e dos "lock-outs"?

PACIFISMO E VIOLÊNCIA

NÃO há teoria que se possa impôr como doutrina de destruição, pois tudo tem que servir a vida.

❖

Tôdas as tentativas de destruição duma doutrina por meio da fôrça e sem base espiritual conduzem ao insucesso e, não raro, a efeitos contraproducentes.

❖

Uma situação existente não se pode pôr à margem com a simples anunciação dum novo estado de coisas.

❖

A convicção do direito ao emprêgo de armas, mesmo as mais violentas, está sempre associada à existência duma crença fanática na necessidade da vitória duma organização nova e transformadora.

❖

Só se vence um terror com outro terror.

Só depois se pode começar a obra de construção.

❖

Tôda a tentativa de combater pelas armas um princípio universal será mal sucedida, enquanto a luta não tomar rigorosamente a forma de ofensiva por novas idéias.

❖

A História mostra com freqüência que a principal dificuldade não está em encontrar os moldes dum novo estado de coisas, mas em abrir caminho para o instalar. Preconceitos e interêsses, em falanges cerradas, procuram evi-

tar por todos os meios a vitória das idéias novas que lhes desagradem ou os ameacem.

❖

A experiência recolhida pela História mostra que o terror desenvolvido por uma concepção do mundo nunca poderá ser combatido com formalidades, mas com outra doutrina que tenha igual poder de decisão e de audácia.

❖

O movimento que visa conquistar o coração dum povo deve organizar dentro das suas próprias fileiras a defesa contra as tentativas terroristas dos seus inimigos.

❖

Tôda a fôrça que não provém duma firme base espiritual torna-se indecisa e vaga. Faltar-lhe-á certa estabilidade que só repousará no fanatismo.

❖

Não é admissível que os partidários ou interessados na manutenção do "statu quo" se convertam a um novo movimento, só porque êste proclama a necessidade duma transformação.

❖

Enquanto que o programa dum novo partido político não passa duma receita para triunfar nas eleições, o programa duma nova doutrina deve traduzir-se na fórmula duma declaração de guerra contra a ordem de coisas existentes, isto é, contra as actuais maneiras de compreender o mundo.

❖

O mundo não foi feito para os povos cobardes.

❖

Aquele que não está disposto a lutar pela sua existência, está voltado à morte pela Providência eternamente justa.

❖

Sòmente a fôrça unida e concentrada de uma paixão nacional em ebulição consegue fazer frente à escravização internacional dos povos. Tal solução é e terá sempre de ser obtida por meio da violência.

❖

Sòmente na luta de dois princípios universais, a violência, empregada com persistência e decisão, pode provocar o triunfo do lado onde a fôrça se manteve.

❖

Tôda a perseguição realizada sem prévia preparação, revela-se moralmente injustificada, provoca protestos veementes dos mais activos elementos do povo, e êsses protestos redundam geralmente em adesão ao movimento perseguido.

❖

Tivessem os nossos antepassados feito depender as suas decisões de tolices pacifistas, como se faz actualmente, e não possuiríamos mais do que um têrço do nosso território actual.

❖

Neste meio de lutas eternas, quem desejar viver deve preparar-se para o combate. Quem não estiver disposto a isso, não merece a vida.

❖

Tôda a concepção universal, religiosa ou política – (às vezes é difícil estabelecer a linha divisória) - luta menos pela destruição negativa do mundo de idéias do que pela vitória positiva dos seus próprios ideais.

❖

Sòmente quando as fronteiras do Estado tiverem abarcado todos os alemães, sem que se lhes possa oferecer a segurança da alimentação, surgirá, da necessidade do próprio povo, o direito, justificado pela moral, da conquista de terras não cultivadas.

❖

Pode-se hoje afirmar, com tristeza, que no tempo antigo de muito mais liberdade, o primeiro terror espiritual verificou-se com o aparecimento do cristianismo.

❖

Uma doutrina universal que se caracteriza pela sua infernal intolerância (o judaísmo marxista) só será destruída por outra inspirada no mesmo espírito, mantida pela mesma vontade de ferro, mas baseada em idéias mais puras e mais verdadeiras.

❖

As idéias, assim como os movimentos que têm determinada base espiritual, certa ou errada, só podem, depois de atingido certo período da sua evolução, ser destruídos por processos técnicos de violência, quando essas armas são portadoras dum novo pensamento flamejante, de uma idéia, de um princípio universal.

❖

O poder do Estado só pode garantir "calma e ordem", quando pro-

tege, internamente, a doutrina sôbre que assenta, de modo que os elementos capazes de violência sejam tomados como criminosos e não como representantes duma nova doutrina que se lhe oponha.

❖

Uma doutrina universal é sempre intolerante. Não se contenta com representar o papel dum partido ao lado dos outros; insiste em ser reconhecido por todos e em impor uma nova maneira de considerar a vida pública de acôrdo com os seus pontos de vistas. Assim não se pode tolerar a continuação duma fôrça representativa da situação anterior.

❖

O cristianismo não se satisfêz com erigir os seus altares. Viu-se na contingência de proceder à destruição dos altares pagãos. Só com fanática intolerância tornou possível aquela fé que é a condição essencial da sua existência.

❖

A humanidade tornou-se grande na luta eterna; na paz eterna ela perecerá.

❖

Nenhum sistema de Govêrno pode manter-se por muito tempo baseado apenas na fôrça, mas sim pela confiança pública na excelência dêle e pela probidade dos representantes e defensores dos interêsses colectivos.

❖

O destino dos povos não se orienta com luvas de pelica.

❖

A luta aparece sempre como um meio de estimular a saúde e a fôrça

de resistência na espécie.

❖

Quanto mais concentrada fôr a vontade combativa dum povo, tanto maior será a atracção magnética dum movimento e mais formidável o ímpeto do golpe.

❖

Só a observação superficial da História pode levar à conclusão de que a evolução dos povos é devida ao trabalho construtivo e não ao esfôrço da crítica negativa.

❖

A paz não se garante com ramos de oliveira agitados por pacifistas choramingas, mas sim com a espada vitoriosa dum povo de dominadores que faz do mundo inteiro o servidor duma civilização superior.

❖

Só os nossos "estadistas", falhos de espírito, poderiam imaginar que com o pacifismo anódino e cheirando a flôr de laranja se conseguiria despertar o entusiasmo que leva ao sacrifício da própria vida.

A ÁUSTRIA E OS HABSBURGOS

A ANTIGA Áustria era um "Estado de muitas nacionalidades". O cidadão do Império alemão, pelo menos outrora, não podia, em última análise, compreender a significação dêsse facto na vida diária do indivíduo, num Estado organizado como o da Áustria.

❖

Na Alemanha, sobretudo em relação aos austro-alemães, confundia-se a desmoralizada dinastia austríaca com o povo, que na essência se mantinha são.

❖

Sob a denominação de "Áustria", entendo o domínio do grande Império dos Habsburgos, em que a população alemã era, sob todos os aspectos, não sòmente o motivo histórico da formação daquele Estado, mas a fôrça que, por si só, tornara possível durante séculos a formação cultural do país.

❖

A Áustria era então como um velho mosaico, cuja argamassa destinada a assegurar as pedrinhas se tivesse tornado velha e quebradiça. A obra consegue aparentar bôa existência, mas logo que recebe um choque, quebra-se em mil pedaços. Tôda a questão era saber quando se daria êsse choque.

❖

A hipocrisia dos Habsburgos, com a qual se pretendia dar no exterior a aparência de que a Áustria aínda era um Estado alemão, fazia crescer o ódio contra a Casa da Áustria, até atingir a indignação e, ao mesmo tempo, o desprezo.

❖

Não se concebe como o alemão na Áustria – não fosse êle da melhor têmpera – pudesse possuir fôrça para exercer a sua influência num Estado de 52 milhões. Não se concebe também, sem essa hipótese, que, até na Ale-

manha, se tenha formado a opinião errada de que a Áustria era um Estado alemão, disparate de sérias conseqüências que constitue, porém, um brilhante atestado em favor dos dez milhões de alemães da "Ostmark".

Só então um ou outro poderá, talvez, avaliar a grandeza do sentimento que se manteve por si mesmo, e que, durante séculos, protegera o Reich na fronteira oriental para finalmente se resumir a pequenas guerras destinadas apenas a conservar as fronteiras da Europa. Isso se dava num tempo em que o Govêrno alemão se interessava por uma política colonial, enquanto se mantinha indiferente pela defesa da carne e do sangue do seu povo, diante de suas portas.

❖

O destino do Estado austríaco está tão ìntimamente ligado à vida e ao crescimento do povo alemão, que uma separação entre História alemã e austríaca parece impossível. Quando, por fim, a Alemanha começou a separar-se em dois estados diferentes, até essa separação passou para a História alemã.

❖

Só aquele que sente dentro de si o que significa ser alemão sem poder pertencer à pátria querida, é que poderá medir a profunda ânsia que em todos os tempos empolga o coração dos filhos separados da sua nação. Ela atormenta aqueles que dela se acham possuídos e nega-lhes satisfação e felicidade até que se lhes abram as portas da casa paterna e no Reich comum o sangue comum torne a encontrar paz e socêgo.

❖

O primeiro grito dos austro-alemães, nos dias do desmembramento do Estado dos Habsburgos, no sentido de uma união com a Alemanha, era apenas o efeito dum sentimento adormecido, mas de raízes profundas no coração dos dois povos: o anêlo pela volta à mãe-pátria nunca esquecida.

❖

O conhecimento histórico da actuação dos Habsburgos foi reforçado pela experiência diária. No Norte e no Sul, o veneno estrangeiro devorava o nosso sentimento étnico, e até Viena se tornava, a olhos vistos e cada vez mais, estranha ao espírito alemão.

❖

Em qualquer outra parte, a revolução de 1848 podia ser uma luta de classes. Na Áustria era já o comêço dum novo conflito nacional. Quando o alemão daquele tempo, esquecendo ou não reconhecendo essa origem, se colocava ao serviço da sublevação revolucionária, traçava êle próprio o seu destino.

❖

Quando, através da Europa, flamejaram os primeiros sinais de tempestade revolucionária, pouco a pouco começou também a pegar o fogo na Áustria. Quando o incêndio finalmente irrompeu, já a fogueira era atiçada menos por causas sociais ou políticas que por fôrças impulsoras de origem étnica.

❖

Se o aglomerado de povos a que se dá o nome de "Áustria" fracassou, isso nada quere dizer contra a capacidade política do germanismo na antiga fronteira oriental, mas é o resultado forçoso da impossibilidade em que encontravam dez milhões de indivíduos de conservarem duradoiramente um Estado de diferentes povos com cinqüenta milhões de habitantes, a não ser que ocorressem na ocasião oportuna determinadas circunstâncias favoráveis.

❖

Quanto é fácil a uma tirania proteger-se com o manto da "legalidade", ficou clara e eloqüentemente demonstrado com o exemplo da Áustria.

❖

A Casa de Áustria chiquezava-se por tôda a parte, e foi por efeito do punho da deusa do direito eterno e da inexorável lei de Talião que o inimigo mortal da Áustria alemã, o arquiduque Franz Ferdinand, foi vítima duma bala que êle próprio havia ajudado a fundir.

❖

Na fatal aliança do jovem Império alemão com o arruinado Estado austríaco estava não só o germen da Grande Guerra, mas também o desmembramento.

❖

Foi uma felicidade para a Alemanha que a guerra de 1914, embora indirectamente, irrompesse por intermédio da Áustria, o que obrigou os Habsburgos a nela tomarem parte.

Se tivesse acontecido o contrário, a Alemanha teria ficado sòzinha (1924).

❖

Nunca o Estado dos Habsburgos teria podido ou mesmo teria querido tomar parte numa guerra, que se originasse da parte da Alemanha. Aquilo que em relação à Itália tanto se condenou, ter-se-ia dado na Áustria: a Áustria ficaria neutra para assim, pelo menos, salvar o Estado contra uma revolução. Em 1914, o eslavismo austríaco teria preferido destruir a monarquia a consentir no auxílio da Alemanha (1924).

❖

Poucas pessoas podiam compreender nesse tempo (1914) como eram grandes os perigos e dificuldades provenientes da aliança com a monarquia do Danúbio. Em primeiro lugar, a Áustria tinha muitos inimigos que cogitavam a forma de herdar com a destruição dum Estado carcomido. Não era possível

que, no correr do tempo, deixasse de surgir certo ódio contra a Alemanha, na qual se enxergava a causa do impedimento à queda da monarquia, por todos tão desejada. Chegou-se à convicção de que, no final de contas, só se poderia alcançar Viena pelo caminho de Berlim.

❖

A aliança da Alemanha com a Áustria tinha em si um grande perigo. Com facilidade, uma das Potências inimigas do Império de Bismarck, poderia, em qualquer ocasião, mobilizar vários Estados contra a Alemanha, uma vez que, à custa do aliado austríaco, estavam em condições de acenar com as perspectivas de grandes vantagens (1924).

❖

A ligação com a Áustria privava a Alemanha das melhores e mais promitentes alianças. Em lugar dessas alianças, surgiu uma situação tensa com a Rússia e mesmo com a Itália. Em Roma o sentimento geral era tão simpático para com a Alemanha como antipático para com a Áustria (1924).

❖

Nunca se teria realizado a coligação mundial, que tanto progrediu desde a acção inical do Rei Eduardo, se a Áustria como aliada da Alemanha não tivesse oferecido vantagens tão apetecidas pelos inimigos. Só assim foi possível reünir, numa frente única de ataque, países de desejos e objectivos tão heterogénos. Cada um dêles poderia esperar enriquecer-se numa acção conjunta contra a Alemanha (1924).

❖

O mundo financeiro internacional judaico necessitava dêsse chamariz (o espólio da destruição da Áustria) para poder realizar o plano, há tanto tempo sonhado, da destruição da Alemanha, que aínda não se submetera ao "contrôle" financeiro e económico geral, à margem do Estado. Só assim se podia formar uma coligação forte e corajosa, devida ao grande número dos exércitos empregados, capaz de avançar contra o lendário Siegfried[6].

❖

A Áustria alemã deve voltar a fazer parte da grande pátria germânica, sem se atender a motivos de ordem económica. Mesmo que essa união, sob o ponto de vista económico, não tivesse interêsse ou fôsse prejudicial, ela deveria realizar-se (1924).

❖

Eu, que de bom grado e com orgulho me confesso filho da terra austríaca, pátria também de meus pais e nação irmã da Alemanha, protesto contra a opinião de que a feição mental alemã do povo austríaco necessite de quaisquer incentivos vindos do Reich (1924).

❖

O MONARCA, A IDÉIA MONÁRQUICA E OS SEUS SERVIDORES

A MONARQUIA alemã alienara as simpatias das grandes massas. Foi a conseqüência de o monarca nem sempre se ter rodeado de homens mais esclarecidos e sobretudo mais sinceros. Infelizmente, preferia, às vezes, os bajuladores aos espíritos rectos.

❖

Os efeitos da maleabilidade de carácter tornaram-se mais desastrosos quando influíram na forma por que todos se deveriam comportar junto do soberano (Kaiser). O uso era não replicar, mas aprovar tudo o que o soberano entendesse por bem ordenar. E, no entanto, era justamente nesse caso que mais necessária se fazia a existência de homens dignos e independentes. A subserviência geral arrastaria um dia o Império à ruína. Vivia-se num mundo todo cheio de lisonjas.

❖

Só aos bajuladores e aos servis, numa palavra, aos elementos decadentes duma nação, que sempre se acomodaram mais à vontade do que os homens honestos e independentes junto aos mais altos tronos, a subserviência geral poderia parecer a única forma de relações dum povo com os seus monarcas.

❖

As criaturas tipo "humilde servo", em tôdas as humilhações junto dos seus superiores, aos que lhes dão o pão, mostraram sempre o maior atrevimento em relação ao resto da humanidade.

❖

Os bajuladores nunca se deixaram matar pelo seu soberano. Como os monarcas nunca foram cônscios dessa situação e, quási por questão de princípio, nunca trataram de a estudar, contribuiram assim para a sua própria ruína.

❖

Num tempo em que qualquer imbecil não só reivindica para si o direito da crítica como aínda, no parlamento, lhe é permitido decretar leis para a pátria, o detentor da corôa imperial pode receber admoestações da mais superficial das intituições de palavreado de todos os tempos!

❖

Os monárquicos que hoje mais falam do seu Rei, são aqueles mesmos poltrões que em 1918, diante de qualquer fita vermelha, viam o "seu Rei" deixar de ser Rei, fugiam espavoridos, trocavam precipitadamente a alabarda[7] pela bengala, e, como pacíficos burgueses, desapareciam como por encanto.

❖

Com ingénua imperturbabilidade, essa gente, (os monárquicos sem carácter) continua a falar no "seu Rei"; Rei que há poucos anos, na hora crítica, abandonaram miseràvelmente, e ameaça apontar como maus alemães todos aqueles que não estão dispostos a concordar com as suas idéias.

❖

Os maus monárquicos voltam de novo a chorar pelo seu passado; mal se podem conter com tanta fidelidade ao Rei, com tanta vontade de lutar. Um dia, mal apareça a primeira fita vermelha, o barulho em favor da monarquia de novo desaparecerá, e êles fugirão como ratos diante de gatos.

❖

A pusilanimidade dos maus monárquicos é um êrro da nossa educação que, na vida política, reagia da maneira mais desastrada. Aos seus efeitos se devem os lastimáveis sintomas visíveis em tôdas as côrtes e nêles se devem procurar as causas do progressivo enfraquecimento da causa monárquica.

❖

Os monarcas devem convencer-se de que com muitos dos seus criados e conselheiros é fácil perder um trono, mas nunca criar uma corôa.

❖

A felicidade de se ter um grande monarca e um grande homem combinados na mesma pessoa é tão rara na vida das nações, que elas têm de contentar-se com que a maldade da sorte as poupe, ao menos, dos êrros mais graves.

❖

Só em casos raríssimos os monarcas são depositários da mais alta sabedoria, da razão mais perfeita ou do carácter mais puro. Só acreditam no contrário os bajuladores e hipócritas. Todos os espíritos rectos, e êsses são os elementos de maior valor do Estado, sentirão repulsa em defender êrro tão grave.

❖

A História oferece poucos exemplos da gratidão de príncipes.

❖

A virtude e a significação da idéia monárquica não pode essencialmente estar ligada à pessoa do monarca, a menos que Deus se digne pôr a corôa sôbre a cabeça dum grande herói como Frederico o Grande, ou dum carácter prudente como Guilherme I. Isso pode acontecer uma vez em vários séculos; raras vezes com freqüência.

❖

A idéia monárquica vem antes da pessoa do monarca. A sua significação deve repousar exclusivamente na própria instituição. O monarca deve entrar na lista dos que a servem.

❖

Se a predominância não fôsse dada à idéia, mas às pessoas consideradas sagradas, quaisquer que elas fôssem, nunca se deveria empreender o afastamento dum príncipe visìvelmente louco.

❖

A dominação do dinheiro foi, por infelicidade, sancionada justamente onde deveria ter encontrado maior oposição. Foi uma infeliz inspiração a de Sua Majestade (o Kaiser) induzir a nobreza a entrar no círculo dos nossos financeiros: - sirva de desculpa o facto de o próprio Bismarck não ter compreendido êsse perigo.

❖

Apesar de muitos defeitos, a estabilidade assegurada pelo regime monárquico, a protecção dos cargos públicos contra o turbilhão das especulações de políticos gananciosos, a dignidade intrínseca da instituição monárquica e a autoridade que dela decorria, a dignificação do corpo de funcionários e, sobretudo, a situação do exército que se conservava acima dos partidos políticos, constituíam incontestáveis vantagens.

❖

Uma das grandes vantagens do regime monárquico era o facto de a chefia do Governo se personificar no monarca. Assim se dava o exemplo da responsabilidade, a qual inspira mais confiança quando depende dum monarca do que dos azares duma maioria parlamentar. A isso se deve, principalmente, a proverbial pureza da administração alemã.

❖

O valor cultural da monarquia alemã tinha, para o povo, elevada significação, e bem compensava outras desvantagens. As sedes dos Governos alemães continuavam a ser esteio para os sentimentos artísticos que, em nossos tempos de materialismo, cada vez mais estão ameaçados de desaparecer.

A ALEMANHA E A FRANÇA

NÃO devemos ter a mínima dúvida de que o inimigo mortal, inexorável, do povo alemão é e será sempre a França (1924).

❖

É indiferente que a França seja governada por Bourbons ou jacobinos, bonapartistas ou democratas burgueses, republicanos clericais ou bolchevistas vermelhos. O objectivo da sua actividade política será sempre a tentativa da conquista da fronteira do Rheno e duma garantia para a posse dêste rio, pela França, com o enfraquecimento da Alemanha (1924).

❖

O desejo da França é e será sempre impedir a formação dum poder sólido na Alemanha, conservando um sistema de pequenos Estados em fôrças equilibradas e sem direcção uniforme, com a ocupação da margem esquerda do Rheno, para assegurar a sua hegemonia na Europa.

❖

A Inglaterra não deseja que a Alemanha se transforme em Potência mundial. A França não nos quere como Potência de qualquer espécie (1924).

❖

Qualquer aumento de fôrça da França no continente, equivale, para o futuro, a uma diminuição da Itália. Ninguém se deve, pois, iludir. A afinidade de etnias entre nações não é capaz de anular as rivalidades (1924).

❖

Enquanto o eterno conflito entre a Alemanha e a França não se traduzir por uma defesa alemã contra um ataque francês, o conflito permanecerá sem solução (1924).

❖

Não importa quantas vezes a política francesa se possa desviar do desejo de aniquilamento da Alemanha. Êste objectivo acabará por aparecer sempre como realização dos desejos máximos da mais arraigada aspiração nacional (1924).

❖

Estou firmemente convencido de que, se os combates entre franceses e alemães se desenvolvessem em território alemão, há muito tempo que não existiria um Reich alemão, mas apenas "Estados alemães". Eis também a única razão pela qual o sangue dos nossos amigos e irmãos mortos na guerra (1914) não correu totalmente em vão.

❖

O espírito francês, ameaçado de desaparecer lentamente não só pela diminuição da densidade da sua população como, principalmente, dos seus melhores elementos étnicos, só poderá manter de maneira duradoira a sua importância mundial, pelo aniquilamento da Alemanha.

❖

Nos três últimos anos (1936) esforcei-me por criar, lenta mas constantemente, as condições necessárias para um entendimento franco-alemão.

❖

É provável que me fôsse mais fácil excitar o sentimento instintivo duma desforra do que despertar e cultivar o sentimento duradoiro da necessidade dum entendimento europeu. E, no entanto, foi o que eu fiz. Limpei a opinião pública alemã de todos os ataques dêste género contra os nossos vizinhos. Afastei da Imprensa alemã qualquer ódio contra o povo francês (1936).

❖

Considero (1936) o entendimento franco-alemão como um elemento necessário de garantia para a Europa contra os perigos imprevistos; e porque não posso conceber que de outro modo haja qualquer vantagem para os dois povos, e, mais aínda, porque qualquer atitude diferente conduziria a graves perigos internacionais, vejo-me obrigado a proceder a novo exame da situação criada (pelo pacto franco-soviético) e a tirar as conseqüências práticas.

❖

É infinitamente trágico verificar que, ao fim de anos de esforços sinceros para obter a confiança, as simpatias e os sentimentos favoráveis do povo francês, se assinasse uma aliança militar (pacto franco-soviético), de que só conhecemos a origem, mas cujo fim pode ter conseqüências imprevisíveis se a Providência, uma vez mais, não se mostrar mais clemente do que o mérito dos homens.

❖

A França (1936) respondeu às ofertas amistosas e às repetidas garantias de segurança da Alemanha, com uma aliança militar (pacto franco-soviético) dirigida contra a Alemanha e com a violação do pacto renano de Locarno[8].

❖

Na Inglaterra e na França existe um desacôrdo entre as concepções duma política excelente, com raízes na nação, e os projectos financeiros da judiaria internacional. Sòmente na França se pode actualmente (1924) descortinar um acôrdo perfeito, secreto, entre as intenções dos homens da Bôlsa, representados pelos judeus, e os votos duma política "chauvinista". É por isso que a França é o nosso mais terrível inimigo.

❖

O papel que a França, levada pelo seu desejo de vingança e guiado pelos judeus, desempenha actualmente (1924) na Europa, é um pecado con-

tra a existência da Alemanha. Êsse pecado desencadeará um dia contra êsse povo todos os espíritos justiceiros duma geração que designará a impureza das etnias como o pecado hereditário da humanidade.

❖

Era para desesperar quando se observava como os judeus conseguiam entreter o povo alemão com assuntos secundários e arrastá-lo a manifestações e protestos, enquanto a França dilacerava a nossa nação, subtraíndo-nos os fundamentos da nossa independência. (1924)

❖

É necessário que se torne possível que os dois grandes povos apertem as mãos afim de fazer face, num labor comum, aos males que ameaçam subverter a Europa. (1935)

❖

Creio que a serena reflexão mostrará um dia a êsses dois povos (França e Alemanha) qual a via a seguir. A quem me disser que isso não passa dum ideal, responderei: tudo o que corresponde à razão é em última análise uma realidade (1936).

❖

A França receia pela sua segurança. Ninguém na Alemanha pretende pô-la em perigo, e estamos dispostos a fazer tudo para o demonstrar (1933).

❖

Os nossos antigos adversários aínda hão-de compreender que os problemas que ambos temos que resolver são tão grandes que, em lugar de nos guerrearem, os deveríamos resolver em conjunto (1935).

❖

Assim que a questão do Sarre se resolver, não subsistirá qualquer motivo visível e razoável para que as duas grandes nações (França e Alemanha) continuem a questionar até à consumação dos séculos (1935).

❖

A minha política de aproximação parte da idéia de que não pode haver parceiros sem igualdade de direitos. É sôbre esta igualdade que se funda a consideração recíproca. Desta consideração nasce o respeito dum para o outro e recìprocamente.

❖

Conscientemente considerei êsse entendimento franco-alemão (1936) não sòmente como um problema a resolver por meio de pactos, mas como um problema que era necessário, primeiro que tudo, pôr psicològicamente perante o espírito dos dois povos, porque o entendimento deve ser preparado não só nos espíritos, como aínda nos corações.

❖

Mesmo que certos excitadores internacionais sem consciência, que nós conhecemos e que não queremos atribuir a qualquer país, se esforcem por provocar a inimizade duradoira entre os dois grandes povos (França e Alemanha), não deixarei de ter confiança no bom senso e na sã razão.

❖

INGLATERRA, ITÁLIA E RÚSSIA

DEUS, seguramente, não criou o mundo só para os inglêses.

❖

Durante trezentos anos, a História do nosso continente caracterizou-se pelo esfôrço da Inglaterra de criar a necessária garantia contra a coligação de Potências que pudessem perturbar os seus planos de hegemonia mundial.

❖

Depois que a Espanha e os Países Baixos deixaram de ser grandes Potências marítimas, as fôrças do Estado inglês concentraram-se contra a elevação da França à posição de grande Potência, até que, com a queda de Napoleão I, a hegemonia dêsse poder militar, o mais perigoso para a Inglaterra, parecia para sempre destruída.

❖

A Inglaterra, já em 1870-1871, tinha adoptado a nova atitude. As suas vacilações resultantes da importância da América na economia mundial, assim como o desenvolvimento do poder político da Rússia, infelizmente não foram aproveitados pela Alemanha. O resultado foi que a tendência histórica da diplomacia britânica tornou-se cada vez mais firme.

❖

A conquista do mundo por "processos económicos pacíficos", que os nossos estadistas viam como a última palavra da sabedoria política, forneceu à política inglêsa o motivo da organização da resistência contra a Alemanha. Essa resistência não podia deixar de assumir a forma dum ataque universal organizado, sabido como a diplomacia inglêsa não visava a manutenção duma paz duvidosa, mas sim a consolidação do domínio britânico no mundo.

❖

Para a organização da resistência contra a Alemanha, a Inglaterra recorreu a alianças com todos os países militarmente fortes, o que estava de

acôrdo com a sua proverbial precaução na avaliação das fôrças do inimigo e com o conhecimento da sua própria fraqueza militar de momento (1924).

❖

Justamente para não deixar crescer desproporcionadamente o poder da França, a única política possível, por parte da Inglaterra, era participar da política de pilhagem da França (1924).

❖

A Inglaterra não alcançou os objectivos com que entrou na guerra (de 1914). Não conseguiu evitar a existência duma grande Potência militar capaz de perturbar o equilíbrio europeu (França); ao contrário, concorreu para a sua formação.

❖

O resultado da guerra (1918) contra o aumento do poder da Alemanha foi, sob o ponto de vista político, a hegemonia francesa no continente. O resultado militar foi a consolidação da França como primeira Potência militar e o reconhecimento dos Estados Unidos da América do Norte como Potência marítima equivalente.

❖

Assim como os tradicionais objectivos políticos da Inglaterra exigem uma espécie de balcanização da Europa, os da França orientam-se no sentido duma balcanização da Alemanha (1924).

❖

O desejo da Inglaterra é e será sempre impedir a formação duma grande Potência continental com avultada importância política mundial, para assim manter o equilíbrio europeu, condição indispensável à hegemonia britânica no mundo.

❖

O objectivo final da diplomacia francesa será eternamente contrário ao da diplomacia britânica (1924).

❖

Nunca a Inglaterra pode desejar uma França que, pelo enfraquecimento do resto da Europa, venha a ocupar na política continental tão segura posição que permita e até provoque o restabelecimento duma política francesa em maior escala (1924).

❖

A preponderância militar da França é para o Império inglês um pesadêlo muito maior que as bombas dos nossos "zepelins" (1924).

❖

A desaparição da Alemanha como grande Potência continental só poderia aproveitar aos inimigos da Inglaterra (1924).

❖

Todo o aumento do poder francês na Europa é, para o futuro, um obstáculo à expansão italiana (1924).

❖

Confesso, francamente, que, naquele tempo (1923), eu nutria uma admiração fervente pelo grande homem do sul dos Alpes (Mussolini), cujo profundo amor pela pátria o impedia negociar com os inimigos internos da Itália e que lutava por todos os meios possíveis para os destruir.

❖

Reflectindo-se, friamente, chega-se à conclusão de que a Inglaterra e

a Itália são os dois Estados, cujos interêsses naturais menos se encontram em conflito com as condições essenciais para a existência da nação alemã e que, até certo ponto, se identificam com os nossos interêsses (1924).

❖

A divergência entre os estadistas britânicos e as fôrças judaicas da Bôlsa em parte nenhuma aparece mais clara do que nas respectivas atitudes da política internacional inglêsa (1924).

❖

Contrariando os interêsses do Estado britânico, o judaísmo financeiro deseja não sòmente o completo aniquilamento econômico da Alemanha, como aínda a sua escravização política (1924).

❖

As fôrças da tradicional política britânica poderão anular a influência devastadora do judaísmo?

❖

O judeu, na Inglaterra, tornou-se actualmente um rebelde. O combate contra o perigo mundial judaico começará também na Inglaterra. É nesse terreno que o movimento nacional-socialista tem de cumprir a sua missão mais importante (1924).

❖

A destruição da Alemanha não estava (1918) no interêsse da Inglaterra, mas no dos judeus, assim como hoje (1924) a destruição do Japão serve menos aos interêsses políticos britânicos do que aos vastos desejos dos dirigentes do esperado império mundial judaico.

❖

O Govêrno do Reich reconhece de modo próprio a eminente importância vital e, portanto, a legitimidade da defesa do Império britânico mediante a supremacia dos mares, exactamente como, vice-versa, nós estamos resolvidos a empreender tudo o necessário para defender a nossa própria existência e a nossa própria liberdade como Potência continental (1935).

❖

O perigo que fêz sucumbir a Rússia é sempre uma ameaça para a Alemanha (1924).

❖

A organização do Estado russo não é devida às aptidões políticas do eslavismo na Rússia, mas ao notável exemplo de actividade do elemento germânico de criar Estados, no seio dum povo de pouco valor (1924).

❖

O bolchevismo aniquila não sòmente a propriedade privada, como aínda a iniciativa particular e o gôsto das responsabilidades. É por isso que um país como a Rússia, o maior Estado agrícola do mundo, não pode salvar da fome milhões de vidas humanas.

EDUCAÇÃO

É INTERÊSSE essencial do Estado e da nação evitar que o povo caia nas mãos de maus educadores, ignorantes e mal intencionados.

❖

Havia muitos pontos fracos na educação dos alemães, antes da guerra. A educação inspirava-se num sistema unilateral, o qual visava principalmente a instrução pura sem se preocupar com fornecer ao povo a capacidade prática. Menos aínda se pensava na formação do carácter, muito pouco se cogitava de encorajar o sentido da responsabilidade e nada absolutamente se fazia quanto ao cultivo da fôrça de vontade e de decisão.

❖

A maneira unilateral de considerar a educação nas camadas mais altas da sociedade, justamente numa época em que o punho é que decide e não o espírito, tornou-as incapazes de manterem as suas posições e muito menos de vencerem. Na fraqueza física estava a razão principal da covardia.

❖

É dever do Govêrno velar pela educação do povo e impedir que êle tome orientação errada, fiscalizando, principalmente, a actuação da Imprensa. A influência da Imprensa no espírito público é a mais forte e penetrante de tôdas, visto que a sua acção não é transitória mas contínua.

❖

Deve-se estabelecer uma diferença bem clara entre a educação geral e a educação especializada. Uma vez que esta ameaça pôr-se ao serviço dos homens de dinheiro, a educação geral, pelo menos na sua concepção ideal, deve continuar a contrapesar aquela tendência.

❖

O Estado nacional-socialista deve reduzir o ensino intelectual, resu-

mindo-o ao que é essencial. Só depois disso é que se oferecerá a possibilidade duma educação especializada sôbre bases sólidas.

❖

Um dos pontos dum bom programa de educação é o de fazer perder às crianças o hábito das lamúrias e das queixas constantes. Quando os educadores esquecem que devem habituar as crianças a suportar em silêncio todos os sofrimentos, não será de admirar que mais tarde, na frente de batalha por exemplo, o tráfico postal só se ocupe em transmitir cartas lamurientas de um lado e do outro.

❖

Lealdade, abnegação e discrição são virtudes absolutamente necessárias a um grande povo. Desenvolvê-las até à perfeição, graças à educação dada na escola, é duma importância maior que muitas matérias que actualmente enchem os nossos programas (1924).

❖

O Estado deve dirigir a educação do povo de maneira que a infância, desde os primeiros tempos, se prepare para enfrentar a luta pela vida que a espera, e tomar todo o cuidado para que se não formem gerações de comodistas.

❖

Em certos exercícios intelectuais, pode-se incutir numa inteligência medíocre alguns conhecimentos que o elevam acima da sua mediocridade, mas êsses conhecimentos manter-se-ão como mortos e estéreis.

❖

É possível levar a inteligência inferior a adquirir a prática de certas habilidades, mas o resultado caracteriza-se pela falta de alma, como acontece nos animais.

❖

A instrução que dá a ciência mecanizada é a que melhor serve a burocracia de hoje (1924).

❖

É um atentado contra o próprio Criador deixar sucumbirem, no actual pântano proletário, centenas de milhar de criaturas bem dotadas, enquanto que se adestram cafres e hotentotes para figurar de advogados, professores, pastores e cantores de ópera, e deslumbrar a burguesia em espírito tão cheia de respeito por êste fabuloso resultado da actual arte de educar.

❖

Só podem surgir realizações criadoras, quando se dá a aliança do saber com a capacidade.

❖

Poucos professores compreendem que a finalidade do ensino da História não deve consistir em aprender de cor datas e acontecimentos ou obrigar o aluno a saber quando esta ou aquela batalha se realizou, quando nasceu um general ou quando um monarca, quási sempre sem significação, pôs sôbre a cabeça a corôa dos seus avós. Não, graças a Deus, não é disso que se deve tratar.

❖

Aprender História quere dizer procurar e encontrar as fôrças que conduzem as causas das acções que vemos como acontecimentos históricos.

❖

Não se deve estudar História sòmente para saber o que aconteceu, mas para que ela possa orientar o futuro da nação.

❖

A nossa educação histórica deve ser orientada pela nossa experiência política.

❖

Poucos povos têm tanta necessidade de aprender História como o povo alemão; poucos povos a utilizam tão mal como o nosso povo (1924).

❖

Uma das características da nossa época materialista manifesta-se na tendência de orientar o ensino para as disciplinas utilitárias: matemática, física, química, etc. Numa época em que triunfam a técnica e a química, não se pode negar a utilidade dêstes conhecimentos. No entanto, poderia vir a ser perigoso basear nêles, ùnicamente, a cultura duma nação.

❖

A cultura duma nação deve ter sempre em conta a necessidade dum ideal. Essa cultura deve ter por base as "humanidades" e, no que respeita à educação científica, fornecer sòmente aos alunos os pontos de partida que mais tarde lhes serão indispensáveis para uma cultura profissional mais extensa. Esquecer isto é negar a importância das fôrças que serão sempre, para a existência da nação, muito mais importantes do que os conhecimentos técnicos ou quaisquer outros.

❖

O ensino da História não deve sacrificar o estudo da antiguidade. A História romana é sempre bom guia para o tempo presente e para todos os tempos. Devemos reter, também, o ideal grego de civilização com tôda a sua beleza. As diferenças que separam os povos não devem impedir-nos de ver a comunidade que as liga, o que é infinitamente mais importante.

❖

Se nos últimos tempos, sobretudo na América do Norte, aumentou o número de invenções valiosas, foi porque ali se ofereciam, mais do que na Europa, possibilidades duma educação superior às camadas populares.

❖

Sob o ponto de vista nacional, a educação deve ser completada pelo serviço militar como a conclusão da educação normal de cada alemão.

❖

Num Estado nacionalista, o exército não existe só para ensinar o homem a marchar e a praticar outros exercícios militares; deve ser a mais alta escola da educação nacional.

❖

Num Estado nacionalista a escola deve reservar mais tempo para os exercícios físicos.

❖

Não se deve passar um dia sem que cada jovem tenha, pelo menos, uma hora de exercício físico, pela manhã e à tarde, em desportos e ginástica.

❖

A função dos desportos não é sòmente a de tornar os indivíduos ágeis e destemidos, mas aínda a de prepará-los para suportarem tôdas as reacções.

❖

No Estado nacional-socialista, embora seja de grande importância a educação física e espiritual, não o é menos a selecção dos melhores indivíduos.

❖

À conquista do poder exterior, tem de seguir-se a educação interior dos homens.

❖

Uma das finalidades do Estado nacional-socialista sôbre educação, é agir de maneira que seja possível a constante renovação das classes intelectuais pela inoculação de sangue novo vindo da massa do povo.

❖

Nenhum rapaz, nenhuma rapariga, deve abandonar a escola sem estar convencido da necessidade de manter os valores da nação.

❖

Sòmente quem, pela educação e pela escola, aprende a conhecer as grandezas culturais, económicas e, sobretudo, políticas da própria pátria, pode adquirir, e adquirirá certamente, aquele orgulho íntimo de pertencer a um tal povo.

❖

A educação deve ser orientada de tal maneira que um jovem, ao deixar a escola, não seja um pacifista democrata ou coisa que o valha, mas um verdadeiro alemão, na mais ampla acepção da palavra.

❖

A aliança íntima de nacionalismo e de justiça social, deve começar a ser sentida na escola, pelos corações juvenis. Assim se formará de futuro, um Estado composto de cidadãos unidos entre si, fortalecidos, em conjunto, por um amor e um orgulho comum a todos e que se tornará inabalável e invencível para sempre.

DEUS, RELIGIÃO E PROVIDÊNCIA

NÃO rogamos ao Todo Poderoso: "Senhor, libertai-nos!" Queremos ser activos, viver em fraternal harmonia, combater juntos, para que um dia soe a hora em que possamos prostrar-nos diante do Senhor e rogar-lhe: "Senhor, vê-de: Nós modificámo-nos. O povo alemão já não é o povo da desonra, da ignomínia, da dilaceração de si próprio, da pusilanimidade e da tibieza. Senhor! O povo alemão é outra vez forte na sua vontade, forte na sua perseverança, forte no suportar de todos os sacrifícios. Senhor! Não deixamos de vos seguir! Abençoai a nossa luta pela nossa liberdade e com ela o nosso povo e a nossa pátria" (1933).

❖

Deus existe! Deus cria os povos. Por princípio Êle dá o mesmo a todos os povos.

❖

A fé, auxiliando o homem a elevar-se acima do nível da vida vulgar, contribue verdadeiramente para a firmeza e segurança da sua existência.

❖

Tire-se à humanidade contemporânea a sua educação apoiada nos princípios da fé e da religião, na sua significação prática quanto à moral e aos costumes, sem a substituir por outra de igual valor, e ter-se-á, como conseqüência, um grave abalo nos fundamentos da existência humana.

❖

As grandes massas da nação não são constituídas por filósofos. A fé para elas é a única base da sua vida moral.

❖

Quando a doutrina e a fé são realmente adoptadas pela massa do povo, a autoridade absoluta dessa fé é a sua única e eficaz garantia.

❖

O homem de sentimentos nacionalistas devia ter a sagrada obrigação de cuidar, dentro do seu próprio credo, não só de falar sempre da vontade de Deus, mas também de cumprí-la, não permitindo que a obra de Deus fôsse desonrada.

❖

Sem a clara delimitação da fé, a religiosidade na sua obscura poliformia não só seria inútil para a vida humana, como seguramente contribuiria para a confusão geral.

❖

O facto de muita gente na Alemanha de antes da guerra (1914) não gostar da religião, deve atribuir-se à deturpação do cristianismo pelo chamado Partido Cristão e pela despudorada tentativa de confundir a fé católica com um partido político.

❖

Para um político, o valor duma religião deve ser apreciado mais pelas suas vantagens do que pelas suas deficiências.

❖

Para o chefe político, as idéias e as instituições religiosas do seu povo devem permanecer sempre invioláveis.

❖

Com que violência continua aínda o combate contra as bases dogmáticas de tôdas as religiões! E, no entanto, sem elas, a crença religiosa é pràticamente impossível neste mundo.

❖

O que o costume é para a vida geral e a lei para o Estado, é o dogma para a religião.

❖

O ataque contra o dogma é, em si mesmo, muito semelhante à luta contra os princípios gerais do Estado.

❖

Assim como a luta contra o Estado terminaria na completa anarquia, o ataque contra o dogma conduziria ao niilismo religioso.

❖

Só o dogma pode destruir a incerta, eternamente vacilante e controvertida concepção do mundo e dar-lhe uma forma definida, sem a qual nunca se transformaria numa verdadeira fé. Se assim não fôsse, nunca da idéia resultaria uma concepção metafísica, por outras palavras, uma concepção filosófica.

❖

A Igreja não sacrifica uma vírgula dos seus princípios. Com muita sabedoria reconheceu que o seu poder de resistência não consiste na maior ou menor harmonia com as conquistas científicas de momento, sempre variáveis, mas na insistência da defesa dos dogmas que, em conjunto, expressam o carácter da sua fé. Assim a Igreja mantem-se mais firme do que nunca. Com o tempo, conquistará, seguramente, maior número de fieis.

❖

O interêsse do judeu, no momento em que o movimento nacional-socialista começa para êle a ser perigoso, é esgotar as suas fôrças numa guerra religiosa.

❖

Devido à divergência religiosa existente na Alemanha, cujas circunstâncias particulares não permitem comparação quer com a França, com a Espanha, ou mesmo a Itália, o combate aos pormenores de determinada confissão, forçosamente resulta numa guerra de efeitos destruidores para as duas confissões.

❖

Para o futuro da humanidade não importa saber se os protestantes vencem os católicos ou os católicos os protestantes, mas sim se o homem ariano se conserva no mundo ou se desaparece.

❖

Assim como outrora, enquanto traía a pátria e vendia a nação à finança internacional, o judeu atraía a opinião pública para a luta entre federalismo e militarismo até extenuá-la, novamente agora conseguia (1918) arremessar as duas confissões religiosas alemãs uma contra a outra, enquanto as bases de ambas eram minadas pelo judaísmo internacional.

❖

O catolicismo e o protestantismo mantêm entre si uma guerra inofensiva, enquanto o inimigo cruel da humanidade ariana e de tôda a cristandade (o judaísmo) se ri à socapa.

❖

Enquanto nos consumíamos combatendo por problemas religiosos, os outros repartiam o mundo entre si.

❖

A importância do celibato eclesiástico passa despercebida a muita gente.

O celibato dos sacerdotes católicos obriga a Igreja a recrutar os seus futuros ministros, não nas suas próprias fileiras, mas na massa do povo.

Aí está a razão da incrível fôrça dessa instituição multi-secular.

❖

Ininterruptamente o gigantesco exército espiritual da Igreja é recrutado nas camadas inferiores. Dêste modo a Igreja assegura não só uma natural ligação com os sentimentos do povo, como aínda uma soma de energia que só pode encontrar na massa popular. Daqui resulta a impressionante vitalidade dessa formidável organização, a sua inflexibilidade e inquebrantável fôrça de vontade.

❖

Nunca se pode dizer o suficiente contra os miseráveis exploradores que vêem na religião um instrumento da sua política ou dos seus interêsses comerciais.

❖

A aberração de confundir a fé católica com um partido político ofereceu a oportunidade da conquista de algumas cadeiras no parlamento para representantes incapazes, mas prejudicou sèriamente a Igreja.

❖

Em tôdas as épocas houve indivíduos sem consciência que não tiveram pejo de fazer da religião um instrumento dos seus interêsses políticos.

❖

Seria injusto tomar a religião ou mesmo a Igreja como responsável pelos desacertos de quaisquer indivíduos.

❖

Por cada padre indigno há milhares e milhares de curas honestos, dedicados fielmente à sua missão que, em nossos tempos tão mentirosos como decadentes, se destacam como pequenas ilhas num pântano geral.

❖

Entre os próprios padres há também quem faça da função sagrada um meio para a satisfação de ambições políticas, chegando a esquecer, muitas vezes de maneira mais do que lamentável, que deveria ser o guarda duma verdade superior e não o representante da mentira e da calúnia.

❖

Os partidos políticos nada têm que ver com os problemas religiosos, a não ser que estes venham solapar os costumes e a moral da própria nação. Também a religião não se deve imiscuir em intrigas de partidarismo político.

❖

Quando os dignitários da Igreja se servem de instituições ou doutrinas religiosas para prejudicar a sua nacionalidade, nunca deverão ser acompanhados e sim combatidos com as mesmas armas.

❖

Houve uma época em que os partidos políticos ligados às Igrejas, eram necessários. Foi o período em que o liberalismo era anti-clerical e o marxismo anti-religioso. Esse tempo passou.

❖

O nacional-socialismo combate os partidos que contestam à religião o papel fundamental de sustentáculo moral e que dela fazem instrumento político.

❖

O movimento nacional-socialista considera as duas confissões religiosas como apoios igualmente preciosos para a conservação do seu povo.

❖

O fim do movimento nacional-socialista não é uma reforma religiosa mas uma reorganização política do povo alemão.

❖

Em certos meios lançam-nos a acusação de nos afastarmos do cristianismo. Não fomos nós que nos afastamos: foram aqueles que nos precederam. Nós apenas estabelecemos a separação muito clara entre a política que trata das coisas terrestres e a religião que se ocupa das coisas sobrenaturais.

❖

O nacional-socialismo não é nem anti-clerical nem anti-religioso. Pelo contrário. Êste movimento coloca-se no campo do verdadeiro cristianismo.

❖

Sôbre que pontos os nossos interêsses comuns (os do nacional-socialismo e os da Igreja) poderiam melhor coincidir do que na nossa luta contra os fenómenos da decadência contemporânea, contra o bolchevismo cultural, contra o movimento livre-pensador, contra a criminalidade e aínda na nossa luta por uma melhor concepção social da colectividade, para a desaparição da luta e ódio de classes, da guerra civil e das perturbações, querelas e discussões?

❖

Um acôrdo com um regime nacional-socialista forte apresenta maior valor para a Igreja do que a eternização das lutas políticas de associações confessionais, as quais para obterem as coligações e compromissos necessários serão obrigadas a sacrificar a educação verdadeiramente religiosa e a consoli-

dação do sentimento religioso do povo, para obterem as vantagens pessoais a que aspiram os seus partidários.

❖

A luta contra a concepção materialista do universo e em favor duma verdadeira comunidade popular serve tanto aos interêsses da nação alemã como ao bem da nossa fé cristã.

❖

O nacional-socialismo nada mais pede à Igreja do que lealdade.

❖

Creio que, se nós praticássemos princípios anti-cristãos, não teríamos registrado tantos êxitos. O resultado de nossa luta política não está certamente privado da bênção de Deus.

❖

Precisamente há poucos meses, senti também pessoalmente, de novo, no sentido mais profundo, a actuação duma Providência que acompanha os homens e que lhes apresenta as tarefas. Nós servimos estas tarefas (1940).

❖

Principiou o ressurgimento do nosso povo com um trabalho incomensurável. E em todo êste tempo, a Providência abençoou outra vez o nosso trabalho. Quanto mais valentes nós fôrmos, tanto maiores serão as bênçãos da Providência (1940).

❖

A Providência abençoou até hoje esta luta! (pela liberdade e segurança da Alemanha). Abençoou-a milhares de vezes. Ela pode ter feito isto; faria ela isto se fôsse intenção sua deixar de repente que esta luta decorresse com des-

vantagem nossa? Aqui acredito eu numa justiça superior, numa justiça eterna. Ela caberá àquele que se mostrar digno dela (1940).

❖

Também nos últimos seis anos acompanhou-nos sempre a Providência, porque, creiam-me, uns chamam-lhe sorte, outros outra coisa, mas sem êste último acôrdo não se podem consumar as grandes obras (1940).

❖

É fácil iludir os homens, não é possível subordinar o Céu.

ARTE E CULTURA

A ÚNICA realização imperecível do trabalho e da energia humana, é a cultura!

❖

Crer que a mais alta riqueza económica dos povos corresponde ao mais elevado desenvolvimento de cultura humana, é dar provas dum conhecimento verdadeiramente superficial, para não dizer duma ignorância cega sôbre a evolução da História da humanidade.

❖

Tôdas as riquezas que o homem consome para as necessidades da sua vida estão voltadas ao esquecimento. Sòmente o que o homem edificou, o que êle deixa de durável como traço da sua existência dará testemunho da sua passagem pela terra.

❖

O mais alto resultado obtido pela comunidade humana, ao contrário do que pensam em particular os economistas, não é o que se chama a economia, mas a cultura.

❖

Não são as realizações económicas, mas as manifestações culturais que fazem a História dos homens e das nações.

❖

A contribuição artística da época actual para as nossas grandes cidades é de todo insuficiente. Tôdas as nossas cidades vivem das glórias e dos tesouros do passado. Retire-se do mundo actual tudo o que foi criado por Luiz I e verificar-se-á, com espanto, como é mesquinho o progresso de então para cá em criações artísticas de real valor. O mesmo se poderá dizer de Berlim e da maioria dos outros grandes centros.

❖

No século XIX, as nossas grandes cidades começaram a perder cada vez mais o aspecto de centros de cultura para baixarem à situação de meros aglomerados humanos.

❖

Nas grandes cidades, quanto mais aumentava a população, tanto mais cresce a pobreza das verdadeiras obras de arte. Em grandes proporções, oferecem o mesmo quadro dos pequenos centros fabrís.

❖

Às nossas cidades actuais faltam monumentos que sejam a expressão da vida colectiva. Não é, por isso, de admirar que ela não exista.

❖

Quem pode ter apêgo a uma cidade que não tem mais interêsse do que qualquer outra, que não tem qualquer carácter pessoal, e na qual parece ter havido o cuidado de evitar o que pudesse manifestar a menor aparência artística?

❖

Desde o fim do século XIX, em quási todos os domínios da cultura, principalmente no teatro e na literatura, os autores preocupavam-se mais com denegrir o que havia de melhor no passado, apontando as obras primas como medíocres e sediças, do que com produzir alguma coisa de real valor, como se nos tempos actuais, que se caracterizam pela mais vergonhosa mediocridade, alguém pudesse acusar dos defeitos do presente as grandes produções do passado.

❖

O que os príncipes (alemães) fizeram no século XIX a favor da arte e

da ciência, foi de alta significação.

Os tempos de hoje não podem comparar-se com os de então.

❖

O aspecto mais lamentável da nossa cultura geral, antes da guerra (1914), não era sòmente a absoluta impotência da fôrça criadora artística e intelectual, mas aínda o ódio com que se procurava enlamear a lembrança das grandezas do passado ou negá-las absolutamente.

❖

Quanto mais baixas e desprezíveis forem as produções intelectuais de certa época, tanto mais os seus autores odeiam os representantes da grandeza passada.

❖

Se qualquer idéia nova, nova doutrina, nova concepção do mundo ou qualquer movimento político ou económico tenta negar o conjunto do passado ou considerá-lo como sem valor, só por êsse motivo a novidade deve ser vista com desconfiança.

❖

Na maior parte dos casos, o ódio ao passado é devido à mediocridade ou à má intenção.

❖

Não deve ser visto como puro acaso o facto de que tôda a tentativa anarquista se faz acompanhar duma luta selvagem contra os mais altos resultados obtidos pela comunidade, isto é, contra as aquisições culturais.

❖

O indivíduo de baixa classe, domado pela comunidade do Estado, na sua tentativa anárquica de regressar às formas primitivas, automàticamente desencadeia sempre a sua raiva contra as aquisições mais elevadas do trabalho colectivo.

❖

A História do Egito, dos Estados da Mesopotâmia e das épocas culturais, mais próximas de nós, da antiga Hélade e de Roma, ensina-nos que os tempos de revolta anárquica foram sempre acompanhados de destruições selvagens de templos, edifícios, monumentos, etc.

❖

Durante o curto período de duração da república soviética bávara, já se pôde ver como todos os cartazes oficiais, os desenhos de propaganda dos jornais, etc., traziam não só o sêlo da decomposição política, como aínda o da decomposição da cultura.

❖

As más inclinações dos apóstolos da arte futurista tornam-se evidentes justamente pelo esfôrço que desenvolvem para ocultar o passado aos olhos do presente.

❖

O que nos apresentam como pretenso "culto do primitivo" não é nada a expressão duma alma ingénua e intacta, mas a dum estado de depravação caquético completamente corrompido.

❖

Na arte futurista não se trata duma nova concepção cultural, embora falsa, mas da destruição sistemática dos fundamentos da cultura que tornasse

possíveis a demolição dos sadios sentimentos artísticos e a conseqüente preparação intelectual para o bolchevismo político.

❖

A arte nos Estados bolchevizados só pode contar como arte oficialmente reconhecida e admirada, com aqueles produtos doentios de loucos ou degenerados que conhecemos no século passado sob a forma de dadaísmo e cubismo.

❖

Justamente no dia em que essa espécie de arte (dadaísmo, cubismo) correspondesse ao gosto geral, teria começado uma das mais graves metamorfoses da humanidade. Começaria a retrogradação do espírito humano, e mal se poderia prever o seu fim.

❖

Há dezasseis anos, uma exposição de produtos dadaístas pareceria impossível. Os expositores seriam levados ao manicómio. Hoje são guindados à presidência das associações artísticas. Esta epidemia não poderia ter vencido outrora, porque a opinião pública não a toleraria, nem o Govêrno a veria com indiferença (1924).

❖

A mais decisiva condenação de todo o movimento dadaísta está no facto de a grande massa do povo não só se afastar, como aínda manifestar a maior indiferença, por essa emprêsa judaico-bolchevista de rebaixar tôda a cultura transformando-a num objecto de troça.

❖

Assim como o século de Péricles apareceu improvisado no Panteon, o bolchevismo actual é representado por uma caricatura cubista.

❖

O bolchevismo na arte é a possível forma cultural do marxismo e a sua única manifestação de arte intelectual.

❖

O bolchevismo político é acompanhado do bolchevismo cultural.

❖

O conjunto da cultura geral com a do próprio indivíduo não é mais do que o resultado duma longa evolução em que cada geração concorre com a sua pedra e se adapta à construção já iniciada.

❖

Um movimento renovador verdadeiramente salutar terá sempre que construir sôbre bases fornecidas pelo passado. Nunca se envergonhará de recorrer às verdades já existentes.

❖

A finalidade e a razão de ser das revoluções não consistem em demolir o edifício inteiro, mas em afastar as causas da sua ruína, reconstruíndo a parte ameaçada de ruir. Sòmente assim se pode falar em progresso da humanidade.

❖

Actualmente, só há um sector em que o nascimento vale menos do que os dotes naturais. Refiro-me à arte.

❖

Não se diga que um filósofo que se imortaliza, não poderia compor a sua obra sem o capitalista. Muitos artistas e pensadores que a posteridade imortalizou, desgraçadamente morreram de fome.

❖

É mais fácil o manuscrito dum filósofo esfomeado viver eternamente na História da humanidade, do que as emprêsas lucrativas dos mais vaidosos dos capitalistas.

❖

O que hoje se chama a civilização parece significar o combate à verdadeira noção do que seja a elevação moral do espírito dum povo.

❖

Tôdas as grandes realizações culturais do homem, são seguramente o mais elevado testemunho da sua superioridade sôbre todos os outros sêres vivos.

❖

TEORIAS ESTÉTICAS DO NACIONAL-SOCIALISMO

O HEROISMO ergue-se apaixonadamente como futuro modelador e condutor dos destinos políticos. Cumpre à arte ser a expressão dêste determinante espírito da época.

❖

A arte nacional-socialista deve servir para o desenvolvimento da nossa comunidade. Esta arte não pode por isso tolerar os sintomas dum mundo decadente que ultrapassámos e cujas devastações democráticas se repercutem, sem oposição, em todo o domínio cultural.

❖

Gostamos do que é são. A medida será dada pelo melhor da alma do nosso povo. Na nossa arte, não queremos outra coisa senão a glorificação dêsse melhor.

❖

O nosso ideal de beleza deverá ser sempre a saúde.

❖

Se se quere ver na cultura a mais elevada realização da comunidade e se ela só se realiza graças à existência das grandes comunidades, é que a cultura está indissolùvelmente ligada às fôrças eternamente criadoras que foram a comunidade humana, que a mantém e que lhe insuflam o seu espírito elevado.

❖

No domínio da arquitectura, o princípio da saúde, como ideal de beleza, traduz-se pela claridade e pela utilidade.

❖

A luz, o ar e o sol oferecem-nos um novo ideal. Na sua beleza física vemos uma nova arte.

❖

Entre nós, a direcção cultural do povo far-se-á sentir em todos os domínios da criação artística.

❖

Se no domínio político libertámos o nosso povo dos elementos anárquicos de desagregação e, por conseqüência, de destruição, do mesmo modo, no domínio cultural, afastaremos cada vez mais todos aqueles que conscientemente, ou por falta de talento, auxiliaram ou querem aínda auxiliar a criar, pela decadência da cultura, uma decadência política.

❖

Começaremos a nossa obra cultural por certo número de pujantes realizações de valor documentário, porque estamos convencidos que o exemplo que se imortaliza é o melhor ensinamento para todos os tempos.

❖

Queremos sair da desordem das realizações individuais no domínio da arte e encontrar de novo aquele estilo superior que caracteriza uma obra empreendida em comum e cujos efeitos realçam e se completam mùtuamente.

❖

O nacional-socialismo encerrou, na Alemanha, o período da arte aviltada pelo bolchevismo. A arte bolchevista e futurista é um movimento retrógrado, anárquico.

❖

A criação artística dos eleitos e sentimento da arte no coração da colectividade vivem juntos. Não se pode conceber um sem o outro.

❖

O artista criador provoca e enobrece com a sua obra o poder de receptividade artística da nação. Dêste modo, o sentimento da arte, generalizado e fortificado, cria ambiente propício ao despertar de novos talentos criadores.

❖

A História não dá atenção aos povos que não souberam erigir um monumento nas suas obras de arte. Se os derradeiros representantes dum povo que tivesse sofrido a mesma sorte ficassem para sempre mudos, falariam por êles as pedras dos monumentos da sua pátria.

❖

Tôdas as grandes obras que testemunham o alto grau duma cultura representam as mais elevadas realizações duma vida colectiva. Quer elas sejam materiais ou puramente espirituais, pode-se dizer que nessas obras se incorpora, sempre, a essência sublime, que constitue o ser dum povo. E nunca é tão necessário conduzir um povo a essas fontes vitais e inesgotáveis do seu ser profundo, como no tempo em que as preocupações de ordem política e económica inclinam a pôr em dúvida os altos valores morais, que êle encarna com risco de prejudicar a sua missão.

❖

Nenhum povo sobrevive se não subsistirem as obras que testemunham a sua cultura.

❖

Se a arte e as suas obras têm repercussões e efeitos mais potentes e duradoiros do que qualquer outra actividade humana, é então necessário cuidar da arte com tanto mais ardor quanto mais duros fôrem os tempos e mais fortes as conjunturas políticas e económicas.

❖

Nada melhor do que a arte ensina a uma nação que os seus males, tanto individuais como políticos, são passageiros e que só as suas virtudes criadoras e a sua grandeza são eternas.

❖

A cultura, arrancando um povo aos estreitos limites do tempo e elevando-o acima dos seus indignos carrascos, é o seu melhor sustentáculo e o seu grande consolador. E se mesmo vencido êsse povo realiza obras imortais, é com a imponência do vencedor que êle aparecerá no juízo da História.

❖

Nenhuma época pode impunemente dispensar-se da protecção e do encorajamento devidos à arte. A nação perderia assim, não sòmente a capacidade de criação artística, como aínda todo o domínio da arte ficaria interceptado à sua compreensão.

❖

Estou plenamente convencido de que a arte, precisamente porque é a mais directa e a mais verdadeira emanação da alma dum povo, constitue a maior fôrça que modela obscuramente e da maneira mais activa das próprias massas dêsse povo, com a condição de que tal arte seja o reflexo sincero da alma e do temperamento de um povo e nunca o seu espelho deformador. Esta é a mais segura pedra de toque do valor ou da indignidade duma manifestação artística.

❖

As nossas catedrais são testemunho da grandeza do passado. Um dia medir-se-á a grandeza da nossa época pelos valores eternos que ela deixará. Para que assim seja, a Alemanha conhecerá uma nova floração da sua arte e o nosso povo terá consciência de ser chamado ao cumprimento dos mais altos destinos.

❖

Não há razão para objectar que só uma fraca minoria do povo participa pela inteligência ou com o sentimento nas obras de arte. A mesma objecção valeria para qualquer outra actividade nacional, porque não há qualquer actividade nacional em que a totalidade do povo possa tomar parte, pelo menos directamente. Quem ousaria afirmar que a grande massa do povo se interessa directamente pelos últimos progressos realizados pela química, pela física ou por qualquer outro domínio científico ou intelectual?

❖

É um êrro pensar que nos tempos de grande pobreza material se deveria renunciar a tôda a actividade artística e que, em suma, esta só representa um belo luxo perfeitamente adequado às épocas de prosperidade, mas deslocado durante todo o tempo em que as necessidades de cada um não estejam satisfeitas. Esta objecção, como a própria miséria, tem sido a sombra fiel de tôda a criação de arte. Quem poderá, sinceramente, acreditar que tenha havido alguma grande época artística que não conhecesse a miséria?

❖

Quem quer que empreenda desculpar as pinturas e as esculturas dos nossos dadaístas, cubistas e futuristas, ou dos nossos pretensos impressionistas, invocando um género de expressão primitiva, mostra não ter a menor idéia da missão da arte. O fim da arte não é o de recordar aos homens os seus sintomas de degenerescência, mas o de se opor a êste processo com o apêlo a tudo o que é são e belo. Se tais mistificadores da arte pretendem imprimir o "primitivismo" no sentido dum povo, isso significa que o nosso povo saiu, há milhares de anos, do estado primitivo preconizado por estes bárbaros em matéria artística.

❖

Se as gerações passadas não tivessem enobrecido a sua existência com as grandes criações artísticas, nunca teriam encontrado a via ascendente que as conduziu da extrema pobreza material, inerente à vida primitiva, a um estado

superior da humanidade.

❖

Assim como encontramos no domínio político a expressão exacta da essência e da vontade de viver do nosso povo, do mesmo modo nos julgamos capazes de reconhecer e de encontrar o complemento cultural adequado a essa essência e a essa vontade. Descobriremos e encorajaremos os artistas que saberão imprimir ao nosso Estado alemão o sêlo eterno das virtudes e do gênio pròpriamente germânicos.

❖

Quanto menor cuidado tem um povo em manter a sua cultura, mais baixo é o seu nível de vida e, conseqüentemente, mais profunda a miséria dos seus cidadãos.

❖

O judaísmo inteiramente infectado do capitalismo e assim regulando a sua maneira de agir, nunca teve nem jàmais terá uma arte própria.

❖

Não nos importunem mais com a objecção de que a arte tem por dever servir a realidade e que, por conseqüência, deve considerar e reproduzir não só o que agrada como o que desagrada, não sòmente o belo como aínda o feio. Sem dúvida, a arte tratou sempre, também, os problemas trágicos da vida; o eterno antagonismo do bem e do mal, do útil e do nocivo, integrando-os nas suas criações, nunca para assegurar o triunfo do que é nocivo, mas para demonstrar a necessidade vital do que é útil.

❖

As capacidades culturais dum povo são "a priori" que existe ou não existe. Pertencem ao complexo conjunto dos valores de um povo. A função que corresponde a essas capacidades e que, constantemente cria as obras de

arte, obedece às mesmas leis que presidem ao desabrochar e ao desenvolvimento de qualquer outra actividade humana.

❖

Na vida dum povo, assim como não se pode suspender os estudos da matemática e da física sem que se siga uma regressão sensível dêsse povo em relação aos outros povos dotados com as mesmas aptidões, do mesmo modo não se pode suspender a actividade cultural sem se correr o perigo duma regressão geral da cultura e duma decadência definitiva.



POSFÁCIO

do livro *Gog* de Giovanni Papini: "As ideias de Benrubi" - 1931

Mandei publicar, nalguns jornais, este anúncio: "Preciso de um secretário poliglota, filósofo, celibatário, paciente, nómada. Deve apresentar-se, até 20 de Julho, no *Hotel Mon Repos*, às dez horas da noite".

Como há algum tempo sofro de insónias, o exame dos candidatos ajudar-me-á a passar a noite.

Vieram sessenta e três. Entre estes sessenta e três, quarenta e sete eram judeus. Escolhi um judeu: o que me pareceu o mais inteligente de todos.

O doutor Benrubi possui todas as qualidades por mim pedidas e algumas mais em que não havia pensado. É um rapaz baixo, com os ombros um poucos curvos, as faces encovadas, os olhos profundos, os cabelos já um pouco embranquecidos, a pele da esverdinhada cor de lodo dos pântanos. Nasceu na Polónia, fez os primeiros estudos em Riga, doutorou-se em Filosofia em Iena, em Filologia Moderna em Paris, ensinou em Barcelona e em Zurique. Tem aspecto paupérrimo e a expressão de um cachorro que tem medo de ser espancado, mas que sabe, contudo, que é preciso.

Perguntei-lhe, conversando, porque é que os judeus são, de ordinário, tão inteligentes e tão medrosos.

- Medrosos? Refere-se, sem dúvida, à coragem física, material, bestial. Quanto à espiritual, os judeus não são apenas valorosos, mas temerários. Nunca foram heróis à maneira bárbara, nem mesmo, creio, na época de David, mas foram os primeiros, entre todos os povos, que compreenderam que o verdadeiro trabalho do homem consiste mais em bem exercitar o intelecto, do que em matar criaturas suas semelhantes.

"Além disso, depois da dispersão, os hebreus viveram sempre sem Estado, sem governo, sem exército: grupos esparsos em meio de multidões que

os odiavam. Como quer que se desenvolvesse entre eles o heroismo dos Cruzados e dos *Condottieri*?

"A fim de não serem exterminados, tiveram de inventar meios de defesa. E acharam dois: o dinheiro e a inteligência.

"Os judeus não amam o dinheiro. Três quartas partes da sua literatura, sem contar os Profetas, é de glorificação dos pobres. Mas os homens destroem-se com o ferro e compram-se com o ouro. Não podendo adoptar o ferro, os judeus protegeram-se com o ouro, metal mais estético e mais nobre. Os florins foram as suas lanças, os ducados as suas espadas, as esterlinas os seus arcabuzes e os dólares as suas metralhadoras. Armas nem sempre eficazes, mas cada vez mais potentes, de século para século, em conseqüência do aspecto que a civilização toma. O hebreu, convertido em capitalista por medida de legítima defesa, transformou-se, por culpa da decadência moral e mística da Europa, num dos senhores da Terra, contra o seu próprio carácter e contra a sua vontade. Obrigaram-no, primeiro, a ser rico, depois proclamaram que a riqueza está acima de tudo, de modo que, por imposição dos seus inimigos, o pobre da Bíblia e o recluso do Ghetto converteram-se em dominadores dos pobres e dos ricos.

"Aquilo que foi arnês de protecção, tornou-se, com o tempo, instrumento de vingança. Muito mais potente do que o ouro é, na minha opinião, a inteligência. De que forma podia o judeu, espezinhado e escarrado, vingar-se dos seus inimigos? Rebaixando, aviltando, desmascarando, dissolvendo os ideais do *Goim*. Destruindo os valores sobre os quais a cristandade diz que vive. E, de facto, se o senhor prestar atenção, de um século a esta parte, a inteligência judaica nada mais tem feito do que enterrar e emporcalhar as vossas crenças mais caras, as colunas que sustêm o vosso pensamento. Desde que os judeus não puderam viver livremente, todos os vossos andaimes espirituais ameaçam ruir.

"O Romantismo alemão criara o Idealismo e reabilitara o Catolicismo; vem um pequeno judeu de Dusseldorf, Heine, e, com o seu gênio alegre e malicioso, troça dos românticos, dos idealistas e dos católicos.

"Os homens supuseram sempre que política, moral, religião, arte são

manifestações superiores do espírito e que nada têm que ver com a bolsa e com o ventre; aparece um judeu de Treves, Marx, e demonstra que todas aquelas idealíssimas coisas vêm do barro e do esterco da baixa economia.

"Todos imaginam o homem de gênio um ser divino e um monstro o delinquente; chega um judeu de Verona, Lombroso, e torna palpável que o gênio é um semilouco epiléptico e que os delinquentes nada mais são do que nossos antepassados sobreviventes, isto é, nossos primos carnais.

"Em fins de oitocentos, a Europa de Tolstoi, de Ibsen, de Nietzsche, de Verlaine nutria a ilusão de viver uma das grandes épocas da Humanidade; surge um judeu de Budapeste, Max Nordau, e diverte-se a esclarecer que os vossos famosos poetas são uns degenerados e que a vossa civilização assenta na mentira.

"Cada um de nós está persuadido de que é, no conjunto, um homem normal e moral; apresenta-se um judeu de Freiberg, na Morávia, Sigmund Freud, e descobre que, no mais virtuoso e distinto cavalheiro, se oculta um invertido, um incestuoso, um assassino em estado potencial.

"Desde o tempo das Cortes de Amor e do *Dolce Stilo Nuovo*, habituámo-nos a considerar a mulher um ídolo, um vaso de perfeições; intervém um judeu de Viena, Weininger, e demonstra cientìficamente e dialèctamente que a mulher é um ser grosseiro e repugnante, um abismo de imundície e de inferioridade.

"Os intelectuais, filósofos e outros, acreditaram sempre que a inteligência é o meio único de chegar à verdade, a maior glória do homem; levanta-se um judeu de Paris, Bergson, e, com as suas análises subtis e geniais, abate a supremacia da inteligência, arruína o edifício milenário do platonismo e deduz que o pensamento-conceitual é incapaz de captar a realidade.

"As religiões são por quase todos consideradas uma admirável colaboração entre Deus e o espírito mais alto do homem; e eis que um judeu de Saint Germain em Laye, Salomon Reinach, se esforça por demonstrar que são simplesmente um resto dos velhos *tabus* selvagens, sistemas de proibições com superestruturas ideológicas variáveis.

"Imaginamos viver tranquilos num sólido Universo ordenado sobre os fundamentos de um tempo e de um espaço separados e absolutos; sobrevém um judeu de Ulm, Einstein, e estabelece que o tempo e o espaço são uma coisa só, que o espaço absoluto não existe, nem o tempo, que tudo se fundamenta numa perpétua relatividade e que o edifício de velha física, orgulho da ciência moderna, está destruído.

"O racionalismo científico estava certo de haver conquistado o pensamento e encontrado a chave da realidade; apresenta-se um judeu de Lublin, Meyerson, e dissolve também esta ilusão: as leis racionais nunca se adaptam completamente à realidade, há sempre um resíduo irredutível e rebelde que desafia a pretensa vitória da razão raciocinante.

"E poder-se-ia continuar. Não falo da política, na qual o ditador Bismarck tem como antagonista o judeu Lassale; na qual Gladstone foi superado pelo judeu Disraeli; na qual Cavour tem como braço direito o judeu Artom, Clemenceau, o judeu Mandel, e Lenine, o judeu Trotski.

"Observem que não pus na sua frente nomes obscuros ou de segunda ordem. A Europa intelectual de hoje encontra-se, em grande parte, sob a influência ou, se preferir, o sortilégio dos grandes judeus que lembrei. Nascidos no seio de povos diversos, consagrados a diversas investigações, todos esses alemães e franceses, italianos e polacos, poetas e matemáticos, antropólogos e filósofos, têm um carácter comum, um fim comum: o de pôr em dúvida a verdade reconhecida, rebaixar o que é elevado, enxovalhar o que parece puro, fazer vacilar o que parece sólido, apedrejar o que é respeitado.

"Esta propinação secular de venenos dissolventes é a grande vingança hebraica contra o mundo grego, latino e cristão. Os gregos troçaram-nos, os romanos dizimaram-nos e dispersaram-nos e os cristãos torturaram-nos e desprezaram-nos. E nós, fracos demais para nos vingarmos pela força, realizámos uma ofensiva tenaz e corrosiva contra as colunas sobre as quais assenta a civilização nascida da Atenas de Platão e da Roma dos imperadores e dos papas. E a nossa vingança está bem encaminhada. Como capitalistas, dominamos os mercados financeiros, numa época em que a economia é tudo, ou quase tudo; como pensadores, dominamos os mercados intelectuais, abrindo brechas nas velhas crenças sagradas e profanas, nas religiões reveladas e nas laicas. O ju-

deu reune em si os dois extremos mais temíveis: déspota no reino da matéria, anárquico no reino do espírito. Os senhores são nossos servidores na ordem económica e nossas vítimas na ordem intelectual. O povo acusado de ter morto um Deus quis matar também os ídolos da inteligência e do sentimento e obriga os senhores a ajoelharem-se diante do ídolo máximo, o único que ainda está de pé: o Dinheiro. A nossa humilhação, que vai desde a escravidão de Babilónia à derrota de Bar-Cochebas e que se perpetua nos *ghettos* até à Revolução Francesa, foi, finalmente, vingada. O povo dos párias pode cantar o hino de uma dupla vitória!"

À medida que falava, o pequeno Benrubi fora-se exaltando: os seus olhos brilhavam no fundo das órbitas; as suas mãos magras cortavam o ar; a sua voz fraca tornara-se estridente. Apercebeu-se de que falara demais e calou-se de repente. Um largo silêncio reinou no aposento. Por fim, em voz tímida e baixa, o dr. Benrubi perguntou-me:

- O senhor não podia adiantar-me mil francos sobre o meu ordenado? Tenho que fazer um terno, gostaria de pagar umas pequenas dívidas...

Já com o cheque em seu poder, olhou-me com um sorriso que queria ser espiritual:

- Não tome a sério os paradoxos que proferi. Nós, os judeus, somos assim: gostamos muito de falar e depois de começar, continuamos... e acabamos sempre por incomodar alguém. Peço que me perdoe se o ofendi nalguma coisa.

("As ideias de Benrubi" do livro *Gog* de Giovanni Papini) - 1931

Alguma dúvida de quem manipula as revoluções?

POSFÁCIO II:
Discurso de Hitler sobre a Palestina

Hitler exige liberdade e independência da Palestina (1940)

"Um facto passou obviamente despercebido pelo Senhor Roosevelt, que a Palestina atualmente não está ocupada por tropas alemãs, mas por tropas inglesas, e que o País está passando por uma brutal restrição de sua liberdade de maneira forçada, está sendo roubada sua independência e está sofrendo maus tratos da forma mais cruel para benefício de organizações intrusas judaicas. Os árabes vivendo no País, portanto, certamente não se queixam, ao Senhor Roosevelt da agressão alemã, mas eles estão expressando um apêlo constante ao mundo, deplorando os métodos bárbaros com que a Inglaterra está tentando suprimir um povo, que ama sua liberdade e está simplesmente defendendo-a. Isto, também, é, talvez, um problema que, na opinião do Presidente americano deve ser resolvido na mesma conferência, para se decidir ante um juiz justo, e não pela fôrça física ou métodos militares, nem através de execuções em massa, incendiando aldeias, explodindo casas e assim por diante.

Para um facto é sem duvida correto afirmar: no caso a Inglaterra não está a defender-se contra um ataque ameaçador árabe, mas como um intruso não convidado, está se esforçando para estabelecer seu poder em um território estrangeiro, que não pertence a ela. Não sou o menos disposto a permitir que estadistas estrangeiros para criarem uma segunda Palestina aqui no coração da Alemanha. Os pobres árabes estão indefesos e foram abandonados por todos. Os alemães na Tchecoslováquia não são indefesos nem foram abandonados. Por favor, leve em consideração esse facto!"

NOTAS

Capítulo 1:

[1] Assinado em 11/11/1918. No início dêste ano, uma derrota germânica parecia fora de questão. A retirada da Rússia dos combates possibilitou ao comandante Erich Ludendorff deslocar tropas da frente Oriental para a Ocidental e planejar com perícia a irresistível ofensiva que levaria a Alemanha à vitória, antes mesmo da chegada dos americanos. Paris jamais havia sido um objetivo tão real. Mas, diante dos inequívocos indícios de fadiga da Alemanha, o supremo comando aliado, sob a firme liderança do marechal francês Ferdinand Foch, preparou uma série de contraofensivas. As tratativas entre a Alemanha e os aliados por um armistício haviam sido abertas em 4 de outubro, com o Govêrno alemão dispostos a negociar com base nos catorze pontos de Woodrow Wilson. O documento que o presidente americano apresentara ao Congresso como base para uma paz duradoura elencava elementos como o princípio da auto-determinação nacional, a restauração do Estado belga, o restabelecimento de todo o território francês, o fim dos impérios Austro-Húngaro e Otomano, a abertura de negociações diplomáticas, o fim das barreiras econômicas e garantias recíprocas de independência política e territorial para todos os estados. Obviamente, esses três últimos itens eram especialmente caros aos alemães. França e Grã-Bretanha, porém, não subscreviam todos os pontos do pacto. Londres era radicalmente contra ao fim dos bloqueios, enquanto Paris, sedenta de sangue, desejava impor punições radicais ao inimigo vencido e exigir dele reparações pesadas.

Como condição para a assinatura do armistício, Woodrow Wilson exigiu a abdicação do Kaiser Guilherme II. A insistência causou desconforto no Govêrno alemão, mas foi resolvida pelo chanceler alemão, príncipe Max von Baden, que anunciou em público, no dia 9 de novembro, a abdicação do Kaiser – ainda que este não tivesse consentido com o facto (apenas no dia 28 Guilherme II proclamou oficialmente sua abdicação). Com todas – ou quase todas – as arestas aparadas, o encontro entre a delegação aliada, comandada pelo marechal Foch e pelo almirante inglês RosslynWemyss, e a alemã, conduzida por MatthiasErzberger, aconteceu em no vagão de trem de Foch, na floresta de Compiègne, no Norte da França, às 2h05 da madrugada do dia 11

de novembro. Os termos do acordo foram severos para a Alemanha, especialmente no que diz respeito a seu desarmamento como forma de prevenir novas hostilidades. Mas não havia margem de negociação para a delegação alemã, que também concordou em recolher, em um prazo de duas semanas, todos os seus soldados espalhados pela Europa Ocidental e recuar suas tropas dentro da Alemanha a até 40 quilômetros a leste do Rio Reno. Outras resoluções de efeito imediato: a evacuação dos territórios ocupados na Europa Oriental – anulando assim os acordos assinados com Rússia (Brest-Litovsky) e Romênia (Bucareste) – e o fim dos combates na África Oriental. Todo o material militar tedesco será entregue aos aliados – 5.000 peças de artilharia, 30.000 metralhadoras, 2.000 aviões, 5.000 locomotivas, 150.000 vagões, 5.000 caminhões e a totalidade de sua frota de submarinos (no dia 27 de novembro, 114 U-boats chegaram ao porto de Harwich, na Inglaterra). O restante da frota naval e aérea precisa ser reunida e imobilizada com urgência. Previsivelmente, a Alemanha fica ainda obrigada a libertar todos os prisioneiros de guerra. Em suma: derrota total e implacável aos alemães. Quanto ao Presidente Wilson que propôs um armistício para a Alemanha que não havia ainda sido derrotada, a mesma aceitou sentar à mesa com os demais. Tão logo aconteceu, o presidente dos Estados Unidos Wilson abandonou a reunião, e a Inglaterra e a França (principalmente esta última) aproveitaram a situação para "fatiar" a Alemanha. Daí o que Hitler mais tarde diria "fomos traídos pelas costas".

[2] Na Alemanha, a República de Weimar havia muitos partidos políticos. Os de tendência de esquerda, como o Partido Comunista Alemão eram dirigidos por judeus.

[3] Êste pensamento leva a reflexão dos acontecimentos atuais. O exército desestruturado, a juventude corrompida e os meios de comunicação, sob orientação internacional em detrimento ao sentimento de nacionalismo.

Capítulo 2: Como se ganham fortunas

Sob esse título, Frei Pedro Sinzig publicou no "Correio da Manhã", interessante artigo traduzido da Deutschland Erneuerung de München, do qual reproduzimos alguns tópicos.

[4]Terminada a Primeira Guerra Mundial, a imprensa ingleza vem fazendo revelações surprehendentes "sobre muitas inconfessaveis coisas e casos de guerra. A accusação positiva, que em poucas linhas se póde resumir, é esta e refere-se a uma grande operação "monetaria" feita com a famosa batalha naval de Jutlandia, e de que resultou um grupo de judeus metter no bolso a gorda quantia de nada menos que 54 milhões de libras esterlinas, ou em nossa moeda, no cambio actual, nada menos de 2.106.000 contos de réis.

A batalha de Jutlandia deu-se em 31 de maio de 1917, e no dia 2 de junho appareceu um relatorio, assignado por lord Balfour, communicando ao mundo estupefacto que a esquadra britannica havia soffrido um serio revez, e a esquadra allemã se escapára com perdas insignificantes.

No mesmo dia, nas Bolsas de todos os paizes neutros inclusive as dos Estados Unidos, os titulos inglezes baixaram sensivelmente, subindo ao mesmo tempo a cotação dos títulos allemães. Tendo-se previamente preparado para a manobra habilisima, os representantes daquelle grupo internacional judaico compraram então por preços vantajosos grandes quantidades de titulos inglezes, simultaneamente vendendo com bons lucros os titulos allemães que possuiam em carteira.

Foi nessa operação que obtiveram os habilissimos negocistas o lucro referido de 54 milhões esterlinos ou sejam 2.106.000 contos.

O falso relatório produzira seu primeiro effeito visado. Cinco dias depois da publicação desse primeiro "relatorio official", appareceu um segundo, "tambem official", dizendo que o primeiro havia sido injustificavelmente pessimista, e que, de facto, as perdas allemães eram maiores do que se pensava a principio, e em compensação as perdas inglezas eram... muito menores!

Não houve interpellação alguma no Parlamento, pelo que o *Plain English*, no seu segundo artigo, publicou coisa mais importante e grave. Sem ainda citar nomes, expoz o facto de que representantes do alto mundo financeiro inglez, cujos nomes depois referiu, - e são o judeu de descendencia allemã sir Ernest Cassel, o grupo dos Rothschild, um representante do Banco Allemão de Berlim, outro do mundo financeiro americano, se encontraram em 1916 e em 1917 na Suissa e na Hollanda, concordando plenamente que o judaismo

só podia tirar proveito financeiro de uma batalha naval, porque nesta, contrariamente ao que se dá numa batalha terrestre, não podiam ser seguidos os movimentos no mappa.

Foi por isso que para o caso de uma batalha naval elaboraram um plano silencioso, depositaram capitaes em muitos bancos neutros do mundo e combinaram-se os mais detalhes.

Conseguiram ter á sua disposição a pessoa que tinha sob suas ordens a radiographia do almirantado em Londres – *para que fosse evitada uma derrota da esquadra allemã, porque nisso se baseava toda a manobra financeira.*

O ministro que em 1917 redigiu o relatorio falso sobre a Jutlandia foi Winston Churchill. Elle o redigiu na casa de sir Ernest Cassel, um dos membros mais poderosos do grupo de financeiros que conseguiu bilhões de lucro no tal negocio falso.

Ernest Cassel convenceu Winston Churchill de que o governo inglez com semelhante relatorio estaria em condições de comprar por preços mais baratos os muitos titulos inglezes que tinha depositado nos Estados Unidos como garantia. Churchill caiu na armadilha, não imaginando que um grupo já tinha preparado tudo para explorar em seu proprio favor as consequencias do relatorio falso, como aconteceu.

São, pois, os seguintes membros do governo inglez que, conscientemente ou inconscientemente, tomaram parte na execução do plano judaico: 1) Winston Churchill; 2) Graham Greene, sub-secretario do almirantado; 3) A. J. Balfour; 4) Eduardo Pack, secretario particular de Balfour.

Graham Greene esteve encarregado de obter a assignatura de Balfour para o tal relatorio. Mas o secretario deste, Ed. Pack, era empregado competente, zeloso e incorruptivel, e conhecia perfeitamente todos os detalhes da batalha, a lista das perdas, etc.

Para que, pois, o relatorio não passasse pelas mãos do secretario, Graham Greene esperou a hora em que Pack iria, e foi, almoçar.

Dirigiu-se então a Balfour. Encontrou o commandante sentado em uma poltrona de seu gabinete, entregue á attenta e interessada leitura de um livro.

Greene apresentou-lhe o relatorio dizendo que "era preciso assignar". Balfour lançou um olhar ligeiro sobre o documento, e assignou-o, sem deixar o livro. Poucas horas depois o mundo soube de uma derrota da Inglaterra, reagindo a bolsa, e explodindo a mina ardilosamente preparada pelos judeus.

Balfour era apenas uma pedra no taboleiro do xadrez de Winston Churchill, e este apenas um titere nas mãos de sir Cassel.

Churchill, como diz o *Plain English*, hoje confessa ter sido logrado, quando julgava aproveitar o golpe em benefício do Thesouro Britannico.

A revista ingleza *Plain English*, editada em Londres pelo lord A. Douglas, desde ha mezes vem muito insistindo com o governo para que fale, e diga alguma coisa que estabeleça a verdade no caso.

(do livro *Como se ganham fortunas* – J. L. Mulberry, 1921)

Capítulo 14:

[5] Aquele que professa uma doutrina ou religião.

Capítulo 23:

[6] Sigurd ou Sigurdo (também conhecido em alemão como Siegfried) é um herói lendário da Mitologia Nórdica e personagem central da Saga dos Volsungos. A adaptação mais conhecida da história de Sigurd ou Siegfried é a adaptação de Richard Wagner para a tetralogia O Anel dos Nibelungos escrita entre 1848 e 1874.

Capítulo 24:

[7] Antiga arma, constituída de uma longa haste de madeira rematada em ferro largo e pontiagudo atravessado por outro em forma de meia-lua.

Capítulo 25:

[8] Por meio dos sete Tratados de Locarno, negociados em Locarno, Suiça, em 16 de outubro de 1925, e assinados em Londres, em 1º de dezembro de 1925, as Potências da Europa Ocidental aliadas na Primeira Grande Guerra buscavam a manutenção das fronteiras entre a Bélgica e a Alemanha e França e Alemanha. Nos termos do tratado principal (o "Pacto de Estabilidade" ou "Pacto Renano", entre Alemanha, Bélgica, França, Reino Unido e Itália), os signatários ofereciam garantias de que a Alemanha não seria reocupada pelos Aliados; em troca, a Alemanha aceitava manter desmilitarizada a área da Renânia – o que já era previsto no Tratado de Versalhes. Terminada a Primeira Guerra Mundial, tal foi o desmembramento da Áustria que a mesma pediu para fazer parte da Alemanha - que não foi aceito pela Inglaterra e França. Esta unificação só viria ser concluída em 1938, sob a denominação "Anschluss" que traduzida do alemão é "ligação", mas que mentirosamente se traduz por "invasão" ou "anexação".

Nota adicional

Os 14 pontos do Presidente Wilson dos Estados Unidos

Depois de tantas mortes de ambos os lados, o governo alemão pediu em 03/10/1918 que o Presidente Wilson intermediasse as conversações de paz com base nos "14 pontos" que o mesmo havia proposto. Em 05/11/1918, o secretário de Estado Lansing comunicou a disposição dos aliados, que aceitavam bem o tratado de paz baseado na proposta americana, fazendo apenas ressalva nos mares e nas reparações. Em 11/11/1918 então foi assinado o armistício. Em 18/01/1919 começou a Conferência de Paz sem a presença do delegado alemão. Em 7 de Maio, o representante alemão recebeu prontinho o tratado de paz chamado historicamente de Versalhes. De um convite

a Alemanha recebeu um "ditado" dos aliados e os Estados Unidos já haviam abandonado a Conferência de Paz. Neste ínterim, a Inglaterra havia feito um bloqueio naval, provocando a fome em toda Alemanha. Os 14 pontos de Wilson não foram obedecidos conforme a proposição anterior e que foram as seguintes:

1) "Acordos públicos, negociados publicamente", ou seja a abolição da diplomacia secreta;

2) Liberdade dos mares;

3) Eliminação das barreiras econômicas entre as nações;

4) Limitação dos armamentos nacionais "ao nível mínimo compatível com a segurança";

5) Ajuste imparcial das pretensões coloniais, tendo em vista os interesses dos povos atingidos por elas;

6) Evacuação da Rússia;

7) Restauração da independência da Bélgica;

8) Restituição da Alsácia e da Lorena à França;

9) Reajustamento das fronteiras italianas, "seguindo linhas divisórias de nacionalidade claramente reconhecíveis";

10) Desenvolvimento autônomo dos povos da Áutria-Hungria;

11) Restauração da Romênia, da Sérvia e do Montenegro, com acesso ao mar para Sérvia;

12) Desenvolvimento autônomo dos povos da Turquia, sendo os estreitos que ligam o Mar Negro ao Mediterrâneo "abertos permanentemente";

13) Uma Polônia independente, "habitada por populações indiscuti-

velmente polonesas" e com acesso para o mar; e

14) Uma Liga das Nações, órgão internacional que evitaria novos conflitos, atuando como árbitro nas contendas entre os países.

BIBLIOGRAFIA

MEIN KAMPF

DISCURSOS DO CHANCELER ADOLF HITLER

na sessão de abertura do Reichstag, em 21 de Março de 1933;

no Reichstag, em 23 de Março de 1933;

perante a Lavoura alemã, em 5 de Abril de 1933;

no dia do Trabalho Nacional, em 1 de Maio de 1933;

no Congresso da "Frente do Trabalho Alemã", em 10 de Maio de 1933;

no Reichstag, em 17 de Maio de 1933;

perante os representantes do Govêrno do Reich, em 6 de Julho de 1933;

no Reichstag, em 30 de Janeiro de 1934;

na inauguração da Cruzada do Trabalho, em 21 de Março de 1934;

na Festa das Colheitas, em 30 de Julho de 1934;

em Coblentz, em 26 de Agôsto de 1934;

em Sarrebuck, em 1 de Março em 1935;

no Reichstag, em 21 de Maio de 1935;

no Reichstag, em 7 de Março de 1936;

em Karlsruhe, em 12 de Março de 1936;

em Francfort, em 16 de Março de 1936;

nos Congressos do Partido Nacional-Socialista, em Nuremberg, em 1935, 1936, 1937;

em Munique, na comemoração do 20º aniversário da fundação do Partido Nacional-Socialista, em 24 de Fevereiro de 1940.

ÍNDICE

Prefácio 3

Prefácio II 9

O homem, a vida e o destino 15

Causas do desastre alemão de 1918 39

Corrupção da burguesia 51

Falsidade e conseqüências do regime parlamentar 59

A social-democracia 69

O marxismo 77

A revolução de novembro 85

A questão judaica 93

O sangue e o solo 105

Ressurgimento da Alemanha 113

Reconquista das massas populares 123

Psicologia da propaganda 131

O mal necessário da organização 139

O indivíduo e as multidões. 147

O exército 153

A guerra e a paz 159

O estado. 165

Defesa e protecção da nação 173

Economia 181
Trabalho e trabalhadores. 193
Sindicalismo 203
Pacifismo e violência 211
A Áustria e os habsburgos 219
O monarca, a idéia monárquica e os seus servidores 227
A Alemanha e a França 233
Inglaterra, Itália e Rússia. 241
Educação 249
Deus, religião e providência 257
Arte e cultura 269
Teorias estéticas do nacional-socialismo 279
Posfácio 289
Posfácio II 294
Notas 295
Bibliografia. 303

COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMPRENSA BARREIRO
R VÍTOR BASTOS, 51-LISBOA